



FOME NO SERTÃO, DESTINO DO LIXO, PRECONCEITO AOS HOMOSSEXUAIS, REPRESSÃO E DITADURA...

NADA DISSO, ELES PREFERIRAM A MORTE, UM TEMA GERALMENTE IGNORADO PELOS DEMAIS. ASSUNTO INTRIGANTE PARA SER EXPLORADO NO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE SEIS ESTUDANTES DE JORNALISMO: CIDO, CAMILA, KARINA, ADRIELE, LEILANE, CARLA, QUE MERGULHARAM NA VIDA DE 27 PROFISSIONAIS E APRENDERAM COM ELES O QUE É VIVER DA MORTE.

INESPERADAMENTE. É SEMPRE ASSIM QUE [ELA CHEGA. MESMO QUE [ELA APAREÇA APÓS UMA DOENÇA QUE TENHA CONSUMIDO DIAS E DIAS. PENSAR NELA, ENTÃO, PARA QUÊ? ENQUANTO ESTIVER ACONTECENDO NA CASA AO LADO, FINGIMOS QUE [ELA NÃO EXISTE. FALAR DELA, ENTÃO, SE TORNA ALGO INDESEJÁVEL PARA O SER HUMANO. [ELA FECHA O CICLO DA VIDA, MAS PARA NÓS É SEMPRE INESPERADA.

SE RECORRERMOS À DEFINIÇÃO DOS DICIONÁRIOS, PODEMOS ENCONTRAR UM DOS SINÔNIMOS QUE A REPRESENTA: FIM DA VIDA, DESTRUIÇÃO, RUÍNA, GRANDE DOR, PESAR PROFUNDO, CEIFAR A VIDA. PODEMOS ESCOLHER UM DELES, E FALAR DELA FICA MENOS DOLOROSO.

QU ENTÃO BUSCAMOS SUBTERFÚGIOS NA SABEDORIA POPULAR E USAMOS TERMOS COMO: ABOTOAR O PALETÓ, ADORMECER NO SENHOR, DAR A ALMA A DEUS, DESCANSAR, ESTICAR A CANELA, FECHAR OS OLHOS, IR PARA A CIDADE DOS PÉS JUNTOS. MAS CONTINUAMOS IGNORANDO-A COMO SE [ELA NÃO FIZESSE PARTE DA VIDA, DA NOSSA VIDA.

E QUANDO CHEGA? PARECE QUE UMA CATÁSTROFE SE ABATE SOBRE NÓS. A QUEM RECORRER? COMO CUIDAR DA BUROCRACIA QUE CHEGA JUNTO COM [ELA?

É DISSO QUE FALA ESTE LIVRO: GENTE QUE VIVE DA MORTE. GENTE QUE, COM MUITO RESPEITO, TEM QUE ENFRENTAR TODOS OS DIAS ALGO QUE O SER HUMANO SE NEGA MESMO A PENSAR. COVEIROS, PREPARADORES DE CORPOS, LEGISTAS, PERITOS, CREMADORES, AGENTES FUNERÁRIOS, SÃO ALGUMAS DAS PROFISSÕES ENFOCADAS PELOS AUTORES. CADA UM DELES CONTA COMO ENCARA A PROFISSÃO E OS PRECONCEITOS QUE ENFRENTA AO TRABALHAR COM A MORTE, FAZENDO DELA UMA FORMA DE VIDA.

MARGARETE VIEIRA PEDRO

VIVER DA MORTE

VIVER DA MORTE

ADRIELE MARCHESINI CAMILA GALVEZ CARLA CARNIEL CIDO COELHO KARINA RINALDI LEILANE VIZIBELLI

MORTE. UM ASSUNTO EVITADO POR MUITOS ATÉ O MOMENTO EM QUE É PRECISO ENCARÁ-LO DE FRENTE. O ATO DE MORRER É ESQUECIDO E SUBJUGADO TODOS OS DIAS NAS RUAS, HOSPITAIS E NOTÍCIAS DE JORNAL. A SOCIEDADE MODERNA APRENDEU A TER MEDO E JULGÁ-LA COMO ALGO ANORMAL, ESTRANHO, UM EVENTO QUE NÃO FAZ PARTE DA VIDA DO SER HUMANO. O CAPITALISMO ESTIMULOU O ATO DE NEGAÇÃO, JÁ QUE MORRER É O MESMO QUE NÃO PRODUZIR, NÃO GERAR LUCRO. PORÉM, HÁ MUITOS PROFISSIONAIS QUE ENCONTRARAM EXATAMENTE NO MERCADO DA MORTE UM MEIO DE VIDA. SÃO PERITOS, LEGISTAS, AGENTES FUNERÁRIOS, OPERADORES DE FORNO, COVEIROS, PREPARADORES DE CORPOS, ENTRE OUTROS. GENTE COMO VOCÊ, QUE ACORDA DE MANHÃ, PEGA ÔNIBUS LOTADO, ENFRENTA O TRÂNSITO E CHEGA AO TRABALHO PRONTO PARA ENCARAR UM DOS MAIORES MEDOS DO HOMEM.

VIVER DA MORTE

ADRIELE MARCHESINI CAMILA GALVEZ CARLA CARNIEL CIDO COELHO KARINA RINALDI LEILANE VIZIBELLI

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Livro-reportagem: Viver da Morte / Adrielle Marchesini et al.
2007.

-- f.

Monografia (graduação em Jornalismo) -- Faculdade de
Jornalismo e Relações Públicas da Universidade Metodista de
São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.

Orientação de: Margarete Vieira Pedro

1. Morte - Funeral 2. Coveiro 3. Cemitério 4. Agentes
funerários 5. Peritos criminais I. Marchesini, Adrielle

L767

CDD 070.4

Projeto Experimental de Conclusão do curso de Jornalismo da Faculdade de
Jornalismo e Relações Públicas da Universidade Metodista de São Paulo

Orientação: Prof^{fa} Ms. Margarete Vieira Pedro

Edição: Adrielle Marchesini, Camila Galvez, Carla Carniel,
Cido Coelho, Karina Rinaldi e Leilane Vizibelli

Capa, diagramação, projeto gráfico e editorial: Cido Coelho

Revisão: Irene Rissato Marchesini

Fotografias: Adrielle Marchesini, Camila Galvez, Carla Carniel,
Cido Coelho, Karina Rinaldi e Leilane Vizibelli

Foto dos autores: Billy Fádel

Faculdade de Jornalismo e Relações Públicas da Universidade Metodista de São Paulo
São Bernardo do Campo - Outubro de 2007

Entre em contato com os autores no e-mail viverdamorte@gmail.com

AOS NOSSOS PAIS, QUE NOS DERAM A VIDA,
E À MORTE, QUE NOS FEZ REFLETIR
SOBRE O QUE FAZER DELA

"PARA QUE TEMER A MORTE? ENQUANTO SOMOS,
A MORTE NÃO EXISTE. E QUANDO ELA PASSA A
EXISTIR, NÓS É QUE DEIXAMOS DE SER"
EPICURO, 400 A.C.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I		
Cena do crime	_____	13
CAPÍTULO II		
<i>Causa mortis</i>	_____	33
CAPÍTULO III		
Negócio de família	_____	47
CAPÍTULO IV		
Toques finais	_____	65
CAPÍTULO V		
Sete palmos	_____	85
CAPÍTULO VI		
Ao pó retornaremos	_____	105
CAPÍTULO VII		
Entrada franca	_____	125
MORTE EM TEORIA	_____	139
SÓ POR CURIOSIDADE	_____	153
EXTRAS	_____	163
BIBLIOGRAFIA	_____	189

Por que preferimos a morte

A ciência nasce com o intuito de explicar os mistérios da natureza que fogem ao entendimento do homem. Há teorias para a criação do mundo, o surgimento do ser humano, o funcionamento biológico dos seres vivos e para a própria extinção do planeta. Mas a morte ainda é algo obscuro para a ciência. Para onde vamos, se é que vamos a algum lugar, depois que o corpo pára de funcionar? Esta é uma das questões que mais intrigam o homem moderno, chega até mesmo a ser encarada como um tabu.

A vida é repleta de incertezas. A cada dia somos impulsionados a fazer escolhas, cujo o produto final deveria ser viver bem. A única certeza irrefutável que possuímos é justamente aquilo que se contrapõe ao estado de vida: a morte.

O tema sempre esteve presente na existência do ser humano. Na mitologia grega, Tânatos era o deus da Morte e Hades, o deus do mundo dos mortos. Esta relação está explícita no poema *O Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente. Há ainda a figura oriental da morte, conhecida como “O Ceifador” e frequentemente estampada em cartas de tarô ou trabalhos televisivos e cinematográficos. A morte dá nome e tema para clássicos de grandes autores, como *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e até mesmo infantis como *A Morte tem Sete Herdeiros*, de Stella Carr e Ganymédes José. O famoso escritor e desenhista brasileiro de histórias em quadrinhos Maurício de Souza criou personagens para a *Turma da Mônica* que têm relação com o tema: a *Turma do Penadinho*.

Nós, seres humanos, somos considerados racionais por justamente termos consciência de que existimos. Um macaco, apesar da semelhança conosco, não tem noção de que está em nosso mundo, muito menos de passagem, portanto não reflete nem questiona sua própria existência. A consciência faz parte da etapa mais evoluída do homem. É a partir dela que produzimos as definições para tudo que nos cerca.

Mas o encargo mais pesado de se ter consciência da vida é a certeza de que ela possui um fim. E pior do que ter este conhecimento é conviver com as duas principais incertezas que a única certeza que possuímos nos traz: quando e como. Para isso, ainda em vida, muitas pessoas programam os eventos burocráticos decorrentes da própria morte, contratando serviços e pagando planos funerários durante anos, na expectativa de que, quando a hora chegar, o seu sossego e o de entes queridos estejam assegurados.

Muitas pessoas preferem cegar-se diante desta verdade maior, por medo ou receio, buscando afastar a idéia do fim. A escritora Clarice Lispector entendia bem esse comportamento, e por isso escreveu em seu livro *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* o seguinte: “Temos mantido em segredo a nossa morte para tornar nossa vida possível”.

Como vivemos em um mundo pós-moderno e capitalista, até mesmo a morte se torna um nicho de mercado a ser explorado. Enquanto uns se afastam por puro medo, outros mergulham nesse mundo e fazem dele um meio de sobreviver. Talvez sejam estas as profissões mais paradoxais exercidas pelo homem: o coveiro vive zelando pelos mortos; os preparadores de corpos, conhecidos popularmente como maquiadores e cabeleireiros de mortos, mantêm neles um ar saudável; os mestres-de-cerimônia organizam o ambiente em que o corpo está sendo velado, por exemplo.

São profissões que nem todos os vivos conseguem encarar com naturalidade. Mas tudo depende do quanto a família pode pagar pelos serviços prestados. O escritor Otto Lara Resende (1922-1992) costumava dizer que “a morte é o clube mais aberto do mundo”. Mas até mesmo neste clube há uma área VIP determinada pelo tamanho da conta bancária.

Pelas páginas deste livro, o leitor irá conhecer melhor a vida desses profissionais e como aprenderam a lidar com as situações extremas de suas atividades diárias. Pois compreender e aceitar a morte como algo inerente à vida é uma tarefa que pode nunca ser concluída pela maioria das pessoas, mesmo que o assunto esteja tão próximo a elas.

VIVER DA MORTE

Cena do crime

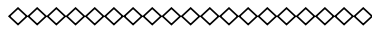
CAPÍTULO



*L*idar com o vivo em determinadas
circunstâncias é muito pior do que
lidar com o morto em si. Imagine uma
criança de 10 anos que foi estuprada pelo
padrasto. Agora imagine um traficante que
foi morto a tiros

ISABEL LETÍCIA EGUÍA POÇO
PERITA CRIMINAL

Atenção, desconfiança, técnica, conhecimento, senso investigativo e, principalmente, paciência são requisitos básicos para o cargo de perito criminal. Porém, acima de tudo isso é necessário um detalhe que não é exigido no teste do concurso público e nem ensinado nas apostilas do curso preparatório: respeito à vítima, àquele corpo que momentos antes tinha vida. No primeiro semestre de 2007, eram mais de mil profissionais, ao menos com parte dessas características, atuando no Estado de São Paulo.



Naquela semana, ele sentiu tudo o que não havia sentido em 13 anos lidando com cadáveres. Desde que ingressou na área de homicídios, foram mais de duas mil cenas do crime. Dois mil corpos. Duas mil situações diferentes - e nenhuma alteração em seu comportamento. Mas bastou o contato com familiares de 199 vítimas para que finalmente sua percepção sobre a morte - e o que há depois dela - mudasse. Isso foi em 17 de julho de 2007, quando o Brasil entrou em comoção após o acidente com o voo 3054, da companhia TAM Linhas Aéreas. Naquele início de noite chuvoso, o avião Airbus A320, que fazia a conexão entre Porto Alegre e São Paulo, chocou-se com um prédio da própria empresa, que ficava próximo ao Aeroporto de Congonhas, na capital paulista.

O acidente aconteceu durante uma tentativa frustrada de pouso - seguida por uma arremetida igualmente frustrada do avião. Pista molhada, falta de aderência da área de pouso e inclusive falha humana foram apontados como prováveis responsáveis pela morte de 199 pessoas, entre passageiros, tripulantes, empregados da TAM que estavam no prédio e pessoas que passavam na rua. Samuel Alves de Melo Neto, então com 41 anos, nunca foi de falar muito sobre seus sentimentos. Engenheiro de formação, decidiu prestar um concurso para a área de perícia criminal em 1993, depois de perder o emprego.

- Eu nem sabia que existia essa carreira. Quando me formei foi uma

época terrível da economia, o Plano Collor.¹ Fui mandado embora da empresa na qual trabalhava como engenheiro recém-formado.

Com as economias, abriu um pequeno negócio. Ao lidar com clientes, conheceu um que era perito criminal e lhe contou mais sobre a profissão. Ao entender melhor o tema, não demorou muito para que a curiosidade se transformasse em interesse – principalmente porque esse tal cliente era, também, um engenheiro.

- Na época, eu disse: quando abrir concurso você me avisa? E foi assim, abriu concurso, ele me ligou, estudei e acabei entrando.

O concurso é promovido pelo governo estadual e garantia em 2007 um salário de aproximadamente R\$ 2,5 mil aos iniciantes. Para poder prestá-lo, é necessário que a pessoa tenha nível superior. Depois da aprovação, o passo seguinte é a Academia de Polícia Civil, conhecida como Acadepol, que prepara os futuros peritos em cursos que duram de dois meses a um ano, dependendo da turma e do ano de ingresso. A área não concentra apenas o setor de homicídios. O estudante pode tornar-se por exemplo, um especialista em identificar falsificações em documentos, área chamada de “documentoscopia”. Quando ingressou na Acadepol, Samuel ainda não sabia exatamente no que se especializaria. Na juventude, em uma aula do colégio, quase desmaiou quando a professora lhe pediu para que furasse o dedo para fazer o teste de tipagem sanguínea. A decisão em optar pela área, entretanto, teve uma motivação maior.

- Fui para o Departamento de Homicídio porque acabei perguntando na academia qual era o local mais sossegado da polícia. Não estou falando que os outros lugares são corruptos, porque nem sei se são ou não. Mas corrupção não é minha praia.

Além disso, o próprio trabalho investigativo instigou o engenheiro. Na Acadepol chamou-lhe a atenção a questão técnica do levantamento de informações da cena do crime.

¹ Série de medidas econômicas - entre elas o confisco da poupança - tomadas entre 1990 e 1992 pelo então presidente, Fernando Collor de Mello, a fim de conter a superinflação

- Não sabia se daria certo esse negócio de trabalhar com mortos, mas pensei: vou para lá, se tudo correr bem fico, se não, saio. Levantamento de local de crime no homicídio é mais interessante do que um acidente de trânsito, engenharia, uma coisa assim, então fiquei fascinado.

Foram dois meses de teoria e outros seis de prática, no estágio. Samuel se considera “sortudo” por seus plantões terem “casado” com o de um perito que, com paciência, deu abertura e tempo necessários para que o rapaz de 27 anos pudesse se ambientar melhor com o trabalho, antes de “colocar a mão na massa”.

- Ele não fez aquele tratamento de choque. Íamos juntos ao local de homicídio.

Na primeira vez em que teve contato direto com o trabalho que, nas semanas seguintes, se tornaria tão comum, foram três ocorrências em três locais diferentes.

- No primeiro o perito responsável disse: você só observa e me ajuda a anotar. Na primeira vez não tive contato direto com o cadáver. Na segunda, ele perguntou se eu queria ajudar... e eu deixei de novo para o próximo. Não que estivesse com medo do corpo em si, mas sim de passar mal com o sangue.

No segundo local de crime não faltava exatamente aquilo que o deixava apreensivo. Uma mulher havia levado um tiro de uma arma de grosso calibre na região temporal, que fica entre a orelha e a parte de trás da cabeça. Mas deixar a experiência para a próxima ocorrência não foi sinônimo de lucro: na terceira cena, a situação ficou ainda pior. Em um local próximo ao centro da capital paulista, o cadáver de um rapaz estava caído na rua, após uma troca de tiros. O chão em volta do corpo estava completamente ensanguentado.

- O procedimento do Departamento de Homicídio é chegar ao local, tirar fotografias, analisar se há vestígios, ver projéteis e outras coisas. Depois começamos a examinar o cadáver e é preciso cortar suas vestes para ver a localização e o tipo dos ferimentos. Eu estava agachado no meio daquele sangue e comecei a me sentir meio mal. Disfarcei, dei uma caminhada. Fiquei um pouco enjoado.

Mais experiente, o perito que o acompanhava entendeu a situação. E, depois disso, o trabalho dificilmente voltou a causar alterações em Samuel. A situação em si nunca chegou a mexer com os sentimentos do engenheiro. No começo, explicou, é normal ficar chocado com a situação de alguém morto, mas a tristeza não é um sentimento que acompanha essa percepção.

- Com o decorrer do tempo parece um objeto, não fico mais chocado. Muda o sentimento que temos em relação ao cadáver. É apenas um trabalho.

A situação passou a mexer mais com o perito depois que teve seu primeiro e único filho, em meados dos anos 90. Crimes que envolviam crianças o deixavam perturbado. Então, para evitar que situações do tipo interferissem em sua vida pessoal, Samuel desenvolveu um mecanismo de memória seletiva.

- Eu não lembro, simplesmente. Tinha dia que era muito carregado, com cinco, seis locais de crime. Ficava tentando lembrar onde é que tinha ido. É uma coisa legal, porque conseguia separar direitinho o meu trabalho da minha vida particular. Anotava e fazia fotografia para não passar nada. Chegava o dia de fazer o laudo tinha que lembrar o que tinha acontecido, então olhava nas fotografias para conseguir me recordar.

Foi então, com muito esforço, que o perito se lembrou de uma das situações mais chocantes vividas durante os anos de trabalho: mãe, pai e filho foram assassinados em uma favela paulistana. O pai devia ao traficante, que invadiu a casa e cometeu o crime.

- Ele matou a criança com tiro nas costas. Toda a equipe estava trans-tornada, não só eu, e queria prender o cara de qualquer jeito. Fiquei chocado com aquela situação, triste, pensativo. Como pode acontecer uma coisa dessas com uma criança? Tive que me segurar, me concentrar para não ficar alterado emocionalmente. Depois que você tem um filho, a vida muda. O profissional que tem uma família e aquele que não tem vêem o trabalho de forma diferente. Você chega a pensar que pode ser seu filho ali. É projeção. E se você tem um namorado, uma namorada ou marido, também acaba projetando.

Para que fosse possível se controlar nessas horas, Samuel se focava no

trabalho: com os olhos voltados diretamente para a parte técnica, sobre o posicionamento dos projéteis, imaginando de onde vieram os disparos, como o assassino fez para entrar e sair do local, era possível não olhar a cena de uma forma geral. E para ele, funcionava.

Lidar com vivos

Com diploma também de processamento de dados – conseguido durante o período em que era perito -, Samuel pediu exoneração do setor de homicídios no primeiro semestre de 2007, o que lhe garantiu, logo em seguida, uma transferência para a área de sua segunda formação na Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo. O motivo do afastamento, garantiu, nada teve a ver com a situação do trabalho em si. Para Samuel, a morte sempre foi um ponto final. E essa idéia, que estava formada antes de lidar com o assunto diariamente, manteve-se depois de tanto tempo atuando como perito criminal em cenas de homicídio. Isso, até 17 de julho de 2007.

- No acidente da TAM, a percepção que tinha da morte mudou. Quando você trata de homicídio, em 90% dos casos a vítima é um bandido. Eu fazia meu trabalho tudo direitinho, mas não estava resolvendo um problema da vítima, estava resolvendo um problema técnico-legal.

O perito já estava afastado das ruas, lidando mais com serviços burocráticos da corporação. Foi, então, escalado pela chefia para dar suporte técnico àqueles que trabalhavam no acidente. Acabou tornando-se o responsável por atualizar as fichas de informações das vítimas, o que auxiliaria no reconhecimento dos corpos – trabalho que deveria ser feito com os familiares. A estrutura foi toda montada com orientações de Samuel: um quarto de hotel foi reservado próximo ao local do acidente, como forma de facilitar o acesso dos familiares das vítimas. O ambiente estava equipado com televisão de plasma para reconhecimento das fotos, dois *notebooks* - um para armazenar as imagens e outro para ser carregado com os novos dados -, um psicólogo e um médico, ambos

de plantão, para prestar atendimento às pessoas que ficassem abaladas ou se sentissem mal durante a entrevista. Na informática e estrutura, eram 31 pessoas mobilizadas – fora os 80 profissionais do Instituto Médico Legal (IML). E, nos postos de entrevistadores, um médico legista e o próprio engenheiro – que pouco falava sobre sentimentos.

- Montei uma base de dados para conseguir separar as informações, levei computadores ao IML, nos quais cadastrávamos as informações que os parentes davam a respeito da vítima, tais como roupa, se tinha alguma operação, marca, cicatriz, cor, altura, peso, tudo. Foram preenchidas fichas com familiares no dia do acidente. Essas informações foram repassadas ao computador, mas achamos necessário refinar os dados, porque no momento em que os parentes preencheram o formulário, estavam alterados emocionalmente, e poderiam não lembrar de tudo. Só que assim, tínhamos que ter todo o cuidado do mundo.

A equipe conseguiu os vídeos do Aeroporto Internacional Salgado Filho, em Porto Alegre, no qual as vítimas passavam pela sala de embarque e pelo detector de metais. Com o material, foram feitas mais de 600 fotos das 187 pessoas que estavam a bordo do avião, entre passageiros e tripulantes, para que não houvesse tanta comoção com as imagens animadas. A entrevista com cada familiar durava de 40 minutos a uma hora.

- Eu achei o procedimento absolutamente necessário, estava totalmente empenhado. Me coloquei no lugar deles. Teve um homem que perdeu a mãe, a mulher e o filho. Outro perdeu a mulher e o filhinho pequenininho. E além de tudo os corpos não serem identificados, ficar esse sofrimento? Então o que pude fazer para ajudar o setor do IML, que fez a identificação, eu fiz.

Incessantemente, durante uma semana, Samuel e seu companheiro de trabalho iam ao IML para atualizar as informações do *notebook*. Depois disso, por volta das 10 horas, a dupla começava a se encontrar com os familiares das vítimas – situação que durava até a 1 hora, aproximadamente. Então, retornavam ao IML para alimentar a base de dados e passar aos médicos plantonistas as novidades.

- Por exemplo: no IML um médico perguntou se tinha alguém carregando uma moeda de um euro. Depois, na entrevista, uma mulher falou: meu filho sempre levava uma moeda de euro para dar sorte. Isso era um fator a mais para direcionar as investigações. Ficava superanimado quando alguém dava uma informação a mais que pudesse levar à identificação.

Praticamente todas as fichas feitas no dia do acidente foram alteradas.

- Tinha trabalhado 13 anos com mortos e achei que faria com o pé nas costas: uma ova! Quando completou uma semana de trabalho direto, na quinta-feira, cheguei para o médico legista que estava comigo e falei que precisávamos terminar até, no máximo, sábado de manhã. Porque já estava sonhando com os familiares, começando a me desgastar emocionalmente e isso poderia prejudicar nosso trabalho. Então empenhamos todas as forças na sexta-feira e no sábado para concluir as entrevistas.

O engenheiro sentia que o sofrimento dos familiares se tornava também o seu.

- Precisei de alguns dias para me recuperar. Ficava em casa pensando naquilo. Lidar com os mortos é uma coisa. Meu negócio é lidar com vestígios. Ferimento no cadáver é um vestígio. Mas lidar com vivos, parentes, com o sofrimento de alguém é complicado.

Nos momentos nos quais se emocionava durante as entrevistas, Samuel chegava a falar de Deus com os familiares.

- Sei que não tem nada a ver, mas falava alguma coisa para confortar as pessoas. Eu dizia: pode ter certeza que seu parente está em um lugar melhor, não está mais aqui neste inferno, está num lugar legal agora. Eu falava acreditando, porque queria acreditar naquilo também.

Samuel levava para casa, todos os dias, a carga das famílias. Conversava pouco sobre o assunto com sua mulher, exatamente para pensar o mínimo possível nele. Mas era difícil não sonhar que fazia entrevistas com os familiares. Perdia horas de sono questionando se as vítimas seriam ou não reconhecidas. Vítimas, essas, que já chamava pelo nome.

- Foi uma situação super triste, ficar uma hora conversando com os familiares.

O perito deixou de sofrer alterações por conta da experiência, o que fez com que voltasse a crer que a morte nada mais é do que um ponto final. E se pudesse, faria tudo de novo.

- Lógico, sem dúvida nenhuma. Faria isso pelos vivos. Tem que ter alguma motivação. Ficar aqui assinando papel? Pára! Quero integrar a estrutura de informática que criei, essa base de dados, para deixar pronta a receita de bolo. Porque se acontecer algo de novo, dá para fazer o negócio legal, sem ter que ficar quebrando tanto a cabeça.

A cena mais triste que o engenheiro guardou em sua memória sobre a semana em que lidou com os familiares foi a de uma mulher que identificou seu marido na fotografia do aeroporto gaúcho. O homem usava uma blusa descrita por Samuel como “muito particular”.

- Ela se despediu da imagem. Isso foi de cortar o coração. Não cheguei a chorar, mas foi uma das situações que mexeu comigo. Fiquei me segurando.

Diferentes percepções

As percepções sobre o trabalho mudam, conforme o profissional. Pouco tempo depois que a central avisou sobre a ocorrência, a viatura já havia chegado até aquela favela de São Paulo. O perito criminal responsável pelo treinamento acompanhava o novato em seu primeiro contato com a cena de um crime, para lhe ensinar como conseguir os vestígios. Mas não foi preciso muito mais de uma hora para terminar o trabalho.

- Às vezes é necessário ficar muito tempo, seis horas, por exemplo. Mas naquela situação a causa era evidente, havia marcas de tiro na parede.

Jefferson del Carlo atuou como perito na cidade de São Paulo também por 13 anos. O então recém-formado em odontologia prestara concurso público para o cargo após indicação de um amigo, que era delegado. A intenção – caso

ficasse entre os aprovados - era atuar na área de Odonto-Legal, que realiza perícias em vítimas de mutilação e pessoas envolvidas em brigas, entre outros. Contudo, após entrar em 1994 na Acadepol para um ano de treinamento, Jefferson, então com 25 anos, sentiu que tinha aptidão para lidar com outro tipo de trabalho: análise de cenas de crimes.

- Quando entramos no Departamento de Homicídio, temos uma formação policial, além de técnica. Uma coisa que me fascinou muito foi a carreira policial. E o trabalho é feito junto ao delegado, na investigação daquele caso. Fascina muito ser um braço da lei, ajudando a desvendar um crime.

E foi exatamente naquela favela paulistana que o dentista teve de colocar em prática o que ainda aprendia no curso preparatório para atuar na profissão.

- Já tinha entrado em favelas para fazer trabalhos sociais, mas nunca em uma situação daquelas. O que mais me chocou foi a discrepância social, e acho que temos que ter uma estrutura emocional muito boa para isso. A mulher estava dentro do barraco, estendida no chão. Estava próxima dos 20, 25 anos. Era magra, de estatura mediana. Tinha os cabelos loiros tingidos e a pele clara. A situação era muito característica: homicídio por perfuração de bala.

O fim daquele primeiro caso, que o perito e outros cinco profissionais da polícia foram averiguar, nunca chegou aos seus ouvidos.

- Não acompanhamos todos os casos, até porque o número de ocorrências é muito grande. Não é como no CSI². Aquilo é um programa, tem que apresentar o resultado em uma hora de episódio.

O fato de ver mortes violentas mudou algumas percepções em seu comportamento. Quanto a um dos principais tabus da sociedade - o próprio ato de morrer - a questão, na avaliação do dentista, não tem ligação tão direta com a profissão.

- Tenho medo de morrer, sim. Aos 15 anos perdi uma pessoa muito que-

² Seriado norte-americano na qual uma equipe de peritos criminais desvenda crimes, desde a cena do homicídio até a conclusão

rida, minha irmã, numa morte violenta, um acidente de moto. Apesar de ser jovem, minha percepção de vida e morte mudou bastante. Essa percepção que tinha por conta do que aconteceu se aguçou ainda mais depois que virei perito.

Para Jefferson, lidar com o tema sempre foi difícil. Contudo, o mais complicado são as situações em que a morte acontece.

- É diferente do médico legista, que trabalha dentro do instituto e analisa os corpos. Nós, peritos, analisamos o local. Então atendemos desde a casa dos Jardins, bairro nobre de São Paulo, até dentro da favela.

De maneira geral, o comportamento diante da cena do crime é fundamental na atuação de um perito. E para Jefferson, a primeira vez em que foi necessário seu olhar técnico para a busca de vestígios, a postura tomada foi a de, acima de tudo, respeito.

- Já trabalhava na área da saúde. Sei que trabalhar com vivos é muito diferente, mas, por outro lado, já sei o que é trabalhar com seres humanos. Sou uma pessoa extremamente bem-humorada e brincalhona. Naquele momento, você não pode brincar em respeito a quem está ali ao redor, os familiares. Respeito à pessoa que morreu, que poderia ser um de nós. Essa é a grande alteração, essa mudança de comportamento.

Uma das regras para que o trabalho seja executado de maneira profissional e eficiente é lembrar que situações de crime são casos a serem resolvidos, e que é do perito parte da responsabilidade para que as investigações transcorram com a melhor clareza e rapidez possíveis. O profissional não terá uma segunda chance: o local do crime não será recriado para que dúvidas possam ser esclarecidas.

- Eu posso ficar dez, 12 horas, três dias, posso pedir para isolar o local. Toda a estrutura fica esperando, enquanto eu quiser isolar a área, posso, mas tenho um tempo de trabalho e aquele momento não volta mais. Então é uma situação de adrenalina, pura adrenalina. Não tenho que solucionar o caso, mas preciso ficar atento a todos os vestígios, colher tudo o que for possível.

É trabalho de um perito criminal a análise externa do corpo – uma vez

que a interna é realizada pelo médico legista – e também não só da cena do crime, mas de seus entornos, conhecidos como área necroscópica. Buracos feitos nas paredes e nos móveis por armas de fogo, impressões digitais, copos usados, e até mordidas em alguns alimentos são cruciais para a resolução do enigma. O melhor a fazer, então, é se ater ao trabalho.

- Os médicos dizem que é muito complicado você operar um familiar, porque há o lado emocional. Eu tenho certeza que não conseguiria fazer uma perícia em um familiar, por motivos óbvios.

O caso que mais chocou o perito foi o de uma garota com cerca de 20 anos, moradora do bairro da Aclimação, Zona Sul da capital paulista. Um vizinho do prédio era apaixonado por ela, sem ser correspondido. O resultado foi um crime passional: quando tomaram juntos o elevador, o garoto cortou sua garganta.

- O pai a encontrou no elevador esgorjada³. Quando você se envolve na história é muito triste. São situações que chocam bastante. Infelizmente a mente humana é sórdida. Não conseguimos fazer com que esse mundo que foi criado, por quem quer que seja, se torne um ambiente agradável.

E da mesma maneira citada por Samuel, a percepção de morte de Jefferson mudou de vez após a gravidez da mulher do perito, em 2007.

- Depois que você pensa em ter um filho, a vida começa a mudar. Eu não gostaria nem um pouco de morrer agora porque quero curtir mais nesse sentido. A vida é um aprendizado muito grande.

Saudade das ruas

Em 2005, o dentista passou a atuar na área de Comunicação da Polícia Científica, ligada à Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo. A indicação para o cargo – mais burocrático do que aquele em que trabalhava –

³ degolada

veio exatamente em um momento em que o perito sentia já ter contribuído da melhor maneira possível para com o serviço de criminalística.

- Acho que na vida temos etapas e o meu ciclo já tinha acabado. Tenho colegas que trabalham há 20 anos, 30 anos. Nunca tive problemas com o trabalho, mas passei de fase. Foi uma oportunidade em um outro setor, para fazer um trabalho diferente. E eu abracei.

Entre as principais mudanças apontadas pelo profissional com seu novo cargo está a questão da rotina de trabalho. Um perito criminal precisa fazer de dez a 12 turnos mensais, com carga de 12 horas por vez – seja de manhã, tarde, noite ou madrugada. Na Comunicação, Jefferson conseguiu voltar à sua rotina, com tempo para a família e outras atividades. A atuação em cenas de crime ficou para trás. Mas ter trocado de cargo aparentemente não deixou muita saudade ao dentista.

- Prefiro lidar com vivos. Mas a morte é sempre um trabalho de respeito.

Diferentemente de Jefferson, Isabel Letícia Eguía Poço assumiu que por vezes sente falta do trabalho. Casada com um médico legista - motivador, inclusive, de sua entrada para a Acadepol por volta de 2002, - a uruguaia de 43 anos deixou o trabalho das ruas, cansada de algumas atividades, em janeiro de 2007. Curiosa assumida, quando fez o curso preparatório de seis meses, Letícia se apaixonou por todas as áreas que envolviam o trabalho. Sem conseguir decidir em qual setor se fixar, acabou se rendendo a todos e foi trabalhar na região de Taboão da Serra, Grande São Paulo, onde o grupo de peritos atuava em escala de rodízio.

- Chega uma hora que são poucas as coisas que desafiam. Um homicídio é sempre desafiante, um acidente de trânsito é desafiante... mas local de furto? Não tinha ninguém na casa e levaram tudo, por exemplo. Você não tem a menor chance de descobrir quem é o culpado.

Letícia sentiu que enquanto atuava na rua, apenas 20% de seu trabalho era aproveitado. Decidiu ir para outro setor, no qual pudesse garantir um resultado inversamente proporcional. Foi então que optou pela área de documen-

toscopia, para analisar a veracidade de documentos e assinaturas. Contudo, a interferência do marido, Arnaldo Poço, também teve sua dose de importância no final das contas.

- Na verdade foi por insistência dele e opção minha. Ele estava ficando muito preocupado de eu sair de madrugada para coisas ridículas, como acidente de carro as 3 horas na favela, no meio do mato. Se é um homicídio, suicídio, um roubo, você vai. Mas uma batida de veículos? Dá para fazer de manhã, não vai mudar nada. Então essas coisas estavam nos deixando meio cansados.

Com um trabalho mais burocrático – e igualmente reflexivo – Letícia não perdeu seus contatos no Taboão, e deixou combinado que quando a saudade de investigar um crime fatal aumentasse, não pensaria duas vezes em acompanhar seus antigos colegas de trabalho.

- De vez em quando sinto falta de um homicídio. São raciocínios completamente diferentes.

Voz interior

Espírita, Letícia possui uma sensibilidade mais aguçada, que auxiliava em seu trabalho. Ela nunca deixou de ouvir aquilo que chama de “voz interior” e que, por muitas vezes, a ajudou a direcionar suas investigações. Certa vez, a perita recebeu um chamado para analisar a cena de um suposto suicídio no parque florestal da cidade de Juquitiba, na Grande São Paulo. Entre árvores e plantas estava caído sobre a terra o corpo da garota, que tinha uma corda em volta do pescoço. A decomposição já avançada do cadáver indicava que a morte havia ocorrido há cerca de dez dias. Uma garrafa de vinho deixada próxima a uma sacola de farmácia completavam a cena. No local, não havia qualquer bolsa ou carteira que pudessem indicar a identidade da moça.

- Na hora em que cheguei e arrumei as coisas, percebi que realmente havia elementos que levavam a um suicídio. No chão estavam jogadas cartelas vazias de um determinado medicamento que, se tomado em excesso, pode causar

paradas cardiorrespiratórias. Então ela poderia ter-se matado dessa maneira.

Mas algo dizia a Letícia para olhar a cena com mais atenção. Por um bom tempo a perita repassou os vestígios e o local: o cadáver caído no chão com a corda em volta do pescoço. Uma sacola de farmácia, igualmente no chão, indicando que aquelas cartelas vazias de remédio – a provável causa da morte – haviam sido compradas momentos antes do suposto suicídio. Uma garrafa de vinho vazia. Tudo indicando que a moça realmente se matara. Mas a “voz” não parava de sussurrar para a perita: “olhe com mais atenção”. E ela o fez: cadáver, corda no pescoço, sacola de farmácia, embalagem de medicamentos, garrafa vazia. Foi então que veio a luz.

- Uma garrafa de vinho precisa de um saca-rolhas. Não era vinho de tampa de rosquear, era vinho bom. E cadê o saca-rolhas?

Letícia olhou à sua volta novamente. Foi aí que encontrou a cartela vazia do saca-rolhas, que ainda continha o formato do acessório.

- Sabe daqueles que você compra no supermercado? Mas não conseguia achar nem o próprio saca-rolhas e nem a rolha. Ninguém sabia onde estava, ninguém tinha visto.

Como o saca-rolhas teria sumido sozinho? Alguém deveria tê-lo levado. A perita começou a dar atenção a outros detalhes. As roupas que a vítima vestia indicavam que, em vida, não havia morado na região de Jucituba.

- Lá é uma comunidade pobre. As chácaras em volta são de pessoas com poder aquisitivo melhor. Mas alguma coisa me dizia: ela não é daqui.

O trabalho foi encerrado, mas a dúvida permaneceu. Assinando o laudo no qual se apontava que o suposto suicídio continha mais indícios de um assassinato, Letícia poderia voltar para a sede, em Taboão da Serra, e continuar com a rotina. Contudo - e novamente - algo lhe dizia para que não parasse por ali. Letícia não conseguia tirar de seu pensamento o rosto da menina – mas em sua lembrança ele não estava desfigurado como ela e a equipe haviam encontrado. Conseguia visualizar exatamente as feições da moça ainda em vida. A perita, então, decidiu ir a uma delegacia que ficava à

frente do departamento onde trabalhava.

- Perguntei à delegada se tinha alguma menina desaparecida na área. Ela apontou para a foto de duas moças na parede, que haviam sido levadas pelas famílias delas. Na hora que olhei a fotografia da garota viva, sorrindo, falei: é ela. Fomos buscar o boletim de ocorrência e vi a do desaparecimento de uma menina com todas as características que tínhamos observado.

A perita entrou em contato com o delegado responsável pela região e explicou o que havia acontecido. Informaram a família da garota desaparecida que poderia ser aquela que havia sido encontrada morta, mas o reconhecimento do cadáver foi infrutífero: os familiares não conseguiram enxergar no corpo desfigurado aquela que conheciam. O passo seguinte foi o exame de DNA, que finalmente apontou a identidade da moça.

- Consegui ver o rosto da menina do mesmo modo que estava na fotografia de desaparecidos. Não tem como explicar.

Letícia nunca soube que rumo tomaram as investigações. Mas a perita teve consciência que a garota, que seria enterrada como desconhecida, finalmente foi entregue à família.

- A minha parte eu fiz: não soltei um laudo de suicídio porque a aparência levava a um suicídio.

Antes de entrar para a área, nunca, em qualquer situação, Letícia havia lidado com corpos. De maneira muito diferente, ensinava a seus alunos as manifestações de vida sob a ótica da química – sua profissão de formação. Foi como professora em Araçatuba que, em 1992, a uruguaia conheceu Arnaldo, que na época também lecionava, na área de medicina legal. Casaram-se e, depois, em 2001, decidiram se mudar para São Paulo. Cerca de um ano mais tarde, o marido lhe mostrou um edital do concurso para perito criminal do governo de São Paulo, e lhe disse que aquela era a profissão que mais combinava com ela. Mesmo com essa identificação não foi tarefa fácil.

- Já cheguei a não conseguir mexer no cadáver.

Um deles foi o de uma cena que envolvia uma criança. No momento em

que aquela menina de 8 anos foi atropelada por um ônibus, pessoas que estavam próximas à rua gritaram. Assustado, o motorista respondeu pisando fundo no freio. Mas a medida não foi a mais acertada.

- Se ela tivesse apenas sido atropelada não teria problemas de mexer, porque já havia feito perícia de crianças atropeladas. Mas na freada ela ficou presa nas rodas traseiras, que têm rodagem dupla. Tivemos que esperar chegar um guincho especial para erguer o ônibus e poder tirar o corpo. Eu precisava virar o corpo para fazer a identificação da criança e não tive condições emocionais, então pedi que o policial militar que estava perto o fizesse. Na academia você aprende a teoria, mas ninguém a prepara para encontrar uma criança morta.

O preparo surgiu com o contato diário com a morte. Quando arrumava a maleta com seus apetrechos, vestia o colete da Polícia Civil e no coldre, em sua cintura, pendurava a arma, era como que “se montar” para a situação – o que lhe dava forças para lidar com as cenas mais tristes. E passar por essa transformação uma vez a cada três dias – em Taboão da Serra o esquema de plantão são 24 por 72 horas – deixou marcas na mãe, esposa, avó e amiga.

- Dou valor às coisas pequenas, como quando vejo uma árvore que não tem uma flor aberta, está cheia de folhinhas amarelas e digo: nossa, que coisa bonita. Você valoriza os cinco minutos que tem com sua família, o fato de acordar bem e de ir dormir bem. Todo mundo faz isso, mas não todo santo dia, não o dia inteiro.

Depois de tantas cenas de crime passou a ser normal considerar o corpo apenas como um objeto de estudo, sem sentimentos. De qualquer maneira, o trabalho não prepara para todas as situações. É exatamente por causa disso que a perita jamais seria responsável por analisar a cena de homicídio, suicídio ou qualquer outra *causa mortis* de um parente.

- Uma coisa é um objeto de estudo, outra é um amigo, um familiar. O que ele era, a essência do ser humano, já foi. Mas se estiver na cena de um ente querido, até entender que ele não está mais ali, é difícil.

Causa mortis



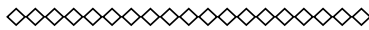
CAPITULO



*Quem trabalha com medicina legal diz
que o corpo fala. O próprio
corpo mostra o que aconteceu, basta ter
olhos para enxergar. É muito interessante.
E o médico tem que ter
espírito investigativo*

MARIO GIMENEZ
MÉDICO LEGISTA

Um corpo só é encaminhado ao IML após solicitação de uma autoridade policial. Se a vítima estiver identificada, é necessário descobrir a causa da morte. Caso contrário, o primeiro passo é colher as informações básicas do cadáver – como impressões digitais, particularidades da arcada dentária e do sangue – para que a família seja informada. Existe uma diferença entre IML e Serviço de Verificação de Óbito (SVO). No primeiro caso, a competência é estadual e trata de mortes violentas, como homicídios, suicídios e acidentes de qualquer natureza. São encaminhados ao SVO, órgão que fica a cargo da secretaria municipal de saúde, corpos daqueles que morreram em condições não-violentas, como doença.



Aconteceu como acontecem as coisas que estão com hora e data marcadas – mas que, até chegar o momento, ninguém faz idéia do que estava reservado. Era uma cerimônia de formatura naquela faculdade de Araçatuba e os professores deveriam vestir becas para ficarem no palco, enquanto os alunos recebiam o diploma. Na hora de colocar o traje, ele, baixinho e gordinho, deparou-se com um modelo mais apertado e comprido. Ela, alta e magra, ficou com as canelas de fora ao vestir aquela roupa mais larga. Não teve remédio: os dois foram para trás dos outros professores – sem as becas – e acabaram rindo depois de descobrirem o mal-entendido. E foi assim que, em 1992, Arnaldo Tadeu Poço, professor de medicina legal, teve tempo para conversar melhor com a professora de química de seus filhos, Isabel Letícia Eguía – que pouco depois adicionaria o sobrenome Poço à assinatura.

O cargo de médico legista também chegou à vida de Arnaldo por acaso. Recém-casado, prestou concurso em 1975, logo após se formar na faculdade de medicina, em 1973. Precisava de dinheiro para garantir o sustento da casa, que dividia com a primeira esposa, quando viu o edital que dava mais detalhes sobre a vaga. Com a ajuda de um professor dos tempos de faculdade, estudou mais

sobre o assunto, fez a prova e garantiu seu lugar entre os aprovados. Logo que começou no cargo, já tinha muita responsabilidade: tornou-se chefe do Instituto Médico Legal (IML) de Araçatuba em 1976, depois de fazer um ano de residência em São Paulo - para o curso de medicina - e o treinamento na Academia de Polícia (Acadepol) - para se oficializar como legista. Sob sua responsabilidade estavam 56 municípios da região noroeste do Estado, mas o movimento não costumava ser muito grande. Durante os 24 anos que chefiou a região - de 1976 até 2000 - foram cerca de 3,5 mil necropsias.

- Cada legista que trabalha no IML do Centro, na capital paulista, faz uma média de 500 necropsias por ano. Para todos os funcionários do instituto de Araçatuba, era apenas uma ou duas por dia. Era tranquilo, mas não menos responsável.

Em 2007, no Estado de São Paulo chegavam ao instituto todos os dias 70 a 80 corpos - sendo que apenas a Capital era responsável por metade desses números. De uma maneira geral, autópsias somavam 30% dos trabalhos, sendo que os 70% restantes eram referentes ao trato com vivos, por meio de exames de lesão corporal, dosagem alcoólica, pré-nupcial, além de sanidades física e mental, por exemplo. Mesmo menos recorrente, o contato com cadáveres é de bastante impacto na vida do profissional.

- A situação não deixa de tocar, mas não posso me deixar levar por isso. Pegar uma criança que morreu em um atropelamento, por exemplo, é uma situação que mexe.

Para Arnaldo, esse é um dos principais desafios da profissão.

- Raramente nos deixamos levar emocionalmente no momento. Se isso acontecer, não tem como fazer o trabalho. É uma coisa automática, você sabe que tem que fazer aquilo, então presta atenção à parte técnica. Não fica procurando os porquês, já que não adianta nada. Vou conseguir voltar atrás? Não.

E foi exatamente esse procedimento que o legista seguiu quando viu que na mesa de autópsia estava o corpo de um de seus amigos. A última vez que

Arnaldo encontrou o colega vivo foi por volta das 14 horas daquele mesmo dia. Três horas depois o rapaz se envolveu em uma briga. Uma hora mais tarde, o cadáver estava no IML.

- Fiz o que tinha que fazer, porque o legista da região era eu. Mas em situações como essa é que você começa a pensar: essa pessoa não teve a mesma chance que eu, mas posso tentar esticar um pouco mais minha vida.

Pensando nisso, o legista passou a enxergar sua existência de uma outra maneira.

- Me controlo mais e não dou tanta bola para aquelas coisinhas bestas que vão acontecendo. Quando somos jovens brigamos por muitas coisas, mas não sou mais assim. Você começa a se sentir como se fosse um presente, um dom estar aqui, vivendo, conversando, transmitindo conhecimento. Valorizar a vida é uma das maiores lições que a medicina legal dá. Você vê gente morrendo porque pulou uma cerca. Cada coisa que acontece por um motivo mais idiota possível, e você está sobrevivendo.

Depois que o corpo chega ao IML e é identificado, é necessário avaliar qual o grau da agressão que levou à morte, se ela é leve, grave ou gravíssima. Com essa informação, o médico pode enquadrar o crime em determinado artigo do Código Penal. Em seguida vem a causa mortis, e é exatamente nesse ponto que entra o senso investigativo do legista.

- A pergunta é: ele morreu de quê? Se não souber, tenho de falar do que não morreu: não foi tiro, não foi facada, não foi acidente de carro e nem afogamento? Então, tenho que pesquisar.

Não foram poucas as vezes que Arnaldo encontrou dificuldade em descobrir o motivo da morte. Em certa ocasião, a vítima estava deitada na mesa de autópsia, sem perfuração de bala, de faca ou qualquer outro indício visível que desse ao menos uma dica sobre a causa. A equipe já estava cansada e o caso deveria ser arquivado como “indefinido”, quando um de seus subordinados apontou para os lados e disse: doutor, você reparou que não tem nenhuma mosca por aqui? Quando o legista olhou com

mais atenção para o chão da sala viu que os insetos estavam mortos, caídos no chão. A dúvida acabou naquela hora. Arnaldo coletou sangue do corpo e enviou ao laboratório. Horas depois, veio a resposta que toda a equipe já previa: a vítima havia sido envenenada. E os mosquitos, que pousaram no cadáver e chuparam seu sangue, acabaram sendo contaminados.

- Gosto de fazer necropsia porque é uma investigação. É interessante descobrir como aconteceu aquilo. E o morto fala para você, ele conta exatamente o que ocorreu.

Religião e ciência

Religião e ciência normalmente não caminham juntas, mas Arnaldo sempre acreditou em Deus. E o contato diário com a morte só fez com que a crença ficasse ainda mais forte com o passar do tempo.

- Você aprende que é limitado. Deus, em cada momento da minha vida, me deu provas de sua existência. Deus sempre esteve presente em vários momentos, em várias situações. Se não fosse ele, não sei se teria chegado até aqui.

Entre as provas mais marcantes da existência de um ser superior em sua vida estão a vez em que operou o coração, em 2001, época em que já estava em São Paulo, e a ocasião em que foi seqüestrado por terroristas africanos, em 1996.

- Já estive clinicamente morto durante a cirurgia. E só fui fazer a operação porque recebi um tipo de um aviso, alguma coisa me despertou.

Arnaldo estava de plantão quando tudo aconteceu. Entre um trabalho e outro, cochilou e acordou com a palavra “dor” soando em seu ouvido. Ainda meio atordoado de sono, não conseguiu identificar muito bem de onde vinha a sensação quando, após se concentrar, percebeu que havia um leve incômodo na cabeça. Apesar de se tratar, aparentemente, de uma dor-de-cabeça comum, decidiu ir para o Instituto do Coração (Incor).

- No hospital o médico me disse: você tem direito a um telefonema. Fui internado pouco tempo depois para ser operado. Hoje tenho um Rodoanel⁴ aqui dentro, com cinco pontes de safena.

Na outra ocasião, um amigo recebeu uma carta na qual lhe era oferecido um negócio com empresários africanos. A parceria prometia uma boa quantia de dinheiro, e o homem decidiu compartilhar a oportunidade com o legista. A comunicação entre as duas partes foi ficando cada vez mais intensa, até que a única coisa que poderia ser feita era uma viagem dos brasileiros até o outro continente para formalizar de uma vez o acordo. Logo que desceram no aeroporto descobriram que tudo não passava de uma farsa arquitetada por uma quadrilha especializada nesse tipo de golpe.

- Ficamos três dias nas mãos deles. Saímos mesmo porque Deus os fez acreditar em uma mentira tão deslavada que conseguimos fugir, fomos para a embaixada e voltamos para o Brasil.

Comunicando-se com os terroristas em inglês, os brasileiros explicaram que, para conseguir pagar a quantia do resgate, seria necessário ir até o centro da cidade e pedir uma ordem de pagamento em determinado local. Quando estavam em público, conseguiram fugir.

- Depois soubemos que um mês antes eles pegaram uma dupla de alemães, que foram mortos porque não quiseram pagar o resgate.

Arnaldo não deixou de acreditar em qualquer coisa que falam, mas também passou a dar ouvidos a outras mais inexplicáveis. Em 2000, o legista e sua família mudaram-se para a cidade de São Paulo, onde, em 2001, ele se tornou chefe de necropsia e ficou responsável por comandar a unidade da Zona Leste – a segunda região mais violenta da capital, perdendo apenas para a Zona Sul, que também tem seu próprio posto do IML. Em ambas as unidades, em 2007, eram cerca de 40 corpos que davam entrada no instituto apenas aos fins de semana. As vítimas eram, em sua maioria, homens

⁴ Rodoanel Metropolitano Mário Covas (SP-21), auto-estrada com quatro trechos, que liga a Região Metropolitana de São Paulo, com construção iniciada em 2002

com idade entre 18 e 25 anos e pertencentes às classes C e D. O motivo? Troca de tiros por compra e venda de drogas, além de brigas entre gangues.

Quando foi criado, em 1885, o IML de São Paulo tinha uma unidade e dois profissionais trabalhando. Mais de 120 anos depois, para atender a tudo o que acontecia na cidade com mais de 11 milhões de habitantes, eram sete postos. Além dos fixados nas duas zonas já citadas, estavam um no Centro, outro na Zona Norte, na Oeste, no bairro São Mateus e no próprio Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP).

Mesmo após anos fazendo autópsias, todos os casos são difíceis para o legista.

- Alguns têm mais e outros têm menos repercussão social. Quantas necropsias fazemos por dia em São Paulo? Se contarmos no mês, examinamos quatro, cinco aviões da TAM⁵ de pessoas mortas.

Para Arnaldo, legistas não são frios, como muitos pensam, mas possuem um auto-controle mais apurado.

- A mesma coisa acontece com o cirurgião. Se naquele momento ele se apavorar, não consegue fazer o serviço. Mas depois, sente como qualquer ser humano. Nós, médicos, somos limitados, a medicina é limitada. Você precisa ter consciência de que fez aquilo que podia fazer. Não é questão nem de ser legista, mas de profissionalismo. Então os casos que tratamos naquele momento são sempre os mais importantes.

Momento de agir

Não deu tempo de comprar o gato. Momentos depois dele e de sua filha saírem de casa na tentativa de escolher um animalzinho para a família, uma ligação interrompeu todo aquele processo que deixara a menina ansiosa. Emergências, aparentemente, não são muito comuns no trabalho de um médico legista: com horários fixos, profissionais da área lidam diariamente com necropsias e,

⁵ Vide Capítulo I

também, com perícias em vivos que sofreram lesões corporais. Mas naquele fim de tarde a situação envolvia a necessidade de uma ação rápida.

Mário Gimenez trabalhava como legista há 18 anos quando, em julho de 2007, o avião da TAM se chocou com um prédio da mesma companhia, próximo ao Aeroporto de Congonhas. Responsável pela elaboração do protocolo de ação da SSP/SP para acidentes em massa, o médico foi chamado para dar os direcionamentos ao resgate dos corpos no local do acidente. A primeira coisa que fez foi definir para onde seriam encaminhado os 199 cadáveres – que até aquele momento eram estimados em 170 – e fazer a triagem inicial das vítimas, por sexo, para encaminhar ao IML.

Em meio a bombeiros, policiais, familiares dos mortos e grande parte da imprensa nacional, Mário dividiu o trabalho com seu colega Arnaldo Poço. Foram cinco dias quase ininterruptos. Mas, naquele momento, o sentimento não foi aquilo que prevaleceu.

- Na hora não dá tempo de chorar, de se ligar demais à situação, até porque tive que tomar providências rapidamente. Ia para casa apenas tomar banho, dormia duas ou três horas e voltava.

Passar por abalos emocionais como o vivido por Mário tem sua remuneração. Porém, o salário inicial, de R\$ 3 mil – considerado baixo quando comparado a outras áreas da medicina – não foi uma das características do cargo que o levaram a prestar o concurso público do governo estadual, em 1989. A motivação principal era aprender melhor aquilo que não teve oportunidade de contato mais aprofundado na faculdade: a manipulação de corpos. Cirurgião de formação, a idéia era ter mais intimidade com o organismo, o que garantiria um melhor desempenho em suas operações.

- Quando se trabalha com corpos no laboratório de anatomia, o cadáver está preparado: com formol, sem as vísceras. Esse corpo está pronto para que seja executado um aprendizado básico, tem características que se assemelham mais a um boneco de borracha. Já no IML, aquele corpo até algumas horas ou minutos, tinha vida. Então ele tem uma cor semelhante ao corpo com vida, ele

tem sangue, as vísceras estão presentes.

É exatamente esse detalhe que garante uma dose de “realidade” ao trabalho do profissional, que também resulta, por vezes, em momentos de emoção. Mesmo assim, a própria formação de médico ensina a pessoa a lidar com a morte de forma mais profissional.

- Em meu primeiro ano de faculdade aprendi anatomia. Foi um grande impacto, porque não estava preparado para a cena. Talvez ali seja o divisor de águas para quem vai estudar medicina. Com o passar dos anos há uma acomodação dos sentimentos. Para ter o curso superior em medicina, são necessários seis anos de estudo, mais outros dois de residência e de um ano a um ano e meio, até se tornar legista. Então, são na realidade dez anos de aprendizado, não é de um minuto para o outro que a pessoa veste uma roupa diferente e vira um legista.

Certa vez, Mário se deparou com o corpo de um menino de 4 anos que tinha sido atropelado por um trem. O cadáver estava cortado ao meio, com todos os órgãos expostos.

- Não há nada mais para descobrir em casos como esse, quando se olha com olhos sentimentais.

O legista explicou que são necessários olhos periciais para lidar com a situação – e a investigação deve ser feita como qualquer outra. Diante de uma cena cuja *causa mortis* era tão evidente, o profissional se ateu ao principal ferimento e constatou que, realmente, o corte havia sido causado pelo contato do corpo com os trilhos e as rodas de uma locomotiva. Trabalho feito, caso encerrado. Mas, enquanto almoçava, tocou o telefone do legista: a delegada responsável pelo caso investigava algumas mortes de crianças e perguntou se Mário tinha observado o ânus da vítima.

- Não me ative a esse tipo de informação porque não fazia parte do quadro principal do óbito.

A delegada contou que a polícia procurava um suspeito que sequestrava crianças, levava próximo às linhas de trem, estuprava e as sufocava até a morte. Depois, jogava as vítimas nos trilhos, como forma de simular

um acidente.

- Voltei para o IML e pedi para reter o corpo. Observei a região anal e na realidade estava um pouco dilatada, por conta do próprio tempo de óbito, e apresentava uma ou outra fissura que não dava para ter certeza se tinha sido provocada por atentado violento ao pudor. Mas foi algo que passou batido na perícia e que me fez parar de analisar os casos com sentimentalismo e observar principalmente do ponto de vista técnico. Então, por mais que seja chocante uma cena dessas, não posso me envolver com o primeiro diagnóstico, tenho que procurar efetivamente o que houve.

Após anos atuando tanto como cirurgião quanto como legista, Mário sentiu o trabalho se tornar menos tenso: uma pessoa na mesa de operações pode morrer se algum procedimento for feito incorretamente, ou, ainda, por falta de recursos da própria medicina. Na mesa de autópsia a situação é outra. O que poderia acontecer, já aconteceu. O foco, então, não é salvar uma vida, mas descobrir o motivo de uma morte.

- A primeira coisa que tenho pelo corpo é muito respeito, mesmo porque até pouco tempo a vítima tinha vida. Jamais se pode tratar o morto de outra forma, já que ele é um ser semelhante a você e à sua família. Depois, a dedicação é ao máximo para saber o que aconteceu com a vítima durante a vida e o que a levou à morte.

Conforme Mário, uma perícia bem feita não demora menos do que meia hora, 45 minutos. Quando se trata de necropsias tidas como mais difíceis, elas podem chegar – e até ultrapassar – a barreira das três horas. O fato de não haver contato com o morto antes da chegada ao IML ajuda a separar o trabalho do sentimento. Então, quando existe a necessidade de fazer a autópsia em alguém conhecido, é necessário se ater somente ao lado técnico.

- Fiz necropsia em amigos e já tive alguns parentes que morreram comigo, quando me procuraram como médico. É claro que o sentimento passa, mas o lado médico fala mais alto naquele momento e a dedicação é igual a qualquer outro paciente. Meus pais e irmãos são vivos, então com uma

proximidade maior eu ainda não tenho experiência. Não sei se estaria preparado para examinar o corpo de algum paciente mais próximo, talvez não.

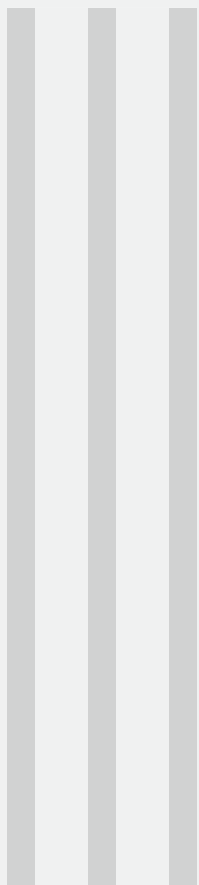
Para Mário não há problemas no fim da vida, uma vez que essa é a única certeza do ser humano. De qualquer maneira, o convívio diário com o tema resultou em modificações consideráveis no seu modo de agir. Mas não para pior.

- É preciso lembrar de viver todos os dias intensamente. Uma coisa que faço há muito tempo é me despedir das minhas duas filhas e minha mulher todos os dias quando saio de casa com um beijo, com carinho, com amor, porque não sei como será meu dia.

Essa consciência do que pode acontecer não se traduziu em uma espécie de pânico.

- O ser humano esconde as coisas que são mais difíceis de lidar, disfarçando de várias formas. As pessoas, por não terem em seu cotidiano a presença da morte, deixam muitas vezes de pensar nisso. Mas o legista não consegue.

Negócio de família



CAPÍTULO

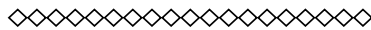


É uma maneira de amenizar um pouco o sofrimento daquele pai ou daquela esposa que perdeu um ente querido.

Nós tentamos nos desdobrar ao máximo para dar um bom atendimento, resolvendo todos os problemas e simplificando tudo

MAURÍLIO TEIXEIRA MARTINS
AGENTE FUNERÁRIO

O estabelecimento fica aberto 24 horas por dia, sete dias por semana. O telefone toca a qualquer momento ou a campanha pode avisar que há mais uma família esperando para ser atendida. As agências funerárias funcionam como hospitais, com funcionários em esquemas de plantão prontos para atender aos clientes e cuidar de todos os procedimentos. Assim que o atestado de óbito é expedido, a empresa fica responsável pela remoção e transporte dos corpos, fornecimento e ornamentação de caixões e regularização da documentação em cartórios e cemitérios. Muitas vezes, são os próprios agentes funerários que trocam as roupas e arrumam os corpos para os velórios e sepultamentos.



Em 26 de junho de 1960, a família Teixeira Martins se reunia em São Caetano do Sul, na Grande São Paulo, para velar o corpo de Maurício, morto em um acidente na Praia Grande, litoral paulista. O jovem Maurílio, aos 19 anos, tinha viajado 400 quilômetros desde São Joaquim da Barra, no interior de São Paulo, para acompanhar o sepultamento do irmão mais velho.

- Quando cheguei para cumprimentar meu pai, ele agradeceu. Então um tio meu falou “É o Maurílio, teu filho!” Meu pai estava tão impressionado que não me reconheceu.

Mas o que marcou a vida de Maurílio naquela viagem à “cidade grande” foi um tapinha nas costas que ganhou antes de partir de volta para sua terra natal, onde morava com os avós e cursava a faculdade de direito.

- No dia seguinte ao velório, uma prima de terceiro grau, uma morena bonita, bateu nas minhas costas e falou “aparece lá em casa”. Fui viajar com o tapinha nas costas, e o levo até hoje.

A prima Sandra Maria, então com 14 anos, se tornaria sua primeira e única namorada. Entre idas e vindas para encontrá-la em São Caetano e cartas de amor recheadas de poemas, Maurílio pediu a mão dela em ca-

samento e, nove anos depois, subiu ao altar ao lado da mulher que tanto amou. Foram 33 anos de casamento, três filhas e duas netas. Depois de tanto tempo viúvo, aprendeu a lidar com a morte de maneira natural, com seqüência de quase 45 anos trabalhando como agente funerário.

- Encaro a vida como uma passagem. E muito curta.

Maurílio foi criado pelos avós enquanto seus pais - de maneira semelhante a tantos outros naquela época - decidiram ganhar a vida longe do interior. Ao chegar em São Caetano, o casal entrou no ramo funerário.

Depois de trabalhar como sapateiro, engraxate, torneiro mecânico, auxiliar de escritório e seresteiro nas horas vagas (entre outras tantas profissões), Maurílio concluiu a faculdade e voltou à Grande São Paulo para encontrar a namorada e entrar de vez para o mundo do serviço funerário. E não se lembra mais qual foi o primeiro trabalho com a morte.

- Já fiz traslado para lá de Belo Horizonte, só o corpo e eu. E, naquela época, a Rodovia Fernão Dias tinha pista simples, sem acostamento. Era uma viagem de 12 a 15 horas e não podia correr muito, pois, em primeiro lugar, vem o respeito com o corpo.

O trabalho diário pode ser resumido em uma tentativa de amenizar um pouco o sofrimento da família. O serviço na funerária envolve toda a parte administrativa, de contatos com hospitais, por exemplo, transporte dos corpos e auxílio a outros processos legais e requisição de documentos, como atestados de óbito.

- A maior dor que uma pessoa pode sentir é a de perder um ente querido. Nada melhor do que ajudar um ser humano numa hora dessas.

Mas é claro que essa ajuda precisa ser sincera e adequada, sem invadir os limites das famílias ou tentar amenizar a situação com palavras de consolo pré-fabricadas.

- É um momento difícil. Se tiver clima e necessidade, falo alguma coisa. Cada caso é um caso.

Mas o principal desafio de Maurílio sempre foi separar o trabalho

da vida pessoal.

- Dói. Você se envolve como se fosse da família. O sentimento que um pai tem ao perder um filho eu também tenho.

Além disso, o telefone celular pode tocar a qualquer hora, em qualquer dia da semana. O agente tem de estar pronto para o trabalho a todo momento. A morte exige, para Maurílio, uma preparação, assim como um período de férias, para o qual as pessoas reservam dinheiro e arrumam as malas.

- Tem que se preparar para não dar trabalho aos filhos e não deixar dívidas.

Católico convicto, é adepto da filosofia do beija-flor, que durante um incêndio na floresta carregava gotas de água em seu bico e as jogava sobre as chamas. Quando questionado pelos outros animais do porquê fazer aquilo se jamais conseguiria apagar o incêndio sozinho, a resposta foi direta: “Estou fazendo a minha parte e, se todo mundo ajudar, com certeza conseguiremos alguma coisa”. Pensando dessa maneira, candidatou-se a vereador na cidade de São Caetano do Sul e, eleito em 1976, criou o projeto que daria origem ao IML da cidade. Antes disso, as autópsias eram realizadas no cemitério, e os corpos eram levados para o local na hora que fosse preciso. Também com esse pensamento, sempre realizou o trabalho diário na funerária.

- Não torço para ninguém morrer. Isso seria, Deus que me perdoe, pecado. Torço para obter a preferência pela qualidade do serviço.

E, para obter essa preferência, disputa até mesmo com a irmã, também proprietária de uma funerária na mesma cidade. Mas, garante, essa concorrência não deixou sinais de preocupação.

- O Sol nasceu para todos. Se uma pessoa está acostumada com uma padaria, pode passar em frente a dez padarias e vai sempre naquela que está acostumada. É assim com posto de gasolina, farmácia, médico e até político.

E o trabalho vai além do escritório da funerária. Ele já precisou ajudar até mesmo em situações inusitadas em velórios. Certa vez teve de segurar e acalmar o filho de uma pessoa que era velada – tudo porque o pai,

em vez de uma esperada herança “polpuda”, havia deixado dívidas a serem pagas. Em outra situação, teve de carregar um senhor que desmaiou várias vezes durante o velório da esposa.

- Às vezes encontro cerimônias muito tristes, às vezes mais amenas. Em outras, ninguém está ligando, ficam contando piadas, falando de viagens e futebol.

Durante o velório é que acontecem as situações mais pitorescas. Entre elas está um caso que seu pai costumava contar, ocorrido nos anos de 1950, quando os corpos ainda eram velados dentro de casa, sobre a mesa da sala. Um senhor havia falecido e tiveram de amarrar suas mãos com uma tira, para que os braços ficassem parados sobre o peito, na posição tida como correta. Enquanto o cadáver ficava na sala, os familiares se reuniram na cozinha para conversar.

Ao passar pelo cômodo do velório, uma moça que servia café viu que a mão do morto estava para cima, em posição diferente – sem se dar conta de que a tira havia estourado. Foi o suficiente para que ela se assustasse e saísse correndo, sem se importar em jogar para o alto tudo o que carregava. Todos os presentes acompanharam o susto e saíram para a rua, onde encontraram um guarda noturno, que prometeu deixar a situação tal qual ela estava antes.

- Eu vou lá e mato!

Com o revólver nas mãos e uma procissão de parentes e conhecidos do morto atrás, o guarda entrou na casa e deu de cara com um homem parado de pé na sala – e aparentemente, muito vivo. O falso-morto era, na verdade, um primo que viera do interior para acompanhar o velório do parente, e que, esquecido no quarto enquanto descansava da viagem, acordou com o barulho e a correria. Acreditando que realmente aquelas pessoas haviam presenciado uma ressurreição, o guarda deu um tiro para o ar e saiu correndo. A confusão só foi esclarecida mais tarde, na delegacia, com o guarda, a família do morto e, é claro, o primo do interior.

Além dos sustos e brigas, há casos como o de Maurílio, de pessoas

que se conhecem e se apaixonam em velórios ou sepultamentos. Três meses depois de perder sua esposa, o mesmo senhor que desmaiou várias vezes nos braços do agente já estava de namorada nova, que conheceu quando foi à funerária acertar a documentação da Previdência Social.

- A mulher perde o marido, mas não chora. Pode até chorar por dentro, mas não dá espetáculo. Cria os filhos, os netos e algumas casam, mas a maioria não. Já o homem não vive sem a mulher.

Apesar das dificuldades em enfrentar a morte diariamente e lidar com o sofrimento das pessoas, Maurílio sempre considerou o trabalho recompensador.

- Recebemos tanto “Deus te ajude” que vale mais do que dinheiro no bolso. Temos que respeitar o ser humano, porque o que uma família está passando hoje, eu já passei, estou passando e ainda vou passar.

Por acaso

Mas não são todos que têm oportunidades e um negócio de família já estabelecido para garantir um emprego. Filho mais velho, ele tinha apenas 14 anos de idade quando terminou os estudos e começou a trabalhar na cidade de Caruaru, em Pernambuco. O pai era contra, dizia que o menino tinha de ir para a escola, mas ele sabia que precisava ajudar a família - era sua obrigação como primogênito. Achou suficiente completar o ensino fundamental, que na época ainda era chamado de ginásio, e arrumou um emprego como padeiro. Pequeno, precisava pular atrás do balcão para ver os clientes e atender aos pedidos - o chefe chegou a montar um caixote de madeira para que ficasse mais alto. O tempo passou, ele cresceu e, em 1972, aos 18 anos, decidiu ir para São Paulo tentar uma vida melhor.

Abençoado até no nome, João de Deus não demorou para encontrar um emprego na área de que tanto gostava. Passou 20 anos trabalhando como padeiro e atingiu o posto máximo da profissão em uma rede de supermercados.

- Eu era mestre-padeiro. Quando chegava alguém novo, mandavam

para eu aprovar e ensinar.

Mas a esposa de João engravidou e, para não ter dificuldades financeiras, ele se viu obrigado a fazer um acordo com a empresa e buscar uma vaga melhor. Fez testes em vários supermercados e quase sempre era aprovado, mas o salário marcado na carteira de trabalho era considerado alto pelos empregadores. A solução veio de um candidato a vereador na cidade paulista de Santo André. João trabalharia como motorista durante a campanha eleitoral e, se o político fosse eleito, teria o emprego garantido. Caso contrário, seria indicado para algum outro serviço. E foi isso que aconteceu. O candidato perdeu a eleição e cumpriu a promessa. Entregou a João um endereço em São Caetano do Sul, afirmando que lá encontraria sua vaga.

- Ele não me falou o que era. Fui até o local no dia seguinte e, quando cheguei no número 1.131 da rua, a primeira coisa que vi foram os caixões. Até perguntei para um homem se a rua tinha dois números iguais, ele me disse que não e que ali era mesmo uma funerária.

Logo ele, que não passava na porta de cemitério à noite e nem entrava em velório, iria trabalhar em uma funerária? Mas a necessidade falou mais alto e João aceitou a vaga, prometendo a si mesmo e à esposa que ficaria naquele emprego por apenas um mês, só até a criança que ela esperava nascer.

- Minha filha nasceu, completei um mês aqui e comecei a gostar, fui acostumando. Passaram dois meses. Quando eu chegava em casa, minha mulher estava na porta, com a toalha e o sabonete. Tirava os sapatos, entrava no banheiro e ela não queria ouvir falar em morte. Então resolvi fazer um acordo com ela: não falava no assunto, mas ficaria alguns dias a mais na funerária. Só que esses dias somaram mais de 15 anos.

Logo no primeiro dia de trabalho, com muito receio, João precisou ir buscar um corpo no pronto-socorro da cidade. E, além de ter que superar o próprio medo, tinha de realizar a tarefa na qual não possuía nenhuma experiência.

- Fiquei olhando como os colegas trabalhavam e achei que nunca iria aprender. Mas em uma semana já fazia aquilo sozinho. Aprendi tudo

na prática e na vontade, porque vi que já tinha perdido o gosto pela profissão de padeiro.

Toda essa dedicação ao trabalho serviu para que passasse a encarar a morte com um olhar totalmente novo. Depois de anos atuando na área, passou a entrar em salas de velório, mesmo sem conhecer o morto.

- Faça isso porque agora estou preparado.

Tão preparado que João fez questão de cuidar até dos corpos de parentes, inclusive do próprio pai. Durante a preparação do cadáver, chegou a tirar a camisa de manga comprida que usava para vestir no corpo, que tinha os braços manchados por marcas de agulhas, fruto do tempo que esteve internado. O trabalho foi realizado com profissionalismo e João só se deu conta da realidade quando chegou com o caixão no velório e encontrou toda a família reunida.

- Senti a garganta fechar e pensei em tudo o que já havia acontecido entre nós dois. Acabei no ambulatório do hospital.

A emoção, porém, não aparece só em casos familiares. João de Deus costumava se comover mesmo com pessoas que nem conhecia. Um dos casos que mais marcaram sua carreira de agente funerário foi o de uma mulher grávida do primeiro filho. Após a morte da mãe, os médicos fizeram rapidamente o parto, tentando salvar a criança, o que não foi possível.

- Pediram para que colocasse o bebê nos braços da mãe no caixão, assim seriam enterrados juntos.

Outro caso que o emocionou: uma noiva que morreu dias antes do casamento e foi enterrada com o vestido que usaria na cerimônia, a pedido do noivo. Para ele, aliás, muitas pessoas encaram a morte como um casamento.

- Do mesmo jeito que escolhem a melhor igreja e a melhor roupa para casar, também querem ser veladas no melhor velório, dentro do melhor caixão. A família sempre quer tudo bonitinho.

Embora a comparação pareça exagerada, muitas vezes, os familiares pedem os caixões mais caros e até chegam a questionar se não há

planos mais luxuosos para as cerimônias. Afinal, é a última chance que a família tem para demonstrar o seu amor. No Serviço Funerário do Município de São Paulo (SFMSP), por exemplo, o pacote mais barato ficava em torno de R\$ 300, em 2007, incluindo caixão, transporte, flores e todos os serviços básicos. Esse valor pode chegar até R\$ 12 mil de acordo com o caixão escolhido pela família. Na funerária particular onde João trabalhava, o pacote mais simples variava entre R\$ 1,2 mil e R\$ 2 mil. Já os planos mais caros, com caixões mais luxuosos, ultrapassavam a casa dos R\$ 8 mil.

Mesmo com tratamento e atendimento luxuosos, muitas pessoas encaram os agentes funerários com preconceito, principalmente quando eles chegam no hospital para buscar os corpos.

- Alguns chegam a culpar a gente pela morte do parente.

O trabalho não se resume à preparação dos corpos para o enterro. Muitas famílias de longe pedem uma última recordação dos parentes mortos, como uma foto. João guardou em casa um álbum de fotografias, com imagens dos corpos dos quais cuidou, inclusive um filme de 36 poses com fotos do cortejo do pai.

- De vez em quando vejo, só que agora não sei onde minha mulher escondeu. Minha família não gosta muito, mas não acho mórbido, afinal, estou arrumando o corpo.

Para ele, não há diferenças entre lidar com vivos ou com mortos e o trabalho passou a ser algo muito natural. Até a própria morte João já planejou.

- Quero ser enterrado do jeito que estou aqui, sem flores, sem nada. Só não quero morrer em briga ou confusão. A morte perfeita para mim é deitar e não acordar mais, sem sentir dor.

Nobreza ou necessidade?

Há ainda aqueles que vêem a profissão como apenas um negócio, igual a outro qualquer. Apesar de ter nascido em uma família tradicio-

nal do ramo funerário em São Caetano do Sul e brincado entre os caixões quando pequeno, Marco Antônio Lombardi preferiu seguir outro caminho. Formado em administração de empresas, trabalhou a vida toda em departamentos de Recursos Humanos de companhias da região. A reviravolta veio no início do ano 2000, quando se separou da esposa e decidiu mudar de vida. Após um convite, Marco foi trabalhar em Goiás, gerenciando um projeto em uma floresta de pinos, com índios e colonos.

- Trabalhei lá por dois anos. É complicado para um paulista ficar no meio do mato. Então, voltei.

E, na volta, acabou assumindo os negócios da família, junto a um irmão. Em 2007, aos 45 anos, Marco já era proprietário de uma funerária, mas não cuidava somente da parte administrativa. Assim como seus funcionários, fazia o papel de agente, buscando e preparando corpos para velórios e sepultamentos. Embora acostumado ao ambiente de trabalho desde que nasceu, nunca encarou a morte com naturalidade, principalmente em casos de algum familiar ou amigo próximo.

- Perguntaram como me sinto quando vejo alguém da minha família morto. Eu respondi que me sinto igual a qualquer pessoa, o sentimento é o mesmo.

Por preferir guardar a imagem dos entes queridos em vida, não vai aos enterros nem velórios de conhecidos. E também não quer que, quando morrer, a família vele seu corpo. Marco já assinou um documento no qual afirma que seu cadáver deve ser doado à uma instituição de medicina, para que possa ser utilizado como objeto de estudo por futuros médicos.

- Quem é sepultado não tem um final, porque todo ano as pessoas vão levar uma flor, seja no Dia de Finados, data de nascimento ou de sepultamento, o que é muito mórbido. Há um final quando a pessoa é cremada ou doada.

Algo que realmente sempre incomodou Marco é a falta de respeito de alguns familiares em relação aos parentes que morrem. Como o caso de um pai que perdeu o filho recém-nascido mas agiu com total desdém em

relação à criança. Os funcionários da funerária precisaram comprar até roupa e velas para o sepultamento.

- Para uma pessoa que tem filhos, como eu, é complicado ver algo assim.

O agente deixou de fazer serviços que envolvessem crianças ou jovens porque sempre acabava pensando nos próprios filhos, além de levantar uma série de questionamentos, como o porquê de Deus ter deixado que aquilo acontecesse. Ao falar de Deus, aliás, Marco deixa claro que, quanto mais trabalha com a morte, mais acredita na existência de um ser superior, já que seria injustiça que a vida simplesmente acabasse no último suspiro.

- De tudo o que Deus fez, o mais correto foi a morte, porque ela iguala todos os seres humanos. Negro e branco, rico e pobre, independentemente do que possui e acredita.

É com esse mesmo senso de justiça que sempre procurou atender aos clientes que entravam na funerária. Mesmo que não existisse um sentimento direto de perda compartilhado com a família, Marco sempre tentou se colocar no lugar das pessoas que estavam sofrendo, pensando no que gostaria que fizessem por ele em uma situação parecida. É comum atender pedidos estranhos dos familiares, como colocar garrafas ou maços de cigarros nos caixões e sepulturas, ou ter de prestar apoio aos mais abalados. As viúvas são as mais sensíveis. Por vezes, algumas mulheres acabam buscando um conforto a mais ao perderem os maridos – confundindo isso com uma carência que chega aos ombros dos agentes. Como está acostumado a lidar com a situação, sabe agir afetuosamente com parentes abalados e sabe também que isso pode acabar gerando um sentimento maior do que o esperado. E se houver interesse de verdade para um relacionamento dos dois lados? Nada é proibido, desde que longe do ambiente de trabalho.

Para Marco a profissão é como outra qualquer e não há nada de nobre no serviço, como já ouviu de muitos clientes. O fato é que alguém precisa fazer esse trabalho, seja por necessidade financeira ou gosto pela profissão. A diferença é somente no respeito com que cada agente funerá-

rio lida com os corpos. E, diferentemente de outros colegas de profissão que aprendem a lidar com a morte naturalmente, Marco sempre trabalhou todos os dias vencendo as próprias limitações.

- Ninguém banaliza a morte. Ninguém tem esse poder. Ninguém está preparado para trabalhar com ela, nem o profissional que trabalha com isso todos os dias.

Ponto de equilíbrio

Quando o telefone tocou e chegou a informação de que uma prima tinha morrido, Waldemar Rodrigues dos Santos Junior voltou do interior de São Paulo para Osasco, a fim de resolver os processos burocráticos que envolvem todas as etapas até o sepultamento. Proprietário de uma funerária e trabalhando no ramo desde a década de 1990, está acostumado a ser referência para amigos e parentes que perdiam um ente querido. Enquanto a maioria das pessoas não sabe como agir e o que fazer em uma situação como essa, Waldemar coordena seus funcionários e fica, na maioria das vezes por telefone, acertando todos os detalhes para que as famílias tenham o menor desgaste possível.

- Passamos por isso todos os dias, enquanto as pessoas passam esporadicamente. Ao longo do tempo, adquiri uma forma de falar e compreender os familiares que acaba auxiliando e orientando-os. Eu realmente gosto de ajudar.

Mesmo antes de entrar para o serviço funerário, sempre se considerou uma pessoa centrada no trabalho. Depois, passou a utilizar toda a seriedade para que não se deixasse envolver com os casos que atende diariamente. No início da carreira, Waldemar procurava saber mais detalhes sobre a vida das pessoas que tinham morrido, mas depois preferiu se manter distante do sofrimento da família e manter o profissionalismo, embora, em alguns casos, a tarefa chegou a ser difícil de ser cumprida.

O agente sempre teve em mente que a melhor forma de ajudar é ouvindo o que os familiares têm a dizer, já que nada do que disser poderá confortá-los ou diminuir a dor. E essa percepção é fruto de experiência própria. Aos 12 anos de idade, Waldemar perdeu a mãe e, desde então, aprendeu a esconder os sentimentos e manter o equilíbrio na hora de lidar com a morte. Vinte e três anos depois da perda, acompanhou a exumação do corpo, que estava 70% intacto por conta do caixão de zinco que era utilizado antigamente. E, se quando pequeno ele não conseguia ir a cemitérios, a profissão o forçou a mudar a atitude.

- Como tudo na vida, temos que nos adaptar. Não sei exatamente explicar, mas hoje a morte já é mais natural para mim.

No final dos anos 90, Waldemar sofreu outro choque, ao lidar com a morte de uma namorada que sofreu de câncer no intestino. Como já trabalhava em funerárias, foi o responsável por escolher o caixão, esperar a remoção e o preparo do corpo. Apesar de lidar com a morte todos os dias, preferia não ter acompanhado esse processo como profissional, e sim como familiar, mas não poderia desapontar as pessoas que contavam com aquela ajuda. Além da emoção de perder quem amava, Waldemar tirou uma lição da experiência.

- Ela tinha exatamente a minha idade, fazia aniversário no mesmo dia que eu e foi uma pessoa com quem aprendi bastante. Isso me fez amadurecer, me deu uma perspectiva de que realmente o que temos que fazer é aproveitar a vida o máximo possível. O que se leva dessa vida é a vida que se leva.

E, seguindo a vida, acabou conhecendo sua esposa quando trabalhava como gerente de funerária em um cemitério de Guarulhos, na Grande São Paulo. Ela era a vendedora de quem ele comprava caixões para os sepultamentos. Os dois, que já tinham filhos de outros relacionamentos, casaram-se e passaram a administrar a própria agência funerária. Os filhos, já adolescentes, moram no interior com os avós e, se depender de Waldemar, continuarão afastados do trabalho na funerária.

- Acho que não é preciso. Embora conheça muitos filhos que trabalham com os pais e aplicaram boas técnicas de administração na funerária.

A explicação para esse resguardo talvez venha da vontade de não continuar no ramo. Em 2007, aos 43 anos, Waldemar já superou os desafios que a profissão traz e adquiriu todo o conhecimento necessário na área. Se antes gostava de atender às famílias e cuidar do trabalho mais prático, tornou-se responsável pela observação e coordenação do trabalho dos outros.

- Já estou começando a ver outras empresas em que possa trabalhar. Fui diminuindo meu trabalho gradativamente e hoje meu foco principal são os traslados aéreos e terrestres. Antes eu gostava muito mais de encontrar os familiares, mas hoje já não tenho mais tanta paciência para isso.



Toques finais

CAPÍTULO



Esse serviço faz com que tenhamos um certo equilíbrio entre a frieza e o lado humano. Assim, passamos a encarar a morte de uma maneira diferente de qualquer outra pessoa que não tem contato direto com ela

DIEGO TERADA
PREPARADOR DE CORPOS

A preparação de corpos consiste em várias técnicas utilizadas nos mortos que diferem de acordo com o tipo de morte, com os desejos da pessoa ainda em vida e com o que a família pede. Por exemplo, uma das técnicas que normalmente é feita em todos os cadáveres é a necromaquiagem - maquiagem feita em mortos. Apesar de ser basicamente igual em todos os corpos, pode ser realizada de formas diferentes de acordo com a situação. O preço médio desse procedimento é de R\$ 200.

No Estado de São Paulo, existem clínicas especializadas para esse tipo de atendimento. Além delas, algumas agências funerárias e cemitérios também investem na preparação de corpos para facilitar os trabalhos e não depender de terceirização.



Alegria e tristeza: dois sentimentos antagônicos, extremos e inerentes ao ser humano. O contraste entre um e outro está presente na vida de cada um, e a exata medida de ambos fornece o equilíbrio necessário.

Um homem e sua arte. Não apenas uma, mas duas. O maestro capaz de emocionar pessoas com a música, e o preparador de cadáveres com a habilidade de reconstituir o rosto de alguém que morreu. Em 2007, aos 24 anos, essa era a vida de Diego Terada, que além das duas profissões, acumulava a de técnico em necropsia no Serviço Funerário da Serra, em Itapecerica da Serra. Um dia, tocava com sua banda em um casamento em São Paulo. Todos os convidados ansiavam em ver a entrada da noiva. Diego utilizava sua arte para o momento triunfal. Ficava eufórico, mal podia esperar para comandar o grupo musical. O repertório havia sido preparado da forma mais alegre possível. O objetivo era realizar sonhos por meio de notas.

- A música trabalha a emoção das pessoas. Se você está em um casamento, com coral e orquestra, é responsável por emocioná-las.

No dia seguinte, precisava deixar de lado toda a euforia e se preparava para tocar algo diferente. Era dia de despedida. Em vez de rostos iluminados diante do maestro estariam pessoas tristes, abaladas e inconformadas. Sorrisos neste dia serviriam apenas para tentar confortar o próximo. Diego, então, preparava-se para amenizar perdas.

- Em um funeral é diferente. Você precisa se comportar de acordo com o ambiente. Nesse momento o ser humano fica mais sensível emocionalmente. Por exemplo: uma pessoa perdeu o pai. Se eu colocar uma melodia que fale sobre pais, isso vai tocá-la. Todos nós quando ouvimos uma música nos sentimos tocados em algum momento, então por que não na hora da morte?

Quando não estava regendo, manuseava com a mesma precisão outros instrumentos que, no fim, davam origem ao que muitos consideravam como milagre. Baseando-se em fotos de quando a pessoa ainda era viva, escaneando-as e fazendo a ampliação de todas, Diego aprendeu a realizar a reconstituição facial, devolvendo o formato original de um rosto que antes estava irreconhecível devido a algum acidente.

- É uma verdadeira obra de arte, porque você tem de deixar a pessoa o mais próximo do que ela era em vida.

Certa vez, o maestro teve de lidar como um caso envolvendo cinco pessoas da mesma família que sofreram um acidente de carro. Todas morreram na hora após baterem de frente com uma carreta na Rodovia Régis Bittencourt, que liga São Paulo a Curitiba.

- É um trabalho de observação. Para finalizar a preparação dos cinco corpos levei aproximadamente 16 horas, com interrupção só para me alimentar, descansar um pouquinho e continuar o trabalho entre um corpo e o outro.

Tudo começou aos 13 anos, quando Diego se interessou pelo ramo da morte ao descobrir que um conhecido trabalhava em uma funerária. De início, atuou como atendente, sem ter contato direto com os mortos.

O primeiro contato que teve com a morte foi um cadáver em estado de putrefação que teve que ser removido do local onde se encontrava.

- O lugar era de difícil acesso. Na época, eu tinha 14 anos. A primeira impressão não poderia ter sido pior.

Mesmo com o choque, com o passar dos anos, a curiosidade apenas aumentou e assim que atingiu a maioridade, Diego fez toda a preparação e cursos necessários para trabalhar diretamente com corpos. A missão tornou-se, então, amenizar as marcas deixadas no corpo decorrentes da morte. A família prestes a se despedir do ente querido costuma guardar a imagem daquele instante na mente. Isso chega a ser um motivo para que muitos optem por não participar de velórios. Para aqueles que decidem acompanhar o cadáver em todos os instantes, ficando o tempo todo à beira do caixão, nada mais justo que a cena seja a menos chocante possível.

Diego já perdeu a conta de quantos mortos preparou, mas existem casos que marcam mais que outros. Uma outra história que o marcou envolveu, novamente, um acidente na Rodovia Régis Bittencourt. Um caminhoneiro transportava produtos para outra cidade e resolveu levar o filho, naquela época com 7 anos, para fazer a viagem com ele. A criança, que estava dormindo no banco ao lado do pai, acordou de repente e disse.

- Papai, eu te amo!

Quando o caminhoneiro se voltou para dar atenção ao filho, bateu na traseira de outra carreta. O pai sofreu ferimentos leves, mas a criança não resistiu.

- Antes de preparar o corpo, acompanhei também a fase da liberação. Isso foi o que me deixou mais triste, ver o pai se lamentando, contando a história todo inconformado e se culpando. No momento em que trabalhei diretamente com o corpo fiquei imaginando aquilo tudo que o pai já tinha me contado.

Naquele caso, além da reconstituição, o profissional também fez o embalsamamento, que normalmente é aplicado quando o enterro será

realizado em outra cidade e o cadáver precisa estar intacto mesmo após horas de viagem. Nessa técnica, os órgãos internos são retirados e colocados de molho durante algumas horas no formol, para depois serem recolocados no morto com serragem. O procedimento custa, aproximadamente, R\$ 1,2 mil.

Diego também encontrou vaga no Crematório Horto da Paz, em Itapeverica da Serra. Lá o trabalho é um pouco diferente: um corpo não pode ser cremado com marca-passo porque o aparelho pode explodir com a temperatura do forno. Então, antes de dar prosseguimento ao cerimonial de cremação, a equipe pede para que a família responda a um questionário como parte de um procedimento padrão. Uma das questões é sobre o uso do marca-passo. Se a resposta for afirmativa, o profissional é chamado até o local para fazer a retirada antes da cerimônia. Trata-se de um procedimento quase cirúrgico, no qual é necessário abrir a parte torácica para poder remover o aparelho.

Enquanto o corpo é manuseado, coisas curiosas podem acontecer, como, por exemplo, um leve movimento das mãos. Fenômenos completamente normais, são chamados de “espasmos cadavéricos”. No início da carreira Diego se assustava com eles, mas depois acabou se acostumando.

- Para conseguir ver esses espasmos você tem que estar muito concentrado, porque são difíceis de perceber. Além de movimentos, pode ocorrer também de o corpo soltar gases enquanto é manuseado. Isso normalmente assusta as pessoas que nunca ouviram falar sobre espasmos.

Mesmo na profissão, lidando diretamente com mortos em diferentes estados, uns mais chocantes que outros, Diego não conseguiu deixar de carregar o medo da morte dentro de si.

- Nós trabalhamos com corpos e imaginamos o quanto foi sofrido morrer.

É comum que o trato direto com essas questões faça com que alguns profissionais percam o medo. Com Diego foi justamente o contrário. Dia após dia, corpo após corpo, nunca conseguiu se desvencilhar de

seus temores. Apenas quando ele próprio se viu à beira da morte, conseguiu encarar essa situação com outros olhos e valorizar mais a vida.

- Tive um problema sério de saúde. Cheguei a ter uma parada cardiorrespiratória. Isso fez com que eu tivesse outra visão. Você vê que em fração de segundos a vida acaba, e deixamos tudo: sonhos, planos, aquilo que conquistamos. Deixamos as pessoas que amamos. A morte faz parte do ciclo da vida. Mais cedo ou mais tarde partiremos.

Mas o medo do qual Diego se livrou foi em relação à sua própria partida, não a de familiares.

- Nunca queremos que as pessoas que amamos morram primeiro que nós. Não estou preparado emocionalmente. Passei por isso há pouco tempo. Era uma tia a quem fui muito apegado. Precisei cuidar de tudo, todos os detalhes do funeral, tudo que faço para os outros.

O preparador sempre amou a profissão. Acredita que ela seja extremamente útil por auxiliar as pessoas no momento em que elas mais precisam e que menos possuem condições emocionais para tomar providências. Mesmo tendo essa percepção sobre o trabalho, já sentiu preconceito.

- Alguém tem que fazer esse trabalho e com competência, tratando com respeito a pessoa. Mas não é todo mundo que vê assim. Para quem nunca precisou de um serviço desse tipo é fácil criticar porque já ouviu alguém falando mal ou algo do tipo. Essa visão só muda mesmo quando nossos trabalhos são necessários.

Certa vez, Diego passou mal e foi, vestindo o uniforme da funerária na qual trabalhava, ao hospital. Ao chegar, foi convidado pelo segurança a se retirar, pois sua presença poderia causar constrangimentos aos familiares das pessoas que estavam internadas. Todos ao redor imaginavam que ele estava ali à espera de um óbito, em busca de clientes. Só pôde permanecer no local quando deixou claro que não se sentia bem e precisava de cuidados médicos.

Essa não foi a única vez em que o rapaz enfrentou esse tipo de

situação. Acostumou-se a ouvir comentários do tipo “é um urubu, um papa-defuntos”.

- As pessoas têm que me aceitar do jeito que sou, independentemente do meu trabalho, pois ele é digno como qualquer outro. Mas, Graças a Deus, em relação às amizades isso nunca interferiu em nada.

Felizmente, a família sempre deu todo o apoio necessário para que o rapaz nunca desistisse, idéia que já passou por sua mente inúmeras vezes. Administrar a vida de maestro e de preparador de corpos, misturando ambas as profissões em algumas circunstâncias, levou o jovem a pensar em jogar a carreira de preparador para o alto. Com tanto estresse, agenda lotada e muitas responsabilidades, Diego passou a treinar, no início dos anos 2000, outras pessoas para fazer seu trabalho no Serviço Funerário da Serra.

- Antigamente gostava muito de mexer diretamente com os corpos. Hoje, particularmente, não gosto mais. Agora trabalho só na parte administrativa e técnica.

Com um pouco mais de folga em seus horários, o profissional teve tempo para aproveitar os fins de semana para sair com amigos. Mas, por trabalhar com algo tão curioso, nem mesmo nos momentos de descontração conseguia esquecer da morte. Foi numa noite dessas, sentado à mesa de um bar, que um dos amigos falou em tom de brincadeira.

- Quando eu morrer, você vai me preparar.

Para surpresa e tristeza do maestro, no dia seguinte o colega sofreu um acidente de moto e morreu.

- Tive essa missão e não foi nada fácil. Preparei com as minhas próprias mãos. Aos meus olhos, parecia ter firmado um compromisso na mesa do bar, por mais que estivesse brincando.

Existem situações, como aquela, que são carregadas de pesar. Quando o tema é a morte, dificilmente é possível discorrer sobre ele sem franzir o cenho, ou sentir arrepios. Mas o que pensar e sentir quando se chega em um velório e o morto está fantasiado de palhaço? Ou então,

uma senhora que foi enterrada trajando um vestido de noiva? Depois de tantas histórias tristes, Diego aprendeu que é possível sair do comum com algumas cenas que provocaram risos ao invés de lágrimas.

- Ela tinha 78 anos e nunca conseguiu casar. Como era uma pessoa muito antiga fez o vestido de noiva para o enxoval e nunca usou. Então pensou que, já que não havia realizado o sonho, queria ser enterrada de noiva. Já o palhaço foi porque ele falava brincando para as pessoas sobre isso. Quando morreu, a família não sabia se concretizava aquele desejo estranho, ou não. No fim, decidiu fazer do jeito que ele dizia querer.

Herança de família

Mesmo sendo jovem, o preparador de corpos Diego Rogério Cunha, em 2007 aos 25 anos, já completava dez na profissão. Para ele, é uma atividade normal, pois desde muito jovem assistia e acompanhava o pai, que também atuava na área. Em vez de jogar bola ou brincar de pião, como a maioria dos meninos de sua idade, arrumava outro tipo de atividade para passar o tempo.

- Desde os 10 anos vejo o meu pai preparando corpos. Com uns 15, na curiosidade de menino, colocava a luva e ficava pegando nos órgãos, preparando e mexendo para conhecer.

Atuando no Cemitério e Crematório Metropolitano Primavera, em Guarulhos, criou a percepção de que o trabalho é como qualquer outro e, portanto, é necessário manter o profissionalismo. Mesmo assim, assume que existem momentos em que o abalo é quase inevitável.

Era um dia comum de trabalho para o jovem. Tudo acontecia como de costume: os corpos chegavam, eram analisados e ele iniciava as atividades. Mas as coisas começaram a mudar quando viu o nome de quem teria que preparar em seguida. O cadáver que estava ali, à espera de seus cuidados, não era apenas mais um como tantos outros.

- Era um amigo que casou com minha vizinha, fazia academia

junto comigo e era segurança de escolta. De mais de mil casos que cheguei a preparar, não lembro do rosto de ninguém, mas esse ficou marcado. Enquanto preparava o corpo, ficava lembrando que o via na academia ou então com a minha vizinha. Lembro até hoje do rosto dele, tudo por conhecer a pessoa.

Para parte dos profissionais que atuam na área, algo que mexe muito com os sentimentos é quando o corpo é de um bebê, criança ou jovem. Pensar no que aquela criança poderia ter vivido ou em que tipo de adulto se transformaria é complicado. Com Rogério não é diferente. Sobra, então, uma sensação de impotência, sem poder mudar o fato de que alguém não pôde conhecer e usufruir totalmente a vida.

- Cheguei a preparar um feto de cinco meses, tão pequeno que dava para pegar com a palma da mão. Preparei da mesma forma que prepararia uma criança que tivesse completado a gestação. O procedimento não muda, mas a situação em si ficou gravada na minha mente.

Uma das técnicas necessárias para a conservação do morto durante o velório é a “formalização”, na qual o profissional injeta uma mistura de formol com água através da corrente sangüínea, substituindo os fluídos existentes por essa mistura. O procedimento custa, em média, R\$ 700. E mesmo habituado ao extremo, ao estranho, algumas situações conseguem surpreender os profissionais. Naquele dia, tudo corria normalmente e Rogério realizava a “formalização” em um cadáver. Então, uma mulher entrou na sala em que ele trabalhava e lhe pediu, sem mais explicações, para que colocasse um papel com o nome de uma pessoa no cadáver depois que terminasse seus serviços.

- Não tive coragem. Foi a coisa mais estranha que alguém já me pediu. Perguntei o motivo daquilo e ela falou que era coisa dela. Falei então que infelizmente isso não poderia fazer.

Pedidos esquisitos podem ser difíceis – quando não impossíveis - de realizar. Mas o que realmente pode se transformar em desafio é con-

seguir devolver ao morto a aparência que possuía ainda em vida. Certa vez, um caso muito complicado caiu nas mãos de Rogério: um homem foi atropelado por um caminhão e seu rosto estava irreconhecível.

- O irmão só identificou o cadáver por uma cicatriz na perna. Fiz a reconstituição interna com panos, pó de serra, bolinhas de jornal e formol. Esse procedimento inicial serve para devolver o formato original do rosto. Depois tudo é finalizado na base da maquiagem. Só assim é possível disfarçar os arranhões e machucados.

Mesmo sem conhecer a pessoa antes do acidente, Rogério conseguiu devolver o formato natural do rosto. A confirmação veio depois que o irmão do morto comentou com seu pai – que estava por acaso no local – sobre o resultado do trabalho, agradecendo muito por tudo que aquilo tinha representado para a família e parabenizando o profissional pelo excelente trabalho.

Além de higienizar e restaurar faces, Rogério teve de aprender, também, a fazer maquiagem, arrumar os cabelos e unhas dos corpos.

- O processo é relativamente simples: apenas as partes que aparecem no caixão são maquiadas, de forma discreta, sem abusar. Tudo é feito apenas para melhorar a imagem.

Os desejos expressos pela pessoa antes da morte, ou pelos parentes, são atendidos sempre que possível, desde que a família arque com os custos.

Algumas das exigências envolvem fazer a preparação com os acessórios utilizados em vida.

- Há familiares que fazem questão de trazer a própria maquiagem da pessoa, não aceitam que coloque outro tipo.

Também são levados outros produtos de uso pessoal, como o perfume preferido, por exemplo. Alguns parentes vão além, fazendo pedidos que Rogério classifica como inusitados.

- Pediram para cortar um pedaço do cabelo de uma moça e guardar dentro de um saquinho para a família levar para casa.

Casos parecidos aconteceram com José Ailton de Lima, também preparador de corpos. Além de trazerem os próprios pertences que a pessoa utilizava em vida, os parentes também exigiram que eles próprios enfeitassem o corpo, não permitindo que alguém da equipe profissional executasse a tarefa.

José começou a trabalhar no Atendimento Especial ao Esquife (Aespe) em 2002, quando tinha 20 anos. A Aespe passou a funcionar em Guarulhos, na Grande São Paulo, desde o final da década de 1990. O local também é especializado em preparação de corpos.

Assim como aconteceu com Rogério, carregou a profissão como uma herança de família. Desde os 12 anos, acompanhava o pai, que é o dono da clínica na qual trabalha. Foi assim que surgiu a curiosidade de se tornar um profissional que lida diariamente com a morte.

- Meu pai me chamava para ir a todos os lugares, em hospitais, por exemplo. Eu o via trabalhando e comecei a me interessar.

Além do pai, outros membros da família também faziam parte do ramo. A irmã de José trabalha na administração da Aespe, e a mãe em uma agência funerária. Não havia como fugir: já estava interessado, todos na sua casa trabalhavam com isso e ele foi gostando cada vez mais da história.

O profissional sempre encarou tudo com muita naturalidade. Aprendeu a lidar muito bem com a morte e passa tranquilidade em falar sobre o tema. Já se viu “obrigado” a tratar de corpos de pessoas conhecidas, como o de seu avô.

- Foi normal, do jeito que eu preparei os outros.

Mas mesmo sendo tudo tão natural, existem serviços que se mostram mais complexos e marcantes que outros. Certa vez um homem de 25 anos sofreu um acidente envolvendo um trem.

- Ele foi cortado ao meio, então tive que remendar tudo. Costurei o contorno da cintura e depois, para disfarçar a marca, passei uma massa de modelar especial, coberta com maquiagem.

Tragédias próximas, que envolvem parentes e amigos, são ines-

quecíveis. Mas acidentes que, a princípio podem parecer muito distantes da realidade, se tornam parte da memória desses profissionais. Um exemplo foi o acidente da TAM,⁶ que aconteceu dia 17 de julho de 2007, no Aeroporto de Congonhas, em São Paulo. José se viu completamente envolvido na maior tragédia da aviação brasileira. Foram enviados cem corpos para a Aespe, e um deles ainda estava na clínica um mês após o ocorrido. Tratava-se de um francês que não podia ser embarcado para seu país de origem até que toda documentação necessária fosse providenciada.

Como divulgou a imprensa, a maioria dos corpos encontrados no local do acidente da TAM estava 80% carbonizada, o que fez com que a preparação fosse diferente da habitual. Os procedimentos não aliviaram as marcas e nem o mau cheiro, que são característicos de um corpo no estado em que se encontravam.

- Não tinha muito o que fazer. Os restos mortais eram colocados em um saco, no qual se adicionava formol e serragem para secar todo o líquido. Então eram colocados produtos químicos, depois trocava-se o saco e o morto voltava para o caixão. Esse procedimento foi feito apenas para que o corpo pudesse ser embarcado no aeroporto sem causar transtornos.

Grandes acidentes marcam. Mas existem situações que se tornam ainda mais trágicas quando se assemelham com a realidade do profissional. O fato de José ter um filho fez com que se tornasse mais difícil executar o trabalho em crianças.

- É mesmo ruim. Quando mexo com crianças fico pensando que poderia ser meu filho. A sensação desagradável só passa quando o serviço termina.

Existem cuidados que devem ser tomados para evitar constrangimentos aos familiares e amigos durante o velório. Um deles é o procedimento básico de aspirar os líquidos do cadáver para evitar vazamentos. Essa técnica é aplicada principalmente nos casos em que a pessoa passou

⁶ Vide Capítulo I

muito tempo internada, tomando soro, por exemplo.

Quando toda a etapa de limpeza é pulada e o corpo vai do hospital direto para o velório, sem passar pelas mãos de um preparador, pode começar a vaziar e liberar odores. Nesses casos, a equipe recebe um chamado de urgência e vai até o local para realizar o serviço.

- A orientação é que as pessoas se retirem do local, para que o profissional fique a sós na sala do velório. Então, com uma aparelhagem específica realiza-se a aspiração dos líquidos que estão vazando. Quando necessário, o corpo é arrumado de maneira melhor antes que as pessoas retornem ao local.

A profissão de José parece não possuir situações muito inusitadas. A rotina é lidar com a morte e amenizar as marcas deixadas nos corpos. Mas mesmo quando tudo parece óbvio podem surgir casos intrigantes. Um dia, o funcionário de uma agência funerária disse pelo telefone:

-Tem uma mulher aí.

Quando José passou os olhos pela documentação, a surpresa:

- Olhei pelo óbito e o nome era de homem!

Não satisfeito, foi a fundo para entender o que estava acontecendo.

- Abri o caixão e vi que se tratava de um travesti.

Em caso de dúvida sobre que tipo de procedimentos devem ser aplicados – se aqueles destinados ao homem, ou à mulher – deve-se respeitar sempre a vontade das pessoas mais próximas.

- Arrumei como mulher porque os amigos assim pediram.

Apaixonado pela morte

Desde os 19 anos, Fábio de Sousa lidava com corpos. Em 2007, já com 25 anos, atuava no Instituto Médico Legal (IML) de São Caetano do Sul, como auxiliar de necropsia, e na Clínica Paulista, em Santo André, na parte dos cuidados com os corpos. Com o tempo, aprendeu que existiam algumas atitu-



des básicas que devem ser tomadas para ser um bom profissional.

- Deve-se ter, principalmente, respeito pelo cadáver e familiares que perderam um ente querido. E profissionalismo. Ser profissional no que você faz e como faz. Respeitar para ser respeitado.

Quem pretende seguir essa profissão deve manter a cabeça no lugar e enfrentar seus medos, pois lidar com a morte é algo complicado e que tende a abalar o lado emocional. No início da carreira as experiências podem ser traumatizantes.

- No primeiro mês em que um conhecido meu começou a trabalhar, ele pegou uma criança de 6 anos – a mesma idade do filho. Quando viu a mãe e o pai chorando, entrou em estado de choque. Os pais da criança tiveram que socorrê-lo e tirá-lo da sala de tanto que ele chorava.

Foi ainda na adolescência, depois de assistir a filmes na televisão que mostravam pedaços de corpos e pessoas trabalhando com eles, que senti vontade de trabalhar bem perto dela.

- É amor. Eu gosto demais de mexer com cadáveres. As pessoas me perguntam: Cara, você gosta de mulher? E eu respondo: Gosto. E depois: E de mexer com morto? Então eu falo: Vixe, amo!

Para uma pessoa que enfrenta a morte com tanto entusiasmo e facilidade, deve ser natural, também, lidar com situações em que a vida está em jogo, certo? Errado. Fábio jamais trabalharia como bombeiro, por exemplo, com vidas dependendo inteiramente de suas atitudes. A dor e o sofrimento o inibem.

- Não tenho coragem de lidar. Já presenciei cenas de acidentes e são terríveis. Agora, depois que morreu, sei que não estão mais sentindo dor. Então fica fácil fazer meu trabalho.

Freqüentador de uma igreja evangélica, Fábio não se abala quando o corpo com que tem que lidar é de uma criança, pois acredita que elas não possuem pecados, são seres inocentes.

- Se está lá, você faz. É profissional e não escolhe. Eu acho até

bom, sei que é um anjo.

Fábio sempre procurou corresponder a todas as expectativas das pessoas que acabaram de perder alguém e estão ali, confiando em seu trabalho. São muitos os pedidos feitos pelos parentes, mas alguns se tornaram praxe: fazer a barba, maquiagem, cabelo, colocar o boné favorito, óculos, palhetas de violão, imagem de santo e moedas, entre outros objetos. Outros já são mais peculiares e mostram todo o carinho e apreço que a família mantém por quem já se foi.

- Algumas mães mais preocupadas falam: Filho, ele vai sentir muito frio, põe blusa e meia nele, por favor.

O profissional não deixa que a família assista à preparação do corpo. Elas só vêem o antes e o depois do processo. E é nesse momento que Fábio se sente valorizado.

- Quando o morto chega à clínica, normalmente está vazando, roxo, entre outras coisas. Após o término do serviço o corpo está branquinho, maquiado e com cabelo penteado. Fico satisfeito de devolvê-lo em perfeito estado à família.

Depois de tantos anos preparando corpos e convivendo com a dor dos familiares, o profissional aprendeu a dar mais valor à vida. Mudou conceitos e comportamentos. Assimilou a fragilidade do bem que considerava ser o mais precioso do Homem.

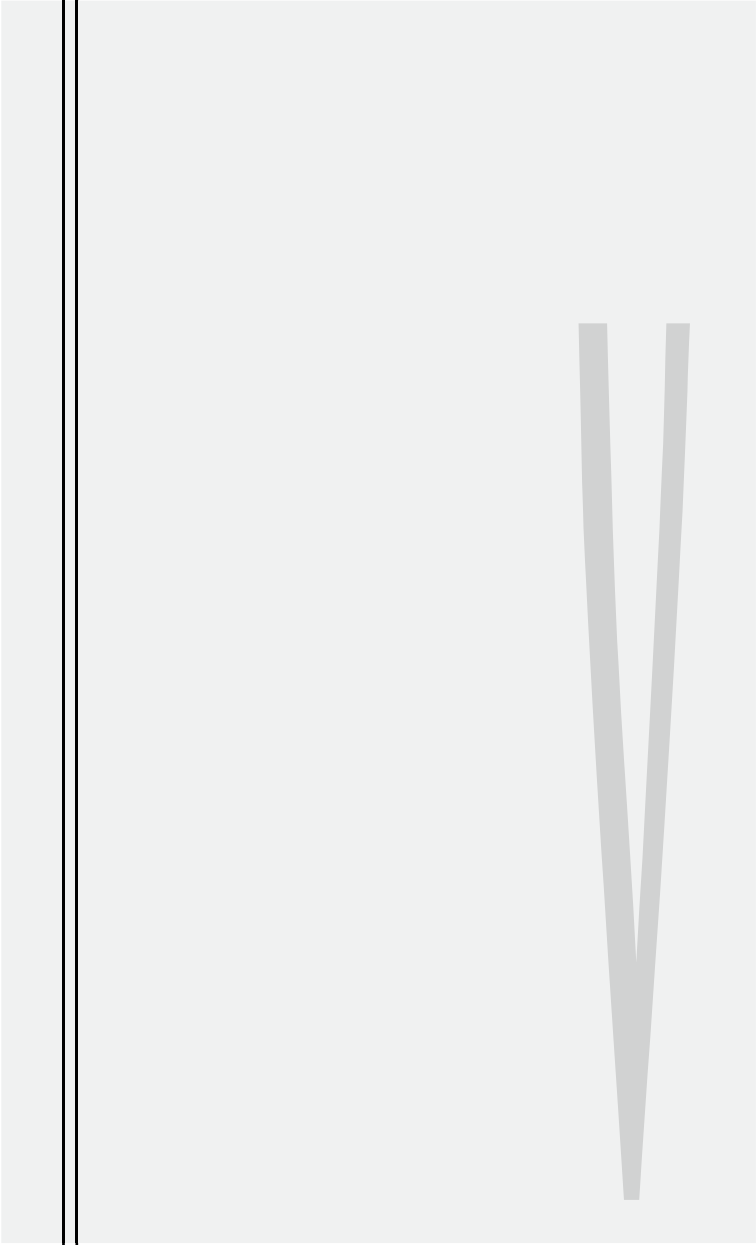
- Aprendi a ser simples, humilde e mais colega. Por trabalhar no ramo, sei que morro fácil, fico doente, preciso dos outros e os outros precisam e dependem de mim. Tem muita gente que atua na área e não dá valor à vida. Mas é importante lembrar que só temos uma, não duas.

A paixão pelo tema fez com que o preconceito que incomoda a muitos profissionais não o afetasse tanto. Fábio se acostumou, mesmo escutando algumas brincadeiras. Dizem-lhe que não fariam o seu trabalho nem por todo o dinheiro do mundo. Contudo, nunca encontrou dificuldades em trabalhar com isso.

- A vontade supera tudo. Amo o que faço, isso daqui é minha vida. E faço bem feito, dou muito valor porque se não me valorizar, ninguém vai. São poucos os que têm a minha visão, essa paixão que tenho, esse dom que Deus me deu.

O profissional quer se aprimorar cada dia mais. Planeja voltar a estudar, fazer faculdade. Mas como não poderia ser diferente, quer um curso que tenha tudo a ver com sua atual profissão, pois não passa por sua mente deixar de fazer o que gosta. Sua família o apóia, assim como seus amigos já aprenderam a respeitar a escolha. Depois de formado, quer ensinar e passar a outros essa fascinação que sente pela morte.

- Eu pretendo fazer dissecação de cadáver para os alunos da faculdade. Eu quero muito estudar, aprender mais para depois poder ensinar.



A sete palmos

CAPÍTULO

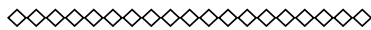


*Temos que abrir e fechar os portões,
verificar a limpeza das quadras,
escavar covas para os enterros do dia, con-
ferir o quadro de exumações e
checar se há objetos estranhos ou pessoas
que não deveriam estar ali*

**CLÁUDIO MAGALHÃES SOARES - O PASTOR
COVEIRO**

Cemitério, necrópole ou sepulcrário são os nomes recebidos pelos terrenos destinados a enterrar os mortos. Geralmente são locais de práticas religiosas, e muitos permitem que apenas os membros de uma determinada religião sejam enterrados em suas sepulturas.

A palavra cemitério deriva do latim *coemiterium*, que significa “pôr a jazer” ou “fazer deitar”. Em 2007, apenas na cidade de São Paulo, eram 22 municipais e 45 particulares. Em alguns, como o Vila Formosa, chegavam a ser realizados cerca de 30 enterros num dia movimentado. Além dos velórios e sepultamentos, as exumações fazem parte da rotina diária do local. A prática consiste em retirar, no prazo mínimo de três anos, os ossos que estão na sepultura para dar lugar a um novo corpo. Os restos mortais retirados são enviados a pequenas caixas localizadas geralmente próximas aos muros dos cemitérios, conhecidas como ossários.



No município de Mauá, na Grande São Paulo, uma padaria de esquina contava com mãos hábeis e velozes, que produziam pães e confeitavam bolos diariamente. Do amanhecer ao entardecer, numa jornada de quase 12 horas, a rotina era sempre a mesma, repleta de farinha e açúcar. José Antônio da Silva, conhecido como Nilson desde criança, passou sete anos de sua vida profissional cozinhando pães, tortas, bolos e outras iguarias na grande e equipada cozinha industrial.

- Cheguei a me queimar várias vezes no forno, mas tinha que continuar na padaria, porque era muito difícil conseguir outro emprego.

Depois de exercer a profissão por tanto tempo, a saúde de Nilson começou a demonstrar sinais de fragilidade. O sistema respiratório não funcionava mais como antes e ele tinha constantes crises de falta de ar.

Sem entender direito o que acontecia, o padeiro procurou um médico. O diagnóstico foi inesperado, ao menos na opinião de Nilson: ele contraiu uma alergia à farinha e derivados, uma doença que julgava nem existir. Depois de meses de tratamentos com remédios, somado ao desconforto de

ter que usar bombinhas de oxigênio e fazer inalação todos os dias, o médico deu a sentença.

- Ou você pára de trabalhar na padaria, ou vai ter um problema respiratório grave.

Aos 35 anos e sem opções, Nilson desistiu do único meio de que dispunha para sustentar a esposa e os três filhos. Mas saiu aliviado, pois já não agüentava tantos problemas de saúde. Costumava dizer para os amigos, enquanto estava procurando emprego, que queria trabalhar de qualquer coisa: porteiro de motel, lavador de carros, até mesmo coveiro, mas que não voltava para a padaria de jeito nenhum.

Para a sorte de Nilson, a falta de trabalho não iria durar muito tempo: ele foi de padeiro a coveiro em menos de um ano. Na época em que se candidatou à vaga no Phoenix Memorial do ABC, o projeto de um cemitério vertical era algo que Nilson nunca tinha sequer ouvido falar. Para o ex-padeiro, cemitério era corpo enterrado no chão, no máximo com um túmulo de pedra por cima. E acabou.

O medo foi o primeiro sentimento que o dominou diante do novo serviço, que o colocaria cara-a-cara com a morte todos os dias. A esposa não gostou muito da idéia de o marido trabalhar num cemitério.

- No começo, ela me falava que eu tinha que desistir. Mas eu sabia que não podia deixar a oportunidade passar, era um bom trabalho e nós precisávamos do dinheiro.

A estrutura do cemitério é diferenciada: o caixão contendo os restos mortais é enterrado em gavetas, nas quais um sistema de ventilação retira os gases liberados pela decomposição dos tecidos orgânicos. São seis gavetas, sendo que as mais caras são as das três fileiras do meio, com preços que podem chegar a mais de R\$ 4 mil. As duas de baixo e uma acima têm preços mais baratos, mas nunca menores do que R\$ 3 mil. A construção cresce para cima, conforme a venda de jazigos. Em 2007, o prédio estava no terceiro andar, sendo que o planejamento estipula oito na planta original.

O local é conhecido por ser um dos poucos a oferecer os serviços de velórios e sepultamentos em qualquer dia e horário da semana. Por isso, muitas vezes os trabalhadores pernoitam quando estão de plantão. O primeiro dia de trabalho de Nilson foi em 24 de janeiro de 1998, e o primeiro

corpo sepultado, o de um senhor já de idade, com uma família numerosa. O enterro estava marcado para as 21 horas e, como morava em Mauá, ficaria impossível voltar para casa. Na opinião do já experiente coveiro, que em 2007 completou 45 anos, o momento de enterrar o corpo até que foi fácil. O problema mesmo foi na hora de dormir. O quarto destinado ao pernoite dos funcionários ficava nos fundos do local onde é realizada a preparação dos corpos para o sepultamento. Ao entrar pela porta do prédio, Nilson deu de cara com um morto enrolado em panos brancos, à espera do caixão que viria da funerária.

- Aquilo me deu um arrepio terrível, e foi o dia que senti mais medo na minha vida. Depois, acabei me acostumando. Não tem jeito, são nove anos trabalhando aqui, o cérebro acaba anestesiando e não sinto mais nada.

Assim como Nilson, o medo também foi companheiro do primeiro dia de trabalho de José Araújo Delgado, o Dudé do Cemitério São Pedro, localizado na Zona Leste da cidade de São Paulo. Dudé era metalúrgico na época das grandes greves protagonizadas, na década de 1980, por Luiz Inácio Lula da Silva, que em 2002 viria a se tornar presidente do Brasil. Àquela época, trabalhava na Fundação Brasil, em Santo André. A empresa foi uma das que paralisou a produção para exigir melhores salários e condições de trabalho. Com medo de ser despedido se participasse do movimento, resolveu ficar de fora. Mesmo assim, um mês depois Dudé estava na lista dos mais de 500 trabalhadores despedidos em um grande programa de corte de custos da empresa.

Se tivesse que se auto-definir, diria que é um mulherengo. Em 2007, com 48 anos, já foi casado por duas vezes, tem uma filha do primeiro casamento e um casal do segundo.

- Entre um compromisso e outro, ainda fiz questão de fazer mais uma menina.

Na época em que foi mandado embora da metalúrgica, tinha acabado de ter a primeira filha. A situação ficou complicada para o profissional que só tinha estudado até a quarta série do ensino fundamental. Não havia muitas opções para quem não se dedicava aos estudos, o que fez com que Dudé recorresse ao serviço público e à função de coveiro no Serviço Funerário Municipal de São Paulo.

- Sei que a minha profissão não é bem vista pela sociedade. Mas eu me dei bem trabalhando como coveiro a vida toda. Consegui levar o pão de cada dia para casa e sustentar minha família, o que é o mais importante. Hoje meus filhos me chamam de herói.

Em 1986, um misto de alegria e medo tomou conta do coveiro. Não havia qualquer tipo de teste ou treinamento antes de assumir a função; o novo profissional tinha que aprender na prática, com a experiência dos mais antigos. Era comum que os coveiros que chegavam fossem submetidos a testes pelos próprios encarregados das turmas, como foi o caso de Dudé. Muitas vezes, os experientes faziam questão de assustar os novatos para ver se eles voltariam no dia seguinte.

Já no primeiro dia de trabalho, recebeu a ordem para fazer uma exumação. Com o documento indicando a quadra e o número da sepultura em uma mão e um saco de plástico azul para depositar os ossos na outra, Dudé desceu a ladeira que levava até as covas do Cemitério São Pedro, conhecido como cemitério-jardim, pois os túmulos são todos na terra. Um tanto inseguro, o novo coveiro pedia informações para os colegas de trabalho por onde passava, até que conseguiu localizar a família do morto que seria exumado. Pegou a pá, respirou fundo e começou a fazer o serviço. Os familiares acompanhavam o trabalho com olhos atentos, enquanto Dudé tentava disfarçar em vão o suor frio que lhe escorria pelas costas. Como parte do serviço, precisava pisar sobre o caixão para poder retirar a terra dos cantos da cova. Quando o fez, a madeira cedeu e o coveiro afundou em questão de segundos.

- Quando o caixão já está sepultado há três anos, como aquele, a madeira fica podre, frágil. Por ser novo, eu não sabia disso. Quando meu pé afundou, o medo fez com que achasse que a terra estava me sugando. Só sei que nem pensei no que fazia: dei um grito e saí da cova correndo, tropeçando nos familiares que estavam do lado de fora.

Assustados, os parentes do morto perguntaram para Dudé o que tinha acontecido. Sem conseguir pensar em mais nada, o coveiro inexperiencede colocou a culpa em uma barata.

- Falei que tinha visto uma dentro do caixão, e que tinha muito nojo de barata. Era mentira, nunca tive esse tipo de problema, mas o que

podia falar para eles?

A família aceitou a explicação e ele voltou para terminar o serviço com o coração pulando no peito. Enquanto retirava a terra, ainda teve de ouvir os comentários sussurrados pelos parentes de que aquilo tinha sido muito estranho. As mãos de Dudé suavam enquanto ele segurava a pá, mas prosseguiu com a exumação até o fim, enquanto tremia da cabeça aos pés.

Acontecimentos estranhos não faltaram na vida de Dudé. Frequentador de igreja evangélica, sempre foi um homem de muita fé, que recorre à religião quando não consegue explicar um fenômeno. Outros coveiros insistem em dizer que o trabalho é como outro qualquer, mas Dudé assumiu que, muitas vezes, teve medo do que faz.

Durante o período de putrefação, o corpo pode acumular gases, que são geralmente expelidos pelos orifícios e provocam barulhos desagradáveis. Muitos profissionais novos se assustam com o tipo de acontecimento. Dudé se acostumou depois de um tempo na profissão, mas admite que algumas situações acontecem de forma bastante estranha.

Certa vez, ele e outro coveiro tiveram de fazer uma exumação numa das gavetas de pedra do cemitério. Como o local costuma ser apertado, apenas o colega entrou e ele ficou aguardando do lado de fora, com a família, com aquela sensação estranha que se apossa das pessoas diante de situações delicadas.

- De repente meu colega saiu da cova correndo, tropeçando nos degraus de pedra. Ele era negro, mas estava branco, mais branco que um pedaço de papel de seda. Eu tentei acalmá-lo, mas ele demorou uns dez minutos até conseguir me contar o que tinha acontecido.

O relato do coveiro arrepiou Dudé: ele estava quebrando a parede de pedra quando ouviu um lamento, algo parecido com um prolongado arrote, vindo exatamente de dentro da sepultura. O homem ainda tentou ser racional: olhou para os lados, procurando visualizar se alguém tinha entrado na cova logo atrás dele. Mas o espaço era muito pequeno, não caberia outra pessoa ali. Quando se deu conta de que o barulho só poderia ter vindo do morto, o medo dominou os sentidos do coveiro, que saiu o mais depressa que pôde de dentro da terra.

-Tivemos que chamar um colega para terminar o serviço, pois

ninguém teve coragem de voltar à sepultura. Ainda agüentamos as gozações do outro coveiro, que terminou a exumação sem nenhum problema. E, para finalizar, Dudé ainda escutou sermão.

- Onde já se viu ter medo de morto? Tem é que ter medo de quem está vivo.

Porém, quando se trata da morte, Dudé se tornou bastante supersticioso. Mesmo prestes a se aposentar na profissão de coveiro e lidando diariamente com corpos, nunca conseguiu se acostumar com a idéia de sua própria morte.

- Eu sou sincero quando me perguntam sobre isso. Quando era mais jovem, confesso que não me preocupava. Sabia que um dia iria morrer, mas esse acontecimento ainda estava tão longe que simplesmente não pensava nele.

Mas a situação mudou depois que passou a trabalhar como coveiro, e também com os anos que foram se acumulando sobre suas costas.

- Convivo com os mortos todos os dias. Já vi muitos amigos e parentes morrerem enquanto continuo aqui. Vira e mexe cai um colega em alguma quadra do cemitério, ataque cardíaco ou coisa parecida. Comecei a me enxergar numa fila, apenas aguardando a minha vez. Pode ter 500 pessoas na minha frente, ou pode ter só uma. E faço de tudo para não pensar nisso, porque me perturba muito. Vejo chegarem todos os dias de 15 a 20 corpos nesse cemitério. E penso que, a qualquer momento, um deles pode ser o meu.

Fogo cruzado

Localizado entre os bairros do Jardim Ângela e Capão Redondo, uma das regiões mais perigosas de São Paulo, o Cemitério São Luiz é conhecido como o terceiro mais violento do mundo. A estimativa é de que 80% dos corpos sepultados em seus terrenos tiveram morte trágica, entre os quais pelo menos dois terços seriam homens com idade entre 13 e 25 anos.

Nesse cenário o coveiro José Araújo da Silva perdeu um de seus

melhores amigos e companheiros de trabalho, Gilberto⁷. Foi por causa dele que Araújo resolveu prestar o concurso da Prefeitura de São Paulo para exercer a profissão de cozeiro, depois de ser mandado embora de uma empresa onde atuava como metalúrgico. O amigo aconselhou que o serviço público era a saída, pois naquela época havia garantia de emprego.

E foi assim que Araújo ingressou, ao lado de Gilberto, no Serviço Funerário da capital. O trabalhador passaria um ano como jardineiro, atuando em diversos cemitérios da cidade no serviço de poda e manutenção das plantas. Porém, não desistiu em nenhum momento de pedir a transferência fixa para o Cemitério São Luiz, próximo do bairro onde morava e junto ao amigo. E finalmente conseguiu, em março de 1993.

- Já tinha visto como se fazia enquanto andava pelos outros cemitérios cortando galhos e podando flores. E ainda pude contar com os colegas, que me deram as dicas práticas quando tive que fazer minha primeira exumação, por isso não foi um momento tão assustador para mim.

Assustador mesmo seria o primeiro tiroteio que Araújo viveria dentro dos muros do cemitério, em 1999, um dos incidentes mais sérios da história do São Luiz. Era hora do almoço, por volta de meio-dia. Araújo e o companheiro plantonista daquele dia estavam parados próximos ao local onde se realizam os velórios. Uma família numerosa estava reunida ali, prestando as últimas homenagens a um jovem assassinado na região.

Acostumados à violência do local, os dois cozeiros se preocupavam apenas em decidir qual deles poderia ir almoçar primeiro, antes que tivessem que proceder o sepultamento do corpo. Araújo não sentia tanta fome e cedeu a vez para o amigo. Assim que o colega deu um passo em direção ao local no qual iria se alimentar, um homem armado entrou atirando pelo portão do cemitério, correndo em direção ao local onde o corpo do jovem era velado. No momento em que ouviu os tiros, um dos parentes do morto também sacou o revólver e disparou a esmo. O saldo do incidente: dois mortos e pelo menos uma dezena de feridos encaminhados ao pronto-socorro que divide os muros com o cemitério.

Como se não bastasse o incidente do tiroteio, apenas três anos

⁷ O nome foi alterado para preservar a identidade da fonte

depois um dos coveiros do cemitério seria assassinado com um tiro dentro da boca, disparado por uma pistola calibre 12 em plena luz do dia.

O salário pago pela prefeitura nem sempre era suficiente para que os coveiros conseguissem pagar as contas. A saída era arrumar bicos, como foi o caso de Gilberto. Nos fins de semana, o funcionário público tocava um pequeno bar na garagem da casa onde morava. O coveiro tinha se mudado há pouco tempo para uma casa maior, vizinha à de Araújo, com a mulher e as duas enteadas. Naquele fim de semana do ano de 2002, o estabelecimento seria invadido por um grupo de homens armados, que ordenou que o dono saísse, bem como a mulher e um vizinho que aproveitava a folga do trabalho para tomar uma cerveja. Depois de retirarem as vítimas de dentro da garagem, os homens encapuzados obrigaram a esposa de Gilberto e o vizinho a se deitarem de barriga para baixo na calçada, diante dos olhos de quem passasse na rua naquela tarde. Gilberto se movimentou para fazer o mesmo, mas o homem encapuzado não deixou. Fez o coveiro se deitar com o rosto virado para o céu. Abriu passagem pela boca de Gilberto com o cano da arma e disparou, certo, o tiro que levaria a vida do trabalhador.

Araújo estava de plantão no cemitério naquele dia. E foi exatamente ele o coveiro designado para enterrar o corpo do amigo.

- Eu achava que depois de todo aquele tempo trabalhando tão perto da morte estaria preparado para fazer o enterro de qualquer um. Mas infelizmente, não deu. Abri a cova e desci o caixão, mas na hora de jogar a terra para cobrir o corpo daquele que tinha sido meu companheiro durante anos, simplesmente não consegui.

Em 2007, aos 46 anos, Araújo já tinha formado a idéia de que a morte é uma realidade que todos terão que enfrentar. Se escapar jovem, será quando a velhice tirar a força dos músculos e a racionalidade das idéias.

- Nessa hora não tem rico, pobre, negro, branco. É todo o mundo igual.

O destino brincaria de tecer sua teia mais uma vez na vida de Araújo. No dia da exumação de Gilberto, o plantonista do São Luiz também seria ele.

- Eu fiz o serviço, mas quando terminei, foi só choro. Se alguém morre de velhice ou doença, parece que os parentes e amigos se anestesiam e aceitam aos poucos. Agora, quando uma pessoa tira a vida de

outro ser humano de maneira brutal é muito mais dolorido.

Maíra Lima, em 2007 com apenas 19 anos, já atuava como coveira no Cemitério do Rosário, no município de Embu das Artes. A jovem teve a mesma sensação de impotência diante de um corpo a ser enterrado. Quem poderia imaginar que uma garota com pouco mais de 1,65 metro de altura, cabelos pretos e curtos, jeitinho de menina, trabalha todos os dias tão próxima à morte? Pois foi exatamente durante o dia-a-dia no cemitério que Maíra percebeu o quanto a morte poderia afetá-la, mesmo que se julgasse acostumada a ela. Ao se ver diante do enterro de um jovem da sua idade, esqueceu o profissionalismo.

- Algumas pessoas diziam que ele tinha cometido suicídio por causa da namorada, outras culpavam as drogas. Cada um falava uma coisa.

O motivo não era importante para ela. Sabia que tinha apenas que fazer seu trabalho, como faria com qualquer outro corpo. Maíra observou os colegas de escola do garoto, quase todos da sua idade, chorando com a mochila nas costas. A cena que se formou em sua mente foi a de que poderia ser o seu corpo naquele caixão, e os seus amigos do lado de fora. Ou mesmo ela chorando a morte de um amigo.

- Eu cheguei a pegar a pá, mas entreguei para o Ceará, meu colega do cemitério, e pedi para ele fazer o serviço. Fiquei mal porque me coloquei no lugar do menino. Depois liguei para todos os meus amigos para saber se estavam bem e disse a todos que os amava.

Antes de ser coveira, Maíra cursava a faculdade de Matemática e fazia um estágio na biblioteca da Editora da Universidade de São Paulo (EdUSP). Estava na casa de uma de suas melhores amigas quando presenciou uma briga entre ela e o irmão desempregado. Ficou espantada com a informação que recebeu: o município de Embu das Artes estava com um concurso público aberto para a vaga de coveiro.

A amiga queria que o irmão fizesse a prova e, quem sabe, ingressasse na carreira de servidor, que paga em torno de R\$ 500 para oito horas por dia de trabalho, além de uma remuneração especial por conta da insalubridade.⁸

⁸ Atividades ou operações que expõem os empregados a agentes nocivos à saúde, acima dos limites de tolerância

Mas quem resolveu fazer a inscrição foi Maíra.

- Pela quantia de R\$ 4,90, pagos pelo meu pai, eu simplesmente mudaria minha vida.

O pai também seria aquele que a levaria para conhecer alguns cemitérios antes que ela fizesse o exame prático. Ele queria que a filha tivesse certeza daquilo que escolhia como profissão.

No dia do exame Maíra era a única mulher que disputava uma vaga. O teste: abrir e fechar uma cova em exatos três minutos. A jovem sequer conhecia direito uma pá, mas surpreendeu muita gente pela determinação e persistência.

- Eu suava e tremia de tanta força que tinha feito. O pessoal achou que eu ia morrer ali mesmo, dentro da cova. Eu era a única mulher a concorrer com cerca de cem homens para apenas 12 vagas. E passei!

Feliz com o que havia conquistado, Maíra não estava totalmente preparada para o que encontraria logo em seu primeiro dia de trabalho. Ao chegar, deparou-se com um corpo de uma vítima de atropelamento. Ainda não tinham feito a maquiagem, o caixão tinha chegado exatamente daquele jeito do Instituto Médico Legal (IML): inundado quase até a borda de sangue, com o corpo retorcido e exalando um cheiro forte.

No mesmo dia, Maíra presenciaria uma cena incomum na rotina do cemitério: a exumação de um corpo enterrado há cerca de três meses, sendo que o prazo mínimo para realizar o procedimento é de três anos. Era de tarde, ela não tinha almoçado e ninguém queria que visse a cena. Os funcionários mais antigos tinham dito que nunca viram nada igual, e a coveira inexperiente ficou curiosa. A vítima era de origem nigeriana e estava enterrada como indigente. Moradores da região disseram que ele fazia tráfico de drogas e foi morto junto ao irmão. Como estava sem os documentos, foi enterrado lá. A família conseguiu localizá-lo e veio ao Brasil para transportar o corpo de volta ao seu país de origem, onde seria enterrado novamente.

O cônsul da Nigéria foi chamado, além do advogado da família e o delegado responsável pelo caso. Todos vestiam terno e gravata, e as mulheres que acompanhavam as autoridades tinham medo e nojo das baratas que saltavam da cova enquanto a terra era retirada. Conforme abriam o túmulo, um odor desagradável alcançava as narinas dos presentes. Eles insistiram para que Maíra não olhasse o corpo, mas fora o cheiro de decomposição que

ele exalava, a jovem não sentia nenhum medo ou receio. Quando os coveiros se afastaram para que a família pudesse fazer o reconhecimento, Maíra pôde observar o cadáver mais de perto.

- Ele era grande, forte e pesado, e estava meio retorcido. Eu sabia que ele era negro, toda a família era, mas o corpo que vi no caixão estava numa cor amarela que não existe, nunca tinha visto igual. A barriga e o rosto dele estavam inchados e os olhos apodrecidos. A boca aberta num ângulo estranho, os braços e dedos quebrados, as pernas tortas. Quando dei por mim, percebi que meu chefe estava passando mal. Ele quase vomitou por causa do forte odor e nem viu direito o cadáver. O corpo teve que ser transportado para a Nigéria num caixão de zinco.

O chefe de Maíra foi para casa mais cedo naquele dia e mal conseguiu dormir. Já ela não teve problemas: foi almoçar em seguida e lembra tranquilamente da refeição do dia.

- Comi arroz, feijão, frango cozido com batata e tomei suco.

Ela não pretende ficar muito tempo na profissão, pois quer realizar o sonho de ser ginecologista. Parar de lidar com a morte para trazer bebês à vida.

- Em 2008, pretendo ir à Itália para fazer o vestibular de medicina na cidade de Tovergata. O curso custa cerca de 800 euros por ano, mas como vou morar com a minha tia, não vai sair tão pesado.

Quando fala de sua futura profissão, os olhos de Maíra se iluminam.

- Acho as grávidas lindas. Ser mãe é uma coisa mágica.

Coveiro fantasma

Uma mulher e seu jovem filho caminhavam pelo Cemitério da Vila Formosa, localizado na Zona Leste de São Paulo. O cenário da maior necrópole da América Latina se estendia diante deles, com uma área de 780 mil metros quadrados onde estavam enterradas quase dois milhões de pessoas, a maioria representada por moradores pobres de diferentes regiões da cidade. A dupla procurava o túmulo de uma jovem chamada Débora. A menina, brutalmente esquartejada num bairro próximo ao cemitério, foi transformada pela população em benemerita: uma

pessoa popularmente santa para a qual se solicitam diversas graças.

Era praticamente impossível encontrar o túmulo sem a ajuda de alguém que trabalhasse no local. Por isso, a mulher se aproximou da única pessoa que estava ao alcance de seus olhos: o coveiro Cláudio Magalhães Soares, apelidado de Pastor pelos companheiros de trabalho. Sem a menor dificuldade, Pastor conduziu mulher e filho para o túmulo da benemérita, virando as costas rapidamente em seguida para voltar a seus afazeres.

Comovida com as flores e placas de agradecimento deixadas sobre a cova, a mulher não percebeu que o coveiro se afastara. Quando virou novamente para perguntar qualquer coisa, não conseguiu mais localizá-lo. Com uma sensação estranha, dirigiu-se a um jardineiro que estava próximo à sepultura. Questionou se por acaso havia visto um senhor negro, de barba, que a havia acompanhado até ali. O jardineiro estava num bom dia e resolveu fazer uma brincadeira com a mulher.

- Ah, minha senhora. Ele é um antigo funcionário aqui do cemitério, já falecido há muito tempo, que sempre acompanha os visitantes que precisam de informações. A alma dele acha que ainda precisa prestar serviços para o Vila Formosa, nunca conseguiu se desligar daqui.

A mulher ficou intrigada, mas não fez mais nenhum comentário naquela ocasião. Como morava próxima ao cemitério, voltou alguns dias depois e encontrou Pastor debaixo de uma árvore, protegendo-se do sol. O menino apontou de longe e se dirigiu para a mãe, cauteloso.

- Olha, mãe, é o coveiro fantasma!

Pastor franziu o cenho e esperou que a mulher se aproximasse. Ela vinha de maneira lenta, meio curvada, como se estivesse com medo do que poderia encontrar. Quando estava próxima o suficiente, perguntou em voz baixa.

- O senhor... hum... está morto?

O coveiro abriu um sorriso de dentes muito brancos e respondeu, de maneira divertida

- Claro que não, minha senhora! Por acaso a senhora já viu morto fazer plantão?

Desde então, Pastor ficou conhecido como o Coveiro Fantasma do Cemitério da Vila Formosa. Em 2007, com 47 anos - e bem vivo - coorde-

nava uma equipe de profissionais no local, cargo conquistado depois de 13 anos de trabalho.

Apesar de não ter muito estudo, Pastor tem formação acima da média dos coveiros de outros cemitérios: conseguiu concluir o primeiro grau. Com um português impecável, é perceptível que toma cuidado ao articular as frases durante as conversas, até mesmo enquanto discute com Odete da Silva, de 57 anos, com 20 no Serviço Funerário de São Paulo.

Odete foi a primeira mulher a ser aprovada em um concurso público para coveiro no município. Passou em primeiro lugar e tem orgulho de lembrar a nota máxima obtida no exame, sem errar nenhuma questão. E relembra com carinho dos primeiros dias na profissão, quando atuava no Cemitério São Paulo, onde permaneceu por apenas um mês. Odete revolucionou o local, principalmente na área de limpeza e alimentação dos funcionários. Porém, sentia que era discriminada no momento de fazer os trabalhos nas quadras.

- Os meninos não queriam que eu trabalhasse. Eles me deixavam apenas levar as coroas ou descer a corda e a massa para tampar as gavetas dos túmulos, mas eu não podia colocar um dedo no caixão.

Pastor interrompeu a conversa para colocar sua opinião, de maneira educada e com seu português formal.

- Aqui entra um pouco de machismo da minha parte: mulher não foi feita para trabalhar na quadra, o serviço é melhor se for feito só pelos homens. Não digo tanto pela força, porque uma mulher pode desenvolver as habilidades físicas necessárias tanto quanto um homem. Mas é uma questão de segurança. Deixar uma mulher sozinha nesse cemitério enorme é muito complicado.

Odete cruzou os braços diante do corpo e endireitou as costas na cadeira na qual estava sentada. Enquanto o colega discursava, ela balançava a cabeça em sinal negativo, e quando intuiu que ele havia terminado, rebateu.

- Não é não! Os homens têm medo das mulheres, isso sim. Eles têm medo da concorrência, receio de que vamos lhes roubar o emprego!

Pastor continuou de forma educada, mas sem deixar a sua opinião sobre o assunto de lado.

- Não adianta, Odete. Coveiro é serviço para homens. Imagina se

nós fizermos grupos de quatro mulheres para trabalhar numa quadra aqui do Vila Formosa? Vocês não dão conta do serviço e é perigoso!

Odete, indignada, começou a rir quando respondeu novamente às críticas do amigo.

- Perigoso nada! Isso seria é lindo! Como eu queria fazer parte desse grupo de quatro mulheres!

Depois de uma discussão acalorada, ambos entraram em um consenso: equipes mistas seriam o ideal, mas Odete concordou que a profissão é predominantemente masculina. No dia em que prestou os exames práticos, antes de ser admitida, os homens que estavam presentes tiraram sarro dela. Porém, conseguiu desbancar vários concorrentes quando assumiu a vaga.

- No dia do teste, fiz os homens comerem a poeira da enxada. Só parei porque o examinador disse que era suficiente, que já tinha passado. Também, eu era bóia fria em Cabrália Paulista, no interior do Estado, então estava acostumada aos trabalhos pesados.

Odete tornou-se quase um símbolo do Vila Formosa. E por isso mesmo conhece muitas histórias do cemitério. Uma delas ultrapassou os muros e virou quase uma lenda urbana da região. O coveiro boêmio é o protagonista. Era um rapaz jovem, negro, que gostava muito de sair à noite e ir para os bailes. Usava sempre uma roupa branca e um chapéu, que destacavam ainda mais a cor escura de sua pele, do jeito que ele gostava. Mas quando retornava das noites de gandaia, muitas vezes o coveiro sequer tinha tempo de passar em casa antes do trabalho. Com alguma bebida na cabeça, acabava deitando ali mesmo, nas covas abertas do cemitério. Como o Vila Formosa é de terra, o interior das sepulturas se torna quente e abafado. Devido à sua extensão, é muito comum que os moradores do bairro cortem caminho rumo aos seus trabalhos por dentro de seus muros.

Certa manhã, o coveiro chegou de um dos bailes e se deitou numa cova próxima ao portão, adormecendo quase que instantaneamente. Neste dia passava por lá um rapaz, com uma maleta numa mão e a marmita de lata na outra. O coveiro, já atrasado para o trabalho, acordou de sobresalto e saiu depressa da cova. Como a manhã estava fria, o homem soltou uma ligeira fumaça quando entrou em contato com o ar gelado do lado de fora da sepultura. Ao ver a figura alta, toda vestida de branco e envolvida

por uma espécie de neblina, o jovem trabalhador que por ali passava não teve dúvidas: jogou tudo o que tinha nos braços para o alto e saiu correndo em desespero. O coveiro boêmio tentou chamá-lo para explicar a situação, mas não conseguiu. Então, deu de ombros, recolheu a marmita do homem e almoçou o que tinha lá dentro.

- No começo achava que o meu colega tinha inventado a história. Anos depois, quando ele já tinha morrido, estava fazendo as unhas na manicure aqui do bairro. Comentei sobre essa história, porque sempre me pedem para contar alguma coisa do cemitério quando descobrem que trabalho nele. A manicure quase não acreditou no que eu dizia e, ao fim do meu relato, contou que o rapaz era primo dela. E que fazia diariamente o caminho mais longo para o trabalho depois do incidente, porque ainda jurava de pés juntos que tinha visto um fantasma de branco sair de uma cova.

Odete também viveu uma experiência inusitada antes de começar a trabalhar no Vila Formosa. Desde criança, sempre gostou de passear em cemitérios, pois acha que eles transmitem calma e paz. Porém, naquela Sexta-Feira Santa, Odete viveria uma noite que destacou como a mais assustadora de sua vida. Acompanhada de uma amiga, foi ao Vila Formosa à meia-noite para acender velas no Cruzeiro, local onde as pessoas podem fazer preces para os mortos. Apesar de estar acostumada a freqüentar o local à noite, não soube explicar o medo que sentia.

- Eu ficava de antena ligada, só olhando para todos os lados, pensando o quanto estava escuro naquele lugar.

Porém, o breu quase cessaria por completo com a aproximação de um grupo de mais ou menos 20 pessoas, que falavam baixinho e brilhavam como se fossem assombrações, todos vestidos de branco. Arrepiada dos pés à cabeça, Odete chamou a amiga e começou a rezar. Ambas não conseguiam sequer se mexer enquanto Odete apenas pedia, em pensamento, para que saíssem com vida dali. A coveira afirma com convicção que, ao olhar para a grade do Cruzeiro, avistou uma figura iluminada, de braços abertos e que a encarava, como se lhe imprimisse coragem. Odete não teve dúvidas: agarrou a mão da amiga e saiu correndo.

- Não sentia meus pés, parecia que estávamos voando pelo terreno, tamanho era o medo que me invadia.

A coveira nunca soube quem eram as pessoas de branco ou o que faziam no cemitério àquela hora. Muito menos o que era aquele ser iluminado que saiu pela grade do Cruzeiro. Mesmo com a experiência, considerada assustadora por muitos, oito anos depois, em 1990, Odete prestaria o concurso público para trabalhar no Cemitério.

- O medo foi só naquela hora. O Vila Formosa é e sempre será a minha vida. E eu amo o que faço.

W

Ao pó
retornaremos

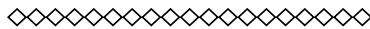
CAPÍTULO



*Essas cinzas foram de alguém com
história, que tinha CIC, RG, mulher,
amante... um ser humano, então há de se
respeitar muito*

CARLOS EDUARDO GUMMERSBACH
MESTRE-DE-CERIMÔNIAS

Crematório é um local onde ocorre o ritual da cremação, a queima de um corpo após a morte. O Crematório da Vila Alpina, localizado na cidade de São Paulo, é um dos mais antigos do País. No Estado de São Paulo, ao todo existem seis, que estão localizados na Capital, Santos, Guarulhos, Itapeverica da Serra, Sorocaba e São José dos Campos.



O ambiente é do tamanho de uma platéia de cinema, com paredes em tom rosa escuro. Existem cerca de 70 cadeiras, com divisões individuais. Toda a iluminação, cores utilizadas na decoração e até mesmo a altura que o teto fica do chão foram idealizadas com o objetivo de acalmar os visitantes. No lugar de uma tela para exibição de filmes, um painel cobre a parede, cenário que prende a atenção no local. A tela é a representação da Via Láctea, com estrelas e planetas. O toque final é o altar, onde ocorre o que de fato interessa no lugar.

Em 2007, aos 55 anos, Carlos Eduardo Gummersbach já tinha experiência de quatro anos como mestre-de-cerimônias do Cemitério e Crematório Metropolitano Primavera, em Guarulhos.

- Tente imaginar qual é a satisfação que sente um DJ. Ele toca um menu de músicas, e faz aquela casa ferver. É o que sinto, é gostoso.

É necessário preparo para que toda a cerimônia que antecede a cremação transcorra da melhor maneira possível. Carlos acostumou-se a escolher o repertório musical junto à família, cuidando dos detalhes necessários para que todos se sentissem o mais confortáveis possível.

- O cerimonial é um momento familiar, que demora em média meia hora. As pessoas que participam estão em estado de reflexão, querem pensar em quem se foi de forma positiva. Essa pessoa nasceu, viveu, teve família, filhos, fez uma história e precisa ser lembrada.

Atrás de uma coxia, escondido para não interferir diretamente em nada,

o mestre-de-cerimônias se comunica com aqueles que estão ali para dar seu adeus a um ente querido, por meio de um microfone. É a sua maneira de permanecer ausente num momento de dor extremamente pessoal.

- Sei que vou fazer uma coisa boa, meu papel é confortar todos que estão aqui. As cerimônias têm mensagens subliminares, como num filme da vida da pessoa. Os familiares não devem se debulhar em choro, não é mais o momento de sofrer. A pessoa já ficou doente, no hospital, internada, na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI), morreu e ainda tem o velório. Então é uma corrente crescente de dores. Aqui é o lugar para apagar tudo isso.

A cerimônia custa R\$ 2,1 mil, valor que pode variar dependendo do tipo de urna e caixão que a família escolher. No repertório de Carlos são mais de 20 mil músicas, de todos os gêneros disponíveis, como clássica, instrumental, pop, temas de filmes, rock, samba, funk, reggae, entre outras. Carlos simulou uma cerimônia. Caminhou até a coxia e ambientalizou o salão com uma música que julga ideal para receber os familiares. Escolheu a iluminação adequada, deixando o local o mais aconchegante possível. Após um breve intervalo, começou a falar, dirigindo-se a todos os presentes, confortando-os. À medida que discursava, ia trocando as músicas até chegar naquela que acreditava ser a mais especial para o momento.

Em seguida ocorre o que diferencia o crematório dos outros do País: ao invés de o caixão descer na hora da despedida e sumir da vista dos parentes e amigos, a mesa na qual ele está depositado sobe, simulando a ascensão aos céus. O altar só é rebaixado novamente para a retirada do corpo depois que todos já estiverem fora da sala.

- Tudo aqui tem uma simbologia de ordem cenográfica para extrair o melhor da cerimônia. Esse é o momento do apogeu, é o ápice da história.

Apesar de toda a preparação, existem situações em que a família assume o comando e muda o rumo dos trabalhos.

- Certa vez preparei o rito de uma sambista de 40 anos. O pessoal pediu que tocasse samba, todo mundo cantou e dançou durante o evento. Foi uma ver-

dadeira festa.

Cada detalhe da cerimônia é pensado e possui objetivos. O papel do mestre-de-cerimônias é conduzir o momento da forma que melhor acolha aqueles que acabaram de perder alguém. Quanto mais trágica a morte, mais difícil fica a tarefa. Como o caso em que mãe e pai perderam o primeiro filho por causa de uma gripe que se tornou pneumonia. Como amenizar o momento da despedida no caso de uma perda tão dolorosa? O profissional respirou fundo, conversou com os familiares da forma mais suave possível, e procurou uma canção capaz de falar por ele. A música escolhida foi *Nossa Senhora*, do Roberto Carlos, que alcançou o objetivo com plenitude.

- Na verdade, a letra é uma prece. Na hora, só se ouviam soluços e não choro. Pedi que todos se concentrassem no que dizia a música e, mais uma vez, consegui passar no momento mais difícil uma mensagem de conforto.

Formado em administração de empresas, matemática e deixando o curso de direito por concluir, Carlos sempre teve em mente que a morte é um produto como outro qualquer, um trabalho que alguém tem de fazer. Mesmo assim, não se considera uma pessoa fria.

- Antes de ser mestre-de-cerimônias, já tinha trabalhado em cemitério, mas na parte de convênio funeral. Trabalhei a vida inteira com vendas. Sou um homem de vendas, isso é comigo mesmo, vendo até a minha mãe. Se vou entregar, não sei.

Apesar da brincadeira, o profissional acha que não seria nada fácil fazer a cerimônia de alguém tão próximo. Se o corpo chegasse até ele, faria apenas por ser essa sua função. Mas não garante que teria suporte emocional para ser o mestre-de-cerimônia da cremação de sua própria mãe, por exemplo.

- Uma conhecida foi cremada no Crematório da Vila Alpina. Quando cheguei à cerimônia, pedi uma prece para todos, mas foi muito difícil. Ela era uma pessoa de quem todos gostavam muito e de uma grandeza sem comparação.

Por mais que acredite que a morte é um produto, marcou a carreira de Carlos a vez em que foi preciso fazer a cerimônia de um menino de apenas 7 anos.

A criança havia sofrido um acidente de moto com o pai e passou vários dias na UTI. Porém, não resistiu aos ferimentos, principalmente por conta da batida na cabeça, e morreu.

Encerrada a despedida, aqueles que a acompanharam se retiraram do salão. Carlos se preparava para descer o caixão e levá-lo até à câmara fria⁹, quando o pai do menino voltou e pediu.

- Você cuida do meu filho para mim, por favor?

Depois disso, não conseguia mais se desvencilhar do peso de tal responsabilidade. Antes de colocarem o caixão no forno, pediu para abri-lo para que pudesse ver o menino.

- A criança era quase uma pintura, um menino lindo. Fui para casa naquele dia e não conseguia dormir. É uma sensação de impotência, fica claro que não valem nada.

Mesmo com momentos difíceis de esquecer, Carlos nunca deixou de gostar da área. O profissional aprendeu tudo o que sabe na prática, recolhendo dicas aqui, materiais sobre o tema ali, e montando o cerimonial em cima dos conhecimentos adquiridos. Rito após rito, foi percebendo seu poder de emocionar as pessoas no momento da perda.

- Quem está aqui, está receptivo a qualquer coisa. Lido com o ser humano na hora mais difícil que ele tem na vida: a morte de alguém que ele amava. Então se faço uma coisa bem feita, passo conforto e segurança, e o trabalho se torna gratificante. Você nota nas pessoas essa mudança de comportamento.

Carlos buscava sempre fazer da cerimônia um momento leve, uma despedida amena e sem sofrimentos exagerados. Para o profissional, o velório é um costume de auto-flagelação: depois de dias no hospital, da morte e do sofrimento inerente que a acompanha, a família ainda fica ao redor do corpo durante horas, remoendo toda a dor. A morte é algo mais que natural. É difícil aceitá-la, mas é imprescindível entendê-la.

⁹ Frigorífico no qual os corpos são conservados até o momento da cremação

- É um evento que, para nós, é inaceitável, principalmente quando se trata da perda de familiares. Mas todo o mundo morre. Tente me imaginar com 150 anos: cego, surdo, arcado. Totalmente impossibilitado e dependente. Isso não entra na minha cabeça. A morte é natural, tudo nasce, cresce e morre. Nada fica para sempre, só o que é inanimado.

Na chama do fim

Após duas horas e meia de início, a cremação estava quase no fim. Por uma portinha via-se a chama intensa queimando o que restava do corpo, enquanto o operador de forno tirava da câmara de refrigeração o próximo cadáver que iria passar pelo mesmo processo. Começou a prepará-lo, retirando todos os metais do caixão, o vidro da tampa, entre outros itens que não podem ser levados ao forno para evitar acidentes e diminuir ao máximo a poluição do ar.

A cremação anterior havia chegado ao fim. Sobram apenas os ossos e alguns dos metais que não puderam ser retirados do caixão. O próximo cadáver foi, então, levado logo em seguida e cremado pela mesma chama. O corpo era de uma mulher. Depois de dez minutos, o operador abriu novamente a portinha para acompanhar o que acontecia. A tampa do caixão estava quase totalmente queimada e possibilitava a visão do tórax do cadáver.

Para um operador de forno a rotina é mais que normal. O profissional usa um avental apropriado para evitar queimaduras, luvas que suportam altas temperaturas, óculos que lembram aqueles utilizados por cientistas. Carregando uma espécie de pá de metal com um cabo bem longo, lida com os corpos em chamas e assiste, uma atrás da outra, a várias cremações por dia.

Enquanto outro corpo ainda ardia no fogo, os ossos da cremação anterior eram depositados em gavetas de metal, no chão, para esfriar. Quando esfriam por completo, o operador passa um ímã por cima e retira todos os metais que sobraram. Em seguida, o restante é triturado num

equipamento próprio para esse procedimento. Ao fim, as cinzas são depositadas em sacos plásticos identificados e guardados na urna escolhida pela família.

O prazo para entrega das cinzas depende de cada crematório. Os administradores organizam os dias das cremações de acordo com o que for mais conveniente. Normalmente, esperam ter mais de um corpo para cremar no mesmo dia, assim aproveitam o calor do forno. Porém, só se crema um cadáver de cada vez, portanto não há possibilidade de que os parentes recebam as cinzas de outra pessoa.

Vindo da Bahia a São Paulo, João Bispo dos Santos nunca havia lidado com a morte antes. Até 2004, trabalhava numa fazenda lavrando a terra e plantando. Foi quando, aos 27 anos, recebeu o convite para atuar como operador de forno no Cemitério e Crematório Metropolitano Primavera. Para que pudesse assumir o cargo, João fez um treinamento no qual acompanhou algumas cremações em outros lugares e conheceu o funcionamento dos fornos.

- No começo é difícil, mas nós acostumamos. Quem faz o treinamento vai-nos preparando aos poucos para poder realizar o serviço.

Embora muitas das pessoas que lidam com a morte tenham bem definida a idéia de que essa é uma atividade comum, para o operador nunca foi fácil lidar com o que pensam os outros a respeito do seu trabalho. Para evitar os comentários maldosos e outros tipos de preconceito, João prefere omitir a profissão.

- A reação delas é cruel. Meus próprios parentes falam para eu sair, mas já estou dentro, não tem como desistir. Tem que tocar o barco. E agora, já me acostumei.

Além de aprender dia após dia a lidar com a rotina sem carregar muitas marcas ou lembranças tristes, outra barreira que João se viu obrigado a vencer é a timidez. O rapaz sempre sentiu dificuldade quando algum parente, por exemplo, decidia assistir à cremação, ou até mesmo ajudar durante todo o processo.

- Eu fiquei meio acanhado, pelo menos no primeiro. Mas com o

tempo fica mais fácil. Teve um que até ajudou a tirar o corpo da câmara de refrigeração, parece que era a esposa dele. Depois também quis colocar o caixão dentro do forno.

Roque Soares da Silva conseguiu uma vaga de operador de forno no Crematório Horto da Paz, em Itapeverica da Serra, por volta de 2005, quando tinha 30 anos.

Antes de atuar no crematório, já tinha experiência de nove anos como coveiro. Encontrou seu lugar no ramo por intermédio do irmão, que também trabalhava em cemitérios. E a idéia de abandonar a área nem passou pela sua cabeça. Tem o sonho de fazer um curso universitário, mas algo ligado à morte. Esse desejo se explica na forma como sempre encarou o fim da vida: algo natural, inerente à existência humana, e que portanto não deve amedrontar. E esse sempre foi o pensamento do operador, mesmo antes de trabalhar diretamente com o tema.

- Acredito em vida após a morte. O corpo pode morrer, mas a alma jamais.

Diferentemente de outros com quem divide a profissão, Roque nunca sentiu vergonha do que faz, entendendo, ao contrário, que atua em um trabalho útil e necessário para toda a sociedade.

Nos bastidores

Corria de um lado a outro. Cada detalhe deveria estar perfeito, mais que isso, teria de ser surpreendente. Era necessário planejar cada momento, cada comida que serviria aos convidados. Seus serviços haviam sido contratados para organizar aquela festa junina e não podia deixar a desejar. Tudo dependia exclusivamente dele e de suas idéias, portanto era necessária muita criatividade. Enquanto cuidava de tudo, atendia o celular que não parava de tocar um segundo sequer. Depois de tudo ajustado, o esquema funcionou como uma seqüência de pedras de dominó que caem umas sobre as outras, derrubando fileiras, sem que nenhuma delas permaneça em pé: os eventos preparados ocorreram um atrás

do outro, como devido, sem qualquer erro.

Ao fim da festa, o contratante se aproximou de Reinaldo Dantas e o cumprimentou, elogiando seu serviço. O então produtor de eventos não poderia se sentir mais satisfeito: havia cumprido sua missão. Frequentava aquele clube desde criança com seus pais, e depois de adulto era chamado para prestar serviços no local. Nunca imaginou que seria depois de coordenar a festa que sua vida mudaria por completo.

O mesmo cliente que o cumprimentou era o vice-presidente da Associação Cemitério dos Protestantes e aquela festa não sairia de sua memória. Em outras ocasiões, quando necessitava de alguém para “bolar” e dar andamento a qualquer tipo de comemoração que fosse, era Reinaldo quem procurava. Não passou muito tempo e o produtor novamente foi chamado para fazer um evento no Cemitério de Colônia, em São Paulo. A necrópole havia acabado de ser incorporada ao grupo, então era hora de festejar.

- Precisavam de um grande evento, ainda mais por ser um cemitério histórico que marcou o início da colonização alemã no Brasil. Então fui conhecer o local, dei minhas idéias e fiz a festa do jeito que foi decidido. Mais tarde, recebi uma oferta de trabalho: assumir uma posição no Cemitério e Crematório Horto da Paz, em Itapeverica da Serra.

E foi sem querer que no início dos anos 2000, com 43 anos, iniciou sua carreira no ramo da morte. Mas a oferta de administrar um cemitério foi irrecusável. Com o passar do tempo percebeu que lidar com o fim da vida pode ser tão agitado quanto preparar eventos. O produtor continuou, portanto, tendo de ser inventivo, criativo e ágil, buscando soluções para todos os problemas. Sob sua responsabilidade está a coordenação de funcionários, conferência das tarefas, e todos os outros detalhes. Minucioso, confere até mesmo se as plantas estão sendo molhadas da forma adequada, ou se a garrafa térmica está com café fresco. Nada escapa. E o celular de Reinaldo jamais parou de tocar.

- Nem queria pensar em morte antigamente. A última que precisei enfrentar foi a da minha avó e faz muito tempo. É uma coisa na qual não se quer

pensar. Nunca me sentia bem ao ver um corpo, sempre ficava com um pé atrás. Mesmo quando aceitei trabalhar nessa área, pensei: vou encarar a coisa de forma profissional e vou fazer.

Em 2006, foi implantado no cemitério o serviço de cremação. Reinaldo encabeçou os primeiros trabalhos, pois ele próprio havia feito cursos com os fabricantes. Em seguida, passou seus conhecimentos a outros profissionais e retomou os serviços de administração do local.

- Para quem acompanha uma exumação, como já fiz muitas vezes, olhar pela janelinha do forno é fácil. Logo no início assistia de perto velórios, enterros, tudo. Acabei me acostumando. Quando falo para alguém que trabalho aqui as pessoas dizem: ah, puxa vida, como você faz isso? Você consegue dormir? Mas o que faço é um trabalho como outro qualquer, as pessoas têm que entender.

O preço de uma cremação pode variar de pouco menos de R\$ 1 mil, em corpos de crianças, a R\$ 1,6 mil, para os de adultos. A duração média de cada cerimônia é de meia hora. O produtor, que deve administrar, além de tudo, o tempo de cada evento, certa vez deixou que um deles durasse aproximadamente duas horas. Como não havia nada marcado em seguida, não fez intervenções. O corpo a ser cremado era de um alemão. Estavam presentes quase 400 pessoas no salão cerimonial.

- Teve serviço de *buffet* e apresentação musical ao vivo. Chegou um pastor luterano, depois um espírita e por último um monge budista. Então eu pensei comigo: mas caramba, afinal de contas, o que é esse cara? Ele era budista, espírita, luterano e alemão.

A cremação é um procedimento mais complexo que o sepultamento. É preciso analisar o atestado de óbito cuidadosamente para verificar se foi morte natural ou violenta, tarefa que ele mesmo executa. Se o desejo da família for realmente cremar o corpo, deve estar preparada para o corre-corre burocrático.

- Se for natural, a lei determina que o atestado seja assinado por dois médicos. Agora, se a morte for violenta, precisa do atestado de um legista e do seu pare-

cer, se é a favor ou contra a cremação. Se ele não se opuser, com essa declaração a família tem que ir até uma delegacia e pedir a autorização do delegado, dizendo que ele também não se opõe ao processo. Depois de tudo isso, a família pega esses dois documentos e vai ao fórum. Lá é feito o requerimento para o juiz.

Se o cadáver não tiver cônjuge sobrevivente, filhos, pais ou irmãos, a cremação não pode ser realizada, a menos que a pessoa tenha deixado seu desejo registrado em cartório com a presença de três testemunhas.

- Depois de registrada, a declaração se torna um documento público, o que sobrepõe até mesmo a vontade da família.

Para executar a cremação não é diferente: existem passos e normas a serem seguidos. Todos os crematórios do Brasil são regidos por normas ambientais determinadas pelo Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama). Uma delas especifica que todos os corpos cremados devem estar em caixões ecológicos, que não possuam metal de nenhum tipo, verniz ou tinta.

- Demorou um pouquinho, mas algumas indústrias já começaram a produzir esse tipo de caixão. É de madeira crua, coberta com um extrato de nogueira para ficar mais bonitinho e as alças também são de madeira. Mas a cada dez, apenas um era ecológico. Quando questionamos as funerárias sobre isso, a resposta foi que as famílias não querem, pois esse tipo de caixão tende a ser mais simples. Os parentes escolhem coisas suntuosas, madeira brilhante e cheia de verniz, para prestar a última homenagem aos mortos.

Um dos receios mais comuns das famílias com relação à cremação é de voltar para casa carregando as cinzas de uma outra pessoa. Isso faz com que muitos parentes escolham voltar no dia marcado da cremação para assistir até o fim, para terem a certeza de que não estão sendo enganados.

- Tento primeiro conversar com eles o seguinte: não é uma visão muito bonita. Tento mostrar que é melhor guardar a imagem do morto no salão de cerimônia, com música, que é preferível ter aquela recordação a guardar a cena do parente entrando no forno. A maioria fala que tenho razão, e vai embora.

O administrador confessou que existem locais em que pode ocorrer

realmente a mistura de cinzas de cadáveres diferentes devido à falta de estrutura e cuidado. Para evitar qualquer tipo de desconfiança ou constrangimento, acatou um método contra enganos.

- Nós criamos uma pastilha refratária. Quando o corpo chega, recebe um número de registro e esse é o mesmo número da pastilha. O material do qual ela é feita não se desfaz, permitindo que as cinzas sejam identificadas do começo ao fim do processo.

Não existe uma etapa sequer sem a impressão digital do profissional. Quando ele próprio não pode resolver alguma questão, busca parcerias. Na parte cerimonial, Reinaldo contratou um maestro e pediu para que fizesse um repertório com músicas de todos os tipos. As canções foram separadas por códigos para facilitar a escolha dos familiares e estão por gêneros em uma pasta. Foram criadas também sugestões de seqüências musicais prontas, que englobam apenas as músicas mais pedidas, consideradas as melhores e mais convenientes para serem tocadas durante a cerimônia.

- Quando os parentes chegam, estão atordoados, tristes, cansados e muitas vezes sem cabeça para conseguir pensar em algo. Por isso existe essa seleção. As músicas mais pedidas são as de temas de filmes, por exemplo, a do *Titanic* e *Ghost*. Também pedem muito a *Amigos para Sempre*, com o José Carreiras.

Em dias especiais, como Dia dos Pais ou Finados, o cemitério oferece cultos ecumênicos. Os familiares daqueles que foram enterrados ou cremados no local comparecem para prestar suas homenagens. Certa vez ao final da cerimônia, uma mulher, muito emocionada, perguntou:

- Aqui é tão bonito. Vocês alugam para casamento?

O pedido surpreendeu o administrador. No início não levou a sério, mas a moça repetia incessantemente que o lugar era lindo e questionava se não poderia mesmo realizar um casamento ali. Em resposta, Reinaldo disse sem pestanejar:

- Ah, não pode, não! Vai casar num cemitério!

O requisito básico para trabalhar com a morte é nunca abandonar o respeito pelo corpo e pelos familiares. Reinaldo e sua equipe jamais deixam isso de lado bus-

cando realizar um trabalho sem desvios, do momento em que recebem o corpo, até a devolução aos parentes.

- As cinzas são retiradas dez dias após a cerimônia. Quando vem, a família sofre tudo novamente. Já sofreram no dia da despedida e sofrem outra vez na hora de retirar a urna. Então temos de ter consciência de que esse é um momento muito importante: as pessoas pegam a urna e a abraçam como se estivessem abraçando o ente querido. Por isso devemos ter respeito, muito cuidado, e fazer direito o nosso trabalho.

Ao comparar a visão da morte antes e depois que começou a trabalhar com o tema, o profissional afirmou que encara o assunto com muito mais naturalidade.

- Antes a morte era uma coisa na qual não queria nem pensar. Hoje não, sei que vai acontecer e é uma questão de tempo. Todos nós vamos morrer. E com certeza me sinto bem mais preparado do que antigamente para lidar com a morte de alguém muito próximo.

Pedido irrecusável

Coincidentemente, Túblio Fontes Paiva também não fez planos para se tornar um profissional da morte. Formado em agronomia, trabalhou por 35 anos na Cosipa, siderúrgica localizada em Cubatão, Região Metropolitana da Baixada Santista. Depois de tanto tempo na mesma empresa, sua aposentadoria foi concedida. Túblio queria viajar e aproveitar seu descanso da melhor forma possível. Foi então que surgiu o convite.

- Paiva, você não quer me ajudar a montar um crematório?
- Mas eu acabei de me aposentar! Quero descansar!
- Por favor, faz isso para mim?

O pedido veio do amigo e proprietário do Cemitério e Crematório Memorial Necrópole Ecumênica, em Santos, litoral paulista. Aceitou o trabalho mais por camaradagem que por outro motivo. Túblio nunca tinha ouvido falar em crematório, nem sabia o que era. Justamente por isso via-

jou para os Estados Unidos e Argentina, a fim de conhecer os fabricantes dos fornos e alguns crematórios dos países vizinhos.

- Formei uma idéia do que era, voltei para o Brasil e montei do jeito que meu amigo pediu. Depois de pronto pensei: agora vou sair de férias.

Antes de ter tempo para pensar em como arrumaria as malas ou que lugares visitaria primeiro, o amigo, mais uma vez, interveio.

- Não, agora você vai tocar tudo isso aqui!

Isso foi no final da década de 1990. Nove anos depois, o ex-siderúrgico ainda não havia tirado suas tão sonhadas férias. No início, ele próprio operava o forno, assim como aconteceu com Reinaldo. Depois passou a cuidar apenas da parte técnica e administrativa.

Seu primeiro contato com o ramo se deu quando o mesmo amigo pediu para que ele fizesse o paisagismo do cemitério, antes de ele se tornar também um crematório. Naquele momento, o agrônomo entrou em ação e ofereceu mais vida ao local.

- Fui um dos precursores do mini-zoológico também. Esse meu lado de paisagista começou na época em que ainda trabalhava na Cosipa. Para mudar a imagem de poluidora da fábrica, montei um viveiro e um zoológico. Foi lá que tive a primeira chance de ser o paisagista que sou, saindo da teoria para a prática.

Túblio desenvolveu a técnica de cremar os corpos sem a tampa do caixão.

- Quanto menos matéria tiver para cremar, menos poluição causa.

Em nenhum momento do processo o profissional pode tocar no corpo. Quando o cadáver chega ao crematório, vai direto para a câmara de refrigeração e só sai para encontrar as chamas. Em Santos, o serviço custa R\$ 5 mil.

O administrador deve acompanhar o que ocorre durante as cerimônias que antecedem às cremações por meio de câmeras instaladas no salão. Mesmo com certa distância, jamais deixou de se sentir envolvido em algumas circunstâncias. Isso aconteceu com a chegada do corpo de um dos passageiros do acidente aéreo da TAM,¹⁰ em

¹⁰ Vide Capítulo I

2007, quando Túblio estava com 66 anos. Era um homem de 34 anos que morava na cidade de Santos e que foi ao Sul a trabalho. O profissional confessou que, mesmo com o caixão fechado, era possível sentir um odor quase insuportável, devido aos 15 dias que o morto permaneceu no IML para reconhecimento.

- Foi um momento muito triste. É difícil não me sentir tocado pela dor das pessoas. A tristeza era grande, não só dos familiares, mas de todos. Afinal, acompanhamos o processo. Vimos o acidente pela televisão, o sofrimento da família estampado na tela. De repente, um deles vem parar aqui. Na hora de tirar a tampa do caixão para colocar no forno, por mais experiência que tenha, não consegui ver a cena.

Para o profissional não é nada agradável lidar diariamente com mortos. Ele apenas coordena o procedimento, sem entrar em contato direto com os corpos. Mas o que o deixa realmente chateado são brigas que acontecem durante a cerimônia, ocasionadas principalmente por heranças.

- Uma mulher chegou a xingar o cadáver porque descobriu que ele tinha uma amante, e que ela estava no cerimonial. Imagina o barraco?

Em outra situação, Túblio participou da cremação de um homossexual. Durante o rito, dois homens se encaravam e um falava para o outro em voz baixa: vamos rachar meio a meio. Sem entender nada, buscou saber mais da vida da pessoa que seria cremada.

- O morto era de uma outra cidade e tinha um namorado lá. Depois se mudou para Santos e começou outro relacionamento aqui. Só que ele comprou um apartamento, e o namorado da outra cidade se sentiu no direito de ter o apartamento que ele deixou com o namorado daqui.

Alguns conhecidos discriminam o administrador por sua profissão. Não foi apenas uma vez que o então operador de fornos foi chamado de, por exemplo, “churrasqueiro”.

- São pessoas de péssimo humor, engraçadinhas. Isso é um total desrespeito ao ser humano. Eles não imaginam que amanhã podem estar ali ou mesmo presenciar a cerimônia de algum parente.

Antes de trabalhar no crematório, Túblio pensava que quando a pessoa morria, tudo acabava. Nunca teve inclinação para acreditar em vida após a morte, ou qualquer coisa do gênero. Mas sua percepção mudou com a rotina. Após ter perdido uma filha de 3 anos devido a um câncer, compreendeu que se tivesse essa percepção à época, talvez encarasse melhor a situação.

- A reação não seria diferente, afinal era minha filha. Mas se acontecesse agora eu compreenderia de forma melhor, não ficaria tão revoltado quanto fiquei na ocasião.

O administrador assumiu que já pensou em desistir inúmeras vezes, ainda mais por ser um serviço extremamente estressante.

- Não agüento mais, lidar com a morte não é fácil. Queira ou não, estou convivendo com os sentimentos das pessoas, e isso é horrível.

Mesmo não gostando do serviço, considerou-se um privilegiado por ter um trabalho com a idade que possui e sabe que precisa do dinheiro para complementar a renda familiar.

- Quando meu amigo fez a proposta de trabalhar no crematório eu raciocinei comigo: um pouquinho de dinheiro não vai me fazer mal nenhum, é muito bom. E foi exclusivamente a parte financeira um dos motivos que me levou a trabalhar aqui. Só que preciso cada vez mais desse dinheiro, minhas responsabilidades aumentaram e quis manter o padrão de vida. Apenas com a minha aposentadoria não conseguiria dar conta dos gastos que tenho.

VI

Entrada franca

CAPITULO



A divulgação de arte tumular colabora para difundir a cultura de um país. Isso é comum na Europa e até na América Latina. No Brasil a população ainda não entendeu que o cemitério é um museu a céu aberto

FRANCIVALDO GOMES - POPÓ
GUIA TURÍSTICO

Ao se ouvir falar em cemitério, a imaginação reproduz imediatamente o local onde se enterram os mortos, um ambiente de religiosidade, tristeza e lembranças. Pouca gente consegue pensar nas necrópoles como museus, reunindo centenas de obras de arte dos mais importantes e renomados escultores brasileiros e até mesmo estrangeiros.

É exatamente essa má impressão que os guias turísticos de cemitérios querem mudar. Ex-coveiros que conhecem cada canto do local onde trabalham, os profissionais são verdadeiros professores de história, antropologia e até mesmo filosofia. São pessoas que estudam a morte para ajudar o ser humano a compreender mais facilmente a vida.



Século XIX: a cidade de São Paulo assistia ao fim da prática de enterrar os mortos nos terrenos das Igrejas, sob os pés dos fiéis. Assim surgiu, em agosto de 1858, o Cemitério Municipal, localizado fora do perímetro urbano para garantir a higiene e salubridade dos habitantes do centro, que naquela época se limitava ao que hoje se conhece como Centro Velho, nas imediações do Pátio do Colégio e do Viaduto do Chá.

Século XXI: São Paulo cresceu, o centro se expandiu, o antigo Cemitério Municipal, agora com o nome de Cemitério da Consolação, está encravado no meio da cidade, numa das vias mais conhecidas e movimentadas da terceira maior metrópole mundial: a Rua da Consolação.

Foi lá que, no ano 2000, o coveiro Francivaldo Gomes começou a trabalhar. Lá também passou a ser conhecido como Popó, por conta da semelhança evidente com o brasileiro campeão mundial de boxe Acelino Popó Freitas. À época, o administrador do cemitério era Délio Freitas dos Santos, a quem Popó carinhosamente relembra como “professor”. Foi por causa do professor que passou de coveiro a guia da mais antiga e tradicional necrópole da capital paulista.

Délio foi o antecessor e idealizador do Projeto Arte Tumular, promovido pelo Serviço Funerário Municipal desde 2002 com o objetivo de divulgar a cultura e a arte presentes nos cemitérios mais antigos da cidade, aspectos muitas vezes desconhecidos da população. O Brasil não possuía o hábito

de incluir em seus roteiros turísticos a visita a cemitérios, como fazem outros países do mundo. Na França, o *Père Lachaise* é uma das necrópoles mais conhecidas e visitadas do planeta. E não é necessário ir tão longe, pois na própria América Latina há o *Recoleta*, em Buenos Aires, Argentina, que também valoriza a arte tumular como um fator de divulgação da história do país. Inspirado por estes exemplos, o professor percorria as quadras do Consolação na companhia de estudantes ou outros interessados sempre com uma explicação pronta sobre as figuras sepultadas naquele solo.

O inexperiente Coveiro Popó, ainda tímido no novo local de trabalho, apenas acompanhava o serviço do administrador com olhos atentos. Sem descuidar de seus próprios afazeres, procurava estar próximo a Délio quando fazia seus passeios com os visitantes. Observava o homem falar, gesticular e apontar durante as explicações. Quando a turma abandonava aquela sepultura em busca de um novo pedaço da história paulistana para explorar, era a vez de Popó: ele se aproximava e, discretamente, anotava na palma ou no dorso das mãos o nome da família ou do morto enterrado naquele lugar. Então, quando encontrava oportunidade de falar com o professor a sós, questionava-o sobre a informação que havia cuidadosamente recolhido.

- Professor, no túmulo 20 da quadra quatro,¹¹ o senhor parou com os alunos hoje para fazer uma explicação. O que tem de tão diferente lá? Tem alguma família famosa enterrada, ou alguma obra de um escultor conhecido?

- Ah, Popó! Quem está enterrado ali é o Conde Alexandre Siciliano, que foi um importante industrial ítalo-brasileiro. Foi casado com Laura de Melo Coelho, que mais tarde se tornaria a condessa Siciliano quando o marido recebesse o título do governo italiano. Entre os descendentes do casal está a prefeita de São Paulo, Marta Suplicy,¹² que subiu ao poder em 2001. A obra sobre o túmulo foi feita pelo escultor italiano Amadeo Zani, professor do Liceu de Artes e Ofícios e autor da escultura *Glória Imortal aos Fundadores de São Paulo*, que fica no Pátio do Colégio.

11 Número fictício, pois o Serviço Funerário de São Paulo não autoriza a divulgação dos números das quadras e lotes dos cemitérios municipais

12 Eleita pelo Partido dos Trabalhadores (PT) em 2000, que permaneceu no cargo de 2001 a 2004

Para o Conde, Zani fez uma imponente capela em estilo assírio-babilônico, guardada pelas figuras de dois leões, símbolos da vigilância e animais adorados pelos assírios.¹³

Mas Popó não se limitava a aceitar as respostas de Délio, embora tivesse pelo professor e por seu trabalho um enorme respeito. Sentimento, que, aliás, só fez crescer quando, como todo bom pesquisador, ao fim do expediente, às 16 horas, rumava diretamente para a Biblioteca Mário de Andrade, próxima do cemitério. Em meio ao pó e o cheiro dos livros antigos, sorria baixinho e satisfeito ao constatar que todas as informações recebidas do professor estavam corretas. O apreço pelo mestre era estímulo ainda maior para o aprendiz. Popó já não esperava mais as visitas de Délio aos túmulos para colher os nomes que julgava interessantes e pesquisá-los na biblioteca. Assim, quando tinha a oportunidade de conversar com Délio, podia dividir um pouco daquilo que o autodidata curioso acumulava sozinho. Mesmo assim continuava acompanhando os passos do professor em meio às ruas da cidade dos mortos.

- Não houve uma vez sequer na qual eu fiz uma pergunta e recebi um “não” como resposta. O professor estava sempre disposto a ensinar. Costumava dizer que todos os coveiros do cemitério deveriam ser tão interessados quanto eu.

A parceria só poderia significar sucesso, e ambos os lados tinham muito a ganhar em conhecimento e afeição, assim como o Consolação também lucrava com dois profissionais cada vez mais especialistas em sua história. Porém, a morte jamais pára, e faria questão de interromper a amizade dos dois em 12 de abril de 2002, dia em que Délio morreu. Ainda muito abalado pela perda, pouco tempo depois Popó recebeu a notícia: o Serviço Funerário tinha criado o projeto Arte Tumular e o convidava para ser o novo guia turístico do cemitério da Consolação. Quando pensa em como conseguiu alcançar seu sonho, o ex-coveiro não esquece do professor.

- Há uma obra aqui no Consolação chamada *Vencedores*, do escultor italiano Luigi Brizolará¹⁴ e feita em 1921. Representa dois atletas: um

¹³ Fonte: Prefeitura de São Paulo – Serviço Funerário do Município – Projeto Arte Tumular

¹⁴ Idem

mais jovem e um mais velho. O idoso segura nas mãos um bastão, que está passando para o mais novo. Esta é a escultura com a qual mais me identifico, pois representa exatamente o que aconteceu comigo: o professor Délio me passou aquilo que sabia para que eu continuasse seu trabalho depois que ele morresse. E, com muito orgulho, aqui estou!

Contador de histórias

Cada personalidade morta e enterrada no solo da região central da cidade é quase íntima de Popó. São histórias de vidas que ele descobriu apenas depois da morte.

- Continuo pesquisando muito, leio muitas coisas em livros, mas agora também recorro à internet. Sempre tem informação nova e quem trabalha como guia turístico de qualquer lugar precisa estar atualizado.

Um cemitério como o Consolação é um local onde os ricos podem ostentar aquilo que foram em vida também durante a morte, construindo verdadeiros monumentos para abrigar seus corpos e de seus familiares. Basta citar como exemplo o mausoléu da Família Matarazzo, que Popó apresenta com pompa aos visitantes, por se tratar de uma das obras mais importantes do acervo desse museu a céu aberto.

Os Matarazzo foram uma família de industriais italianos que imigraram para o Brasil e aumentaram suas riquezas por aqui, ajudando a expandir a indústria do País no início do século XX. A construção monumental de 20 metros de altura equivale a um prédio de três andares, e os 150 metros quadrados possibilitam que sejam enterradas 28 pessoas sem a necessidade de exumar nenhum corpo sequer. O material utilizado para a construção do túmulo foi o granito, e as estátuas de bronze que enfeitam o topo do mausoléu são de autoria do escultor Luigi Brizzolara.

O império Matarazzo entrou em decadência, as fábricas viraram ruínas ou foram compradas, a mansão da Avenida Paulista veio abaixo, mas o mausoléu do Consolação continuou inteiro e conservado, perpetuando um período de grandeza e poderio econômico.

- Quando falamos de São Paulo, não podemos deixar de falar da família Matarazzo e desse mausoléu, a maior construção instalada numa das mais

importantes necrópoles da terceira maior metrópole do mundo. É a tradução da grandeza e do poder de uma família. E para ver essa e muitas outras obras de arte não é preciso pagar nada.

Ao lado do maior mausoléu do Cemitério da Consolação está um túmulo não tão imponente, mas não menos importante do ponto de vista histórico. Trata-se daquele que abriga o corpo do presidente Campos Salles, que governou o País de 1898 a 1902. A obra *O anjo*, esculpida em granito, é de ninguém menos que o italiano Vítor Brecheret, um dos principais nomes da escultura brasileira. A influência da arte moderna sempre foi evidente na obra do artista. Brecheret participou da Semana de 1922 no Brasil, e ganhou o prêmio de melhor escultor brasileiro na Bienal de São Paulo de 1951.¹⁵

Popó caminha diariamente entre os mortos, mas é cheio de vida. Baixinho, anda muito mais rápido do que seria considerado prudente para uma observação mais detalhada. Mas, quando é hora de falar, detém-se exatamente nos lugares mais importantes para contar as histórias que aprendeu ao longo do tempo em que trabalha no Consolação.

- Muita mulher solteirona vem até o túmulo da Domitila de Castro Canto e Melo, a Marquesa de Santos, para pedir um marido rico. Eu mesmo já encontrei vários bilhetinhos deixados sobre o túmulo de mármore com esse mesmo pedido, além de flores vermelhas deixadas como agradecimento a solicitações atendidas.

A Marquesa de Santos ficou famosa na história por ser apontada como amante de Dom Pedro I. Alguns estudiosos chegam a afirmar que o imperador se encontrou com ela antes de dar o famoso grito às margens do rio Ipiranga, que libertaria o Brasil do domínio de Portugal. Embora a fábula nunca tenha sido confirmada, as mulheres atribuem à Marquesa de Santos poderes para realizar graças. Cenas como essa não são raras em cemitérios. Estas pessoas são chamadas de beneméritos, e a credence popular acredita que elas possuem poderes que podem ajudar a resolver os problemas dos que ainda estão vivos.

Uma placa no túmulo de mármore branco da Marquesa mostra que ela foi a doadora das terras para a construção da necrópole. A obra sobre seu túmulo, de um artista desconhecido, foi conservada durante os últi-

¹⁵ Fonte: Prefeitura de São Paulo – Serviço Funerário do Município – Projeto Arte Tumular

mos anos por um nome muito importante da música brasileira: o sanfoneiro Mário Zan.

- O sonho dele era comprar um jazigo para a família que fosse em frente ao da Marquesa de Santos, do qual cuidou com carinho durante quase 50 anos. E, no fim da vida, conseguiu comprar e acabou sendo enterrado aqui também.

O túmulo da família Zandomeneghi fica exatamente na quadra em frente ao da Marquesa de Santos. O sanfoneiro contribuiu muito para a música popular brasileira, compondo o *Hino do Quarto Centenário de São Paulo*. Mário Zan também foi o autor do hino do Estado do Mato Grosso, composto em 1944, e que se tornaria um verdadeiro sucesso: a música *Chalana*. E a letra acaba falando indiretamente da morte, mesmo que seja a de um grande amor:

*“Lá vai a chalana, bem longe se vai
Navegando no remanso do rio do Paraguai
Ah! Chalana, sem querer tu aumentas minha dor,
Nessas águas tão serenas vai levando meu amor
Ah! Chalana, sem querer tu aumentas minha dor
Nessas águas tão serenas vai levando meu amor
E assim ela se foi, nem de mim se despediu
A chalana vai sumindo na curva lá do rio
E se ela vai magoada eu bem sei que tem razão
Fui ingrato, eu feri o seu meigo coração.”*

Filósofo do Araçá

Individualismo, comunismo, Sócrates, Platão e Epicuro. Já pensou em ouvir teorias e grandes nomes da filosofia durante um passeio pelas quadras de um cemitério? Pois é assim que Osmair Camargo Cândido, guia turístico do Cemitério do Araçá, na Zona Sul da cidade de São Paulo, passou a conduzir seus visitantes. Fininho, como ficou conhecido pelos companheiros de

trabalho, jamais revelou a idade. Sobre si nunca falou muito, mas sempre gostou de conversar sobre o desenvolvimento da sociedade. A atividade de estudar o ser humano se tornou ainda mais prazerosa depois que concluiu o curso de filosofia na Universidade Mackenzie. O nível superior foi um sonho realizado pelo homem que começou como faxineiro noturno da universidade, dividindo seu tempo entre as covas do Araçá e a sujeira deixada pelos estudantes que percorriam os corredores e salas da universidade.

Durante 20 anos entre os mais de 400 mil túmulos, aprendeu muito sobre o significado da vida. Como o filósofo grego Epicuro de Samos (400 a.C), diz não temer a inevitável chegada da morte.

- Para que vou ter medo de morrer? A morte é algo que não vou viver, porque não existo mais no exato momento em que ela chegar. Temos que estudar a morte para compreender a vida. Dessa forma, morrer é apenas a consequência de uma existência plena e bem aproveitada.

Cada passo percorrido ao lado de Fininho faz com que se acumule ainda mais conhecimento. E conhecimento ele faz questão de dividir, como o bom professor que é. Embora insista em se declarar um eterno mal-humorado.

- O Popó é bem mais legal que eu.

Em 2007, o filósofo dava aula em dois colégios particulares da cidade, e ainda queria mais. Mas não pensou em abandonar o cemitério que o acolheu tão bem. Embora acostumado com o ambiente, nunca deixou de se emocionar em determinados momentos.

Um dos mais marcantes foi a morte do estudante de medicina da Universidade de São Paulo (USP) Edison Tsung-Chi Hsueh durante uma festa de recepção aos calouros do curso, em 1999. Os veteranos da faculdade fizeram uma brincadeira que acabou em tragédia: jogaram o jovem na piscina sem que ele soubesse nadar, e ele morreu afogado. Fininho faz questão de passar pelo túmulo de Edison com todos os visitantes que comparecem ao Araçá, pois acredita que é necessário se fazer um alerta para que acontecimentos como esse não voltem a se repetir.

- Eu nunca tinha visto tanta tristeza, e olha que já trabalho há muito tempo com isso. A mãe desse rapaz chorava um choro seco, os olhos brilhando já sem lágrimas de tanta dor. As amigas dele em volta também, todas chorando.

Foi uma brutalidade o que fizeram com ele. Fruto do egoísmo humano.

Para Fininho, tudo isso é culpa de um fenômeno que chama de “cohabitação”. É como se as pessoas perdessem a capacidade de pensar e se tornassem apenas um aglomerado sem capacidade de ação ou mudança. O homem, cada vez mais egoísta, importa-se cada vez menos com o outro, e passa a viver uma existência cada vez menos humana. Como consequência disso, torna-se individualista e vive uma vida de aparências, baseado no que vê e ouve na televisão, também muito criticada pelo filósofo e apontada como massificadora.

- Só me pergunto: qual seria o propósito dessa corrente de pensamento? Talvez seja algo inconsciente, que o ser humano faz sem perceber? Talvez seja um meio de defesa? Mas do quê? O verdadeiro problema é que o ser humano é egoísta por natureza.

- E consumista.

Quem completa é Donaldo Guerra, psicólogo que trabalha com Fininho no Araçá e acompanha o passeio.

- Nós vivemos num país consumista, no qual aprendemos desde criança o valor da posse, do ato de comprar. Muitos não podem arcar com tantas despesas, mas mesmo assim querem ostentar. Esse cemitério é um ótimo exemplo do consumismo: os túmulos imponentes, construídos em materiais caros e ornados com grandes obras de arte apenas para guardar algo que não existe mais, que está morto.

Fininho logo cita como exemplo a história do imperador indiano Shah Jahan, que viveu por volta do ano de 1630. A esposa favorita do imperador, Aryumand Banu Begam, a quem chamava de “A jóia do palácio”, morreu ao dar à luz seu 14º filho. Desolado pela perda, o imperador resolveu declarar seu amor incondicional e eterno à mulher, construindo um verdadeiro monumento para guardar seus restos mortais pela eternidade.

O que muita gente conhece como uma das Sete Maravilhas do Mundo é, na verdade, um gigante mausoléu: o suntuoso *Taj Mahal*, construído entre os anos de 1630 e 1652 por cerca de 22 mil homens. A obra foi realizada em mármore branco, contém inscrições retiradas do Corão - livro sagrado islâmico - é incrustada de pedras preciosas e sua cúpula é composta de fios do mais puro ouro. Uma prova de amor declarada e ostentada num túmulo.

Apesar de não defender o consumismo da sociedade moderna, o filósofo também não é a favor do comunismo. Ao menos não do que alguns historiadores chamam de ditadura do proletariado, o comunismo que realmente foi colocado em prática no século XX com a Revolução Russa. Sempre instigando o interlocutor a pensar, a fala de Fininho chega a ser quase uma provocação.

- Pergunte a qualquer um onde estava a grandeza dos Estados Soviéticos. Onde é que foi parar a riqueza desses países? Será que estava concentrada em Moscou? Talvez na Bósnia, ou mesmo na Sérvia? Será que estava naquele monte de sangue derramado e visto pelo mundo todo? Ou nas almas perdidas nas guerras travadas durante o período? Eu, sinceramente, não sei. Eles viviam todos num reino de mentiras, incapazes de enxergar a própria realidade.

Fininho sempre foi mais do que filosofia. Seu conhecimento sobre a história do Araçá foi adquirido principalmente com Popó, o guia do cemitério da Consolação que iniciou o projeto Arte Tumular na cidade de São Paulo. Mas, como o companheiro do Consolação, o filósofo não se limitou ao que lhe foi passado pelo professor, e também procurou conhecer a fundo a história daqueles que foram enterrados nos túmulos do Araçá.

Entre as obras, é possível encontrar trabalhos de escultores como Vitor Brecheret, Rafael Galvez e a única brasileira a ter uma obra de arte tumular num cemitério da cidade de São Paulo, Nicolina Vaz de Assis. Entre os grandes nomes de várias áreas da história sepultados no Araçá, o passeio incluiu os túmulos da escritora Cacilda Becker, do pianista Pedro Mattar, do jornalista e empresário Assis Chateaubriand e de uma atriz de quem Fininho relembra com muito carinho: Nair Belo.

- Ela era uma mulher cheia de vida. Vinha aqui sempre cuidar do túmulo de sua família e brincava dizendo que eu ainda iria assistir a seu enterro como se fosse uma festa para a qual ela me convidava. A Nair sempre teve muito senso de humor. Vou me lembrar dela sorrindo, pois sei que era assim que ela gostaria de ser lembrada.

EMTEORIA

Morte



E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte severina: que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença é que a morte severina ataca em qualquer idade e até gente não nascida)

JOÃO CABRAL DE MELO NETO
MORTE E VIDA SEVERINA

A cena era muito comum. A família perdeu a avó de 90 anos, que morreu dormindo depois de viver seus dias de maneira plena. A senhora deu as últimas orientações e recebeu do sacerdote a extrema-unção. Quando partiu, o velório foi organizado em casa, o caixão de tampa aberta e madeira de lei posicionado sobre a mesa no centro da sala de jantar. Fechavam-se janelas, cobriam-se espelhos e acendiam-se velas. Os parentes próximos e distantes eram chamados, e até mesmo o vizinho comparecia para a última despedida - e um cafezinho, por que não? Era a oportunidade de reunir os familiares que há tempos não eram vistos, uma cerimônia realizada com tanto cuidado quanto a de um casamento.

Poucos anos depois, na metade do século XX, essa cena deixou de ser usual. Hoje se morre nos hospitais, ao lado de médicos e enfermeiros que praticamente ignoram a presença do doente e de seu estado irreversível. O ser humano passou a ter medo da morte. Um fenômeno que era encarado de maneira natural passou a ser considerado algo sujo, impuro e que deve ser escondido, já que não pode ser evitado. O filósofo e sociólogo José Luiz de Souza Maranhão explica que a sociedade retirou o tabu do sexo e o colocou na morte.

- Você conta para uma criança como foi que ela veio ao mundo, como funciona o processo de fertilização e outros pormenores do sexo, como não se fazia há pouco tempo. Porém, quando o avô dessa mesma criança moderna morre, os pais dizem que ele foi fazer uma viagem e não volta mais. O sexo era o tabu. Hoje é a morte, é sobre ela que evitamos falar.

Para Maranhão, o problema está exatamente no desenvolvimento do capitalismo na sociedade pós-moderna. Em seu livro *O que é morte* (1985), o filósofo explica que esse medo serve como forma de mascarar as injustiças sociais, principalmente em países subdesenvolvidos como o Brasil. Quem morre deixa de produzir, deixa de ser útil ao capitalismo, que conta os seres humanos como números dentro de uma cadeia produtiva. Para o sistema, a não-produção é a não-geração de lucro, portanto, não é interessante e deve ser evitada.

A expectativa de vida no Brasil chegou aos 71 anos de idade, de acordo

com dados divulgados em 2006 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pode ser comparada, na América Latina, apenas à Colômbia. Outros grandes países da região superam o índice do Brasil, tais como: México e Paraguai, com 75 anos; Equador, Uruguai e Argentina, com 76 anos; e Cuba, ilha que é exemplo na América Latina, com a taxa em 77 anos - a mesma dos Estados Unidos. Na União Européia, o homem vive uma média de 78 anos. Na Austrália, 80. E em Andorra, pequeno país europeu, a expectativa é a campeã do mundo: 83 anos.

Porém, a previsão não atinge a maioria da população. Apesar de ser um dos dez maiores produtores de alimentos do mundo, os índices de desnutrição no País ainda são altos: pelo menos 10% da população brasileira é subnutrida, principalmente na região Nordeste. A mortalidade infantil também não fica atrás: conforme dados de 2004 divulgados pelo Ministério da Saúde, de cada mil crianças que nascem no Brasil, 23 morrem antes de completar um ano.

O geógrafo e escritor Eduardo Coelho Morgado Rezende passou a vida estudando conceitos relacionados ao ato de morrer e chegou às mesmas conclusões que Maranhão: o sexo e a morte trocaram de lugar na sociedade.

- Eu costumava dizer que antigamente o corvo era mostrado e a cegonha era ocultada. Ninguém falava em nascimento, todo o mundo escondia, e hoje é ao contrário: você filma o parto, existe uma erotização infantil, mas ninguém segue cortejo fúnebre pelas ruas, não se velam mais os familiares no lar onde viveram. Afinal, tempo é dinheiro, e não é possível parar a produção apenas para acompanhar aquele que não mais produz.

Rezende acredita que a influência da sociedade capitalista também se reflete nas alamedas e túmulos dos mais de 800 cemitérios espalhados em 20 países visitados por ele durante suas pesquisas. O escritor divide esses espaços em três tipos: o cemitério romântico, burguês ou tradicional, o cemitério jardim e o cemitério vertical.

O romântico, burguês ou tradicional tem origem na ostentação de monumentos, o que evidencia a tentativa do homem de refletir na morte o poder e a riqueza que teve enquanto vivia. É também chamado de moderno, pois passou

a existir apenas depois da Revolução Industrial, quando o hábito de enterrar os mortos nos solos das igrejas foi banido por questões de higiene e salubridade, e também porque a prática se tornou inviável devido ao crescimento acelerado das cidades. O cemitério passou a ser uma cidade dos mortos, regida pelos mesmos conceitos de divisão de classes encontrados na sociedade existente do lado de fora de seus portões.

O vertical é uma tendência bastante moderna que foi importada dos Estados Unidos e se apresenta como uma solução para o problema da falta de espaço, cada vez mais recorrente nas grandes metrópoles. Não necessita de grandes terrenos, apenas de um prédio que cresce para o alto, em andares. Os corpos são enterrados em gavetas e decompostos por sistemas de ventilação modernos, que filtram o ar de dentro do túmulo.

Já o jardim, também de origem norte-americana, representa a mais influente tendência atual, tanto no Brasil quanto no mundo. Nesse tipo não há o caráter de templo, monumento e arte presentes no tradicional. Há apenas um gramado no qual é posicionada uma placa com o nome da pessoa e as datas de nascimento e morte. Nesses locais não há mais a ostentação, e nem sequer a idéia de que ali é um cemitério, como explica Rezende.

- No final da vida, rei, rainha, peão, todos voltam para a mesma caixinha do xadrez. A morte é igual para todos.

Rezende acredita que essa modernização dos locais de sepultamento também faz parte do tabu adquirido pela sociedade moderna em relação ao tema. Hoje, quanto mais escondido e pouco lembrado for o ato de morrer, melhor é para aqueles que ficam – e essa afirmação explicaria também o advento cada vez maior da cremação. E não são apenas os parentes que querem ignorar o quanto podem a questão, mas também o próprio morto, como o fez o empresário Caio de Alcântara Machado em seu bilhete de despedida, publicado nos jornais paulistas em 2003:

“Hoje eu peço para que não haja missa para Caio de Alcântara Machado. Eu fui um homem de soluções ao invés de problemas. O que me afligiu a vida inteira foi chegar nos horários de festas e reuniões que não me serviram para nada. Quero que meus amigos não percam tempo, não precisam ir ao meu velório nem enterro. Nesse dia peço apenas para que reservem 15 minutos para pensar na minha pessoa. Enfim, não quero atrapalhar. A morte é um estorvo, não quero parar a circulação da capital”

Morremos sós

Um ser vivo só pode morrer a sua própria morte, e nunca a do outro. Pode-se abandonar a vida no lugar de alguém, mas este não deixará de morrer quando a sua hora chegar. E ela fatalmente chega para todos.

Apesar de ser considerado um fenômeno particular e individual pela ciência, deixar de viver é também um acontecimento social a partir do momento em que influencia na maneira como o ser humano habita o mundo e se organiza nele. Sendo assim, alguns estudiosos, como a antropóloga Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer, acreditam que as ciências humanas – em particular a filosofia, a sociologia e a antropologia – existem para tentar explicar esse suposto fim, que é aquilo que aproxima e torna todos os homens iguais.

- As manifestações relacionadas à morte, tais como: ritos funerários, explicações religiosas, científicas, filosóficas e artísticas, podem ser lidas como interpretações do que é a vida, de seus sentidos e de como ela se organiza e se desenvolve.

A antropóloga ainda afirma que o medo não prejudica apenas a percepção da morte pela sociedade, mas também acaba por marginalizar os profissionais que sobrevivem de atividades relacionadas a ela. É por isso que muitos se negam a trabalhar como coveiros, agentes funerários ou operadores de fornos. O medo de ser rejeitado, de sofrer com o preconceito, faz com que o profissional esconda a atividade, como forma de ser aceito pelo grupo com o qual convive.

Quando é obrigado a revelar o que faz, é visível o estranhamento atribuído ao indivíduo. Em contrapartida, muitos profissionais se entregam exatamente a esse medo como uma forma de tentar mascarar os próprios sentimentos em relação à morte de parentes e à sua.

Como ninguém pode tomar o lugar de ninguém ao deixar este mundo, também a morte não pode ser avaliada apenas de uma maneira. Há tantas formas diferentes de interpretar o fenômeno quantos são os grupos humanos que partilham de um conjunto comum de interpretações sobre a vida. Na maioria dos casos, a morte é compreendida como uma passagem para outros estágios de existência, os quais são explicados dos mais diferentes modos.

Ana Lúcia explica que, para as ciências humanas, dependendo do contexto em que uma morte se dá, pode ser considerada um ato heróico, uma necessidade para o bem estar social (como é o caso dos ritos de sacrifício comuns em determinadas culturas), uma perda ou um ganho para o grupo como um todo.

- Nas modernas sociedades urbano-industriais, nas quais o discurso científico está bastante presente, ao lado das explicações biológicas estão as múltiplas facetas mágico-religiosas do assunto.

Sem dúvida, a morte é um fenômeno social. Embora se materialize no corpo de qualquer ser (humano, animal, vegetal), os significados envolvidos em explicações a seu respeito são construídos e compartilhados por todos que estão à volta. Tanto que os registros arqueológicos mais remotos sobre manifestações do homem se reportam a objetos provavelmente utilizados em rituais funerários.

- O ser humano se tornou um ser cultural justamente quando atribuiu sentidos sociais a fenômenos naturais como: nascer, crescer, comer, procriar, adoecer e morrer.

Para o filósofo Luiz Augusto Contador Borges, o encerramento da vida é, na verdade, uma experiência do excesso. Quando uma pessoa morre em paz, tranqüila, é o momento em que a vida ultrapassa o seu mais alto limite vital. O suposto fim representa a intensidade, o objetivo buscado involuntariamente ao

longo da existência e finalmente atingido. Por isso o suicídio é um ato voluntário de alguém que vai além dos seus próprios limites, e não é condenável pela visão da filosofia, apesar de ser considerado como uma abreviação que interrompe a vivência e as experiências do ser humano. Exatamente por conta disso a morte é encarada como uma manifestação da vida, um acontecimento central e de extrema importância para a filosofia.

- Você só pode definir a vida pela morte. E a morte, claro, é um fenômeno da vida, então ambos estão intimamente ligados. O sentido de viver está ligado ao sentido de morrer, e a essa idéia irônica de negar um ao outro.

Borges, assim como Maranhão, também relaciona a morte ao sexo, de acordo com as teorias do filósofo Georges Bataille (1897-1962). Para ele, ambos os fenômenos são pontos de excesso da vida do homem. São encarados como experiências que se completam e que constituem a vida, diferentemente da forma como o pai da psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939), acreditava. Para Bataille, não há Eros e Tanatus, o instinto de morte que se opõe radicalmente ao instinto de vida, o existir e o não-existir. O pensamento de afirmação de Bataille se origina nas idéias do pensador Friedrich Nietzsche (1844-1900), que afirmava que a vida se dá no sofrimento, na dor da tragédia e na violência.

- De acordo com os pensadores que orientam minhas idéias, a energia que leva alguém a matar é a mesma que leva o ser humano a praticar o sexo. Por isso, ambos estão ligados durante a existência, a partir do momento em que um gera e o outro interrompe as experiências da vida.

O homem só existe e se realiza plenamente quando aceita e assume seu suposto fim, o qual constitui a suprema libertação. Esta visão romanceada foi desenvolvida pelo pensador Martin Heidegger (1889-1976) em seu livro *Ser e o Tempo* (1927), citado por Maranhão em *O que é morte*. Para Heidegger, a morte é o caminho para a descoberta do ser. Assim que o homem começa a viver, tem idade suficiente para morrer.

- Não caímos diretamente na morte, mas nos preparamos para ela dia

a dia. Heidegger dizia que “o dia em que se deixa de viver não é o dia em que se morre, mas sim em que se acaba de morrer”.

Jean-Paul Sartre (1905-1980) se opunha à visão de Heidegger, afirmando que o ato de morrer revela o caráter mais absurdo da existência humana, já que interrompe radicalmente e violentamente todo o projeto existencial, toda a liberdade pessoal e todo o significado da vida. Para Sartre, nada faz sentido: “o homem nasce sem razão, prolonga-se por fraqueza e morre por acaso” - uma visão pessimista e desesperada da morte.

Em oposição a todos os outros pensadores de sua época surgem as idéias de Gabriel Marcel (1889-1973) e sua filosofia da esperança. Para ele, a morte que realmente faz diferença para o ser humano é a daqueles a quem se ama. Amar um ser é desejar de todo o coração que ele não morra. É aí que reside a verdadeira essência do fim. O mais importante é usufruir a vida ao lado dessas pessoas antes que ela acabe.

Passar de Sartre a Marcel é o mesmo que passar da incredulidade à fé, do desespero à esperança, do ódio ao amor. Maranhão destaca que Marcel é o primeiro a mostrar que pode haver esperança na morte, e que ela pode ser um fenômeno de afirmação de que há algo além da vida.

- É no âmago do amor que brota a esperança da imortalidade.

Dor da perda

O desejo e a esperança de que o ser amado jamais morra fazem com que o indivíduo afaste a idéia da perda e de suas influências na vida da humanidade. O prolongamento da existência se torna um objetivo comum e explícito em toda a sociedade – e o medo de que o fim chegue é deixado de lado sempre que possível, como se o ser humano fizesse um exercício diário para afastar essa iminência. Afastar, claro, até o dia em que ela fatalmente chega, acompanhada do processo natural do luto.

João Paulo Consentino Solano, professor da Clínica Médica do Depar-

tamento de Medicina e fundador-coordenador do Projeto de Proteção ao Luto (Prolu), da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), atende familiares de mortos desde 2003. O especialista explica que a maior parte daqueles que perdem alguém especial resolve o processo de despedida espontaneamente. Contudo, uma parcela tida como considerável passa por um processo de desligamento mais complicado. Durante essa etapa, caso não haja acompanhamento adequado, podem ser desenvolvidas patologias, como síndromes psiquiátricas de depressão ou ansiedade.

- De 10% a 15% dos processos de luto evoluem para um quadro complicado. Ficam nessa etapa por um tempo muito longo, apresentando reações que impedem o ser humano de desempenhar funções sociais. O mais importante não é o tempo em que a pessoa fica nesse processo, mas se a reação prejudica suas atividades diárias, ou a vida social, afetiva, o vínculo com outras pessoas.

Essa dificuldade em lidar com a perda pode, inclusive, resultar em suicídio. Uma saída encontrada pelo profissional foi a criação do Prolu. Solano trabalhava na equipe de Cuidados Paliativos da Unifesp, grupo com o objetivo de amenizar o processo de morrer em pacientes incuráveis. Após pouco tempo trabalhando com o tema, a equipe percebeu que não era apenas o doente que necessitava de cuidados especiais, mas também seus familiares e, em especial, aquele que dedicava seus dias para cuidar do enfermo.

- Havia uma série de sobrecargas psico-sociais que incidiam sobre os indivíduos da família e até mesmo sobre vizinhos mais chegados. Em países desenvolvidos o luto faz parte do exercício pleno dos cuidados paliativos. É preciso que na equipe haja profissionais que se dediquem às famílias antes e depois de o paciente morrer.

De acordo com o especialista, existem trabalhos na Inglaterra para atenção especial ao paciente em vias de morrer e seus parentes. O sistema é denominado *Hospicy*, que nada mais é do que um hospital-residência desprovido de equipamentos normalmente encontrados em Unidades de Tratamento Intensivo (UTIs). O intuito desses espaços é garantir aos “moradores” mais qua-

lidade de vida, mesmo à beira da morte. A idéia, portanto, não é nem praticar a eutanásia – o fim adiantado da vida, por meio de recursos da medicina – e nem a distanásia – prolongamento artificial da existência.

- Se uma pessoa está com câncer terminal e tem uma parada cardíaca, ninguém vai resgatá-la, pois já se sabe que ela morrerá. A família, a equipe assistencial e o próprio paciente estão preparados. Se infelizmente a medicina não conseguiu curá-lo, o resultado é a morte natural, com qualidade de vida e compreensão entre médico, paciente e família.

Não existe uma regra para o trabalho com os familiares. Normalmente são grupos de apoio nos quais os participantes se reúnem para troca de experiências e apoio mútuo, sem a presença de profissionais. Existem, ainda, aqueles direcionados por psicanalistas ou outros especialistas. No caso do Prolu, as discussões são coordenadas por profissionais de saúde mental e psicoterapeutas. Conforme Solano, o golpe de perder um familiar é mais difícil de ser tratado em idosos ou crianças, ambos os extremos da vida. De qualquer maneira, no Brasil o ato de lidar com a morte é algo que traz menos dificuldade do que em outros países.

- Os europeus nos olham com inveja, porque dizem que o calor humano entre os brasileiros é algo à flor da pele. Aqui há mais apoio, as pessoas são mais calorosas. Se a família faltar, o vizinho empresta o ombro. Já os europeus, por exemplo, ficam à mercê de quadros de luto mais graves por não terem essa aproximação.

Direito de morrer

O tabu da sociedade é visto de maneira bem mais simplificada pelos códigos e leis brasileiros. Desde 1980, após a aprovação da lei de doação de órgãos, um indivíduo é considerado morto após o fim de suas funções cerebrais. Até aquele ano, a *causa mortis* oficial era a parada cardiorrespiratória – que nada mais é do que a falência conjunta de pulmão e coração. A modificação veio após a realização do primeiro transplante de coração, em 1967, na África do Sul. Depois da experiência, especialistas

norte-americanos se interessaram pela possibilidade e a universidade de Harvard realizou uma série de estudos sobre o tema. Foi, então, definida a nova morte oficial que, mais tarde, seria adotada pela maioria dos países, exceto Japão e Alemanha.

No Brasil a morte é classificada em três diferentes situações: natural, acidental ou homicídio, conforme o professor de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Celso Ferenczi. Abreviar a morte de um paciente em estado terminal – prática conhecida como eutanásia – é considerado homicídio pela legislação brasileira. Por outro lado, nada impede a ortotanásia.

- A palavra vem do latim. *Orto* quer dizer correta, *tanatus* significa morte. Ortotanásia é então a morte natural, correta, que não é prolongada artificialmente. Então são usados medicamentos paliativos, como a morfina, por exemplo, para impedir o sofrimento desnecessário do paciente.

Seja qual for a causa ou a denominação descrita nas leis brasileiras, o fato é que o ato de morrer ainda intriga e causa temor àqueles que aguardam pela única certeza da vida.

Só por

CURIOSIDADE

Maquiagem para mortos

Existe uma maquiagem específica para cadáveres, feita a base de água. O motivo: a pele do morto fica diferente de quando a pessoa era viva, mais rígida e com transpiração mais forte, devido à câmara de refrigeração. Com a fórmula especial, não há risco de ficar uma aparência oleosa ou de a pintura borrar.

Cola?

Não é incomum que a boca do morto seja fixada com cola instantânea para evitar que fique aberta ou que abra durante o velório. Mas preparadores de corpos afirmam que o melhor mesmo é dar “dois pontinhos”, ou fazer uma sutura, nos lábios, retocando com uma cola especial para pele humana.

Fantasia estranhas

Fetiche, cada um tem o seu - mesmo quando o assunto é morte. No Crematório Primavera, Carlos Eduardo Gummersbach mostrou um caixão no modelo americano, com duas portas que lembram uma geladeira com refrigerador, e contou que casais costumam alugá-lo em “circunstâncias especiais”. A empresa faz a entrega e busca o caixão de volta - mas a limpeza é por conta de quem fez a locação.

Urnas diferentes

Existem urnas de todos os tipos, gostos e para todos os bolsos. Ouro, bronze, metal ou madeira. Grande, média ou pequena. Para casais ou irmãos. Umas possuem compartimentos para guardar os pertences do

morto, mas a mais interessante de todas é a urna ecológica.

Feita de fibra de coco e bambu, foi produzida com o intuito de ser enterrada no quintal da casa do familiar, ou outro local escolhido. Em seu interior são colocadas as cinzas (que atuam como um adubo orgânico), terra e a semente de uma planta ou fruta.

Ranking de cremações

No Brasil a cidade de Porto Alegre tem o maior índice de cremações em relação aos óbitos, com 8%. A cidade de São Paulo está em segundo lugar, com aproximadamente 5%.

No mundo quem lidera esse ranking é o Japão, com 99%. A explicação para isso é que o país não tem espaço físico para enterrar pessoas. Em seguida vem a Grã-Bretanha com 70%, Alemanha com 35% e os Estados Unidos com 32%. Já no Brasil, a cremação ainda está no começo.

Para animais

Para aqueles que consideram seu animal de estimação como um membro da família, foi criado o Clube Pet Memorial, em São Paulo. Um espaço dedicado aos animais e que também possui um crematório exclusivo para eles.

Quando o bichinho morre, o dono chama o serviço de remoção, realizado por uma equipe do clube. O velório pode ser na Capela de São Francisco, Santo padroeiro dos animais. Um veterinário acompanha toda a cremação.

No plano estão inclusas as urnas, com o padrão da raça do bicho. Se o proprietário do animal não quiser levar as cinzas para casa, pode deixá-las no cinerário do local.

Impacto ambiental

Muitas pessoas acreditam que o solo fica completamente inutilizado após o sepultamento de corpos. Pesquisas feitas durante seis anos pela Associação Cemitério dos Protestantes concluem que se o enterro for feito da maneira correta, o impacto ambiental é desprezível.

Testes mostraram que a água encontrada a 65 centímetros abaixo do caixão pode ser potável depois de uma filtração. Mas esse espaço entre o caixão e a água deve ser preenchido com drenos de areia e pedra britada. A quatro metros da sepultura, a água já é potável, sem a necessidade de qualquer tipo de filtração.

Até o fim

Um dos profissionais afirmou durante as entrevistas que nunca acreditou em vida após a morte. Mas sua visão sobre o tema mudou no dia que começou a ver espíritos acompanhando os corpos até os últimos instantes. Após passar por mais de quatro mil enterros ou cremações, jura que não houve uma despedida sequer sem a presença e vigilância constante da alma.

Fechado para reformas

No capítulo sobre crematórios foram contadas as histórias de três deles: Guarulhos, Santos e Itapeverica da Serra. O único da cidade de São Paulo, localizado na Vila Alpina, não estava aberto para visitas. O motivo? Uma reforma, que levaria três meses para ser concluída. Profissionais de cemitérios e outros crematórios disseram que não havia obra nenhuma marcada para o local, e que a assessoria de imprensa da prefeitura fechou as portas para visita por outros problemas. Nada foi confirmado.

Rabiscos no chão

A imagem do contorno do corpo desenhado no chão com giz é comum em filmes e seriados norte-americanos. Muitas vezes é esse o pensamento que vem à mente quando se lembra de uma cena de crime. Porém, esse procedimento não é realizado no Brasil.

Aqui, a perícia do corpo é feita no local onde ele foi encontrado, assim não há a necessidade de demarcar a posição do cadáver. Já nos Estados Unidos, por exemplo, os corpos são retirados e periciados em laboratórios próprios e, para não mudar as características da cena do crime, a polícia desenha o contorno do corpo.

Artigos de papelaria

Fita adesiva, esparadrapo e filtro de papel. Misturar artigos tão usuais ao nosso dia-a-dia pode até não fazer muito sentido ao primeiro olhar, mas esses são alguns dos materiais utilizados pelos peritos criminais brasileiros. A fita adesiva captura impressões digitais encontradas na cena de um crime.

Primeiro, o perito passa um pincel com pó colorido para destacar o desenho da digital, depois é só colar a fita por cima, retirá-la e colocar sobre uma lâmina de vidro, que será enviada para o laboratório.

Para fazer exames residuais nas mãos de suspeitos, os quais determinam se há pólvora ou chumbo (indícios de utilização de arma de fogo), o perito cola dois pedaços de esparadrapo nos dedos indicador e polegar do indivíduo, fricciona o local para esquentar e abrir os poros, liberando as possíveis substâncias, e depois cola as tiras no papel filtro, que protege os vestígios até a análise científica.

Serviço gratuito

Embora o mercado da morte movimente muito dinheiro entre funerárias, crematórios e cemitérios, boa parte da população brasileira é da classe baixa. Sem dinheiro para bancar cerimônias ou caixões luxuosos, para muitas famílias resta a opção de procurar uma funerária que trabalhe com urnas sociais. São caixões lisos, sem ornamentos e muitas vezes até sem verniz, mas que fazem parte do pacote gratuito oferecido a quem não pode pagar.

Urnas e caixões

As pessoas conhecem caixão como o local no qual o morto será enterrado, e urna como uma pequena caixa onde são dispostas as cinzas após a cremação. Mas, entre os profissionais do ramo funerário, os dois objetos são conhecidos como urnas. Caixão é, na verdade, a caixa de madeira retangular, sem nenhum tratamento, e que costumava ser utilizada antigamente.

Doação de órgãos

Em caso de morte cardiorrespiratória, os únicos órgãos que podem ser doados são córneas, pele e osso. Quando a morte é encefálica, onde existe respiração e circulação sanguínea, podem ser retirados todos os órgãos.

Para a retirada de órgãos em caso de morte encefálica, médicos brasileiros são obrigados por lei a aplicar uma injeção anestésica no morto, compatível com a utilizada em cirurgias cardíacas.

Depois da guilhotina

A morte reconhecida historicamente é a cardiorrespiratória. Essa premissa passou a ser contestada após ser verificado que condenados à morte por guilhotina continuavam com algumas reações corpóreas depois da decapitação. A descoberta mostrou que as funções vitais do organismo poderiam ser mantidas mesmo que artificialmente após a morte.

Quase morte

Existem duas doenças, a Letargia e a Catalepsia, capazes de enganar os médicos. Quando o indivíduo sofre de um desses males, sua função cardiorrespiratória fica muito lenta, imperceptível até mesmo em exames clínicos.

Inclusive, na catalepsia, a pessoa apresenta sinais de rigidez cada-vérica. O atestado de óbito é, então, assinado e o paciente acaba por ser enterrado vivo. Tempos depois, quando chega a hora de exumar o corpo, o cadáver é encontrado de bruços no caixão, o que evidencia o erro médico.

Lágrimas – e conversas – caras

A figura da carpideira, mulher paga para chorar em velórios, era muito comum no século XIX e início do XX, quando os mortos determinavam o quanto foram poderosos em vida pelo tamanho de seus cortejos fúnebres. Porém, a carpideira resiste em pleno século XXI, principalmente na região Nordeste do país, onde ainda há o domínio dos coronéis e grandes fazendeiros. Uma das autoras deste livro conversou com uma das únicas profissionais da cidade de São Paulo por telefone:

- Faço parte de um grupo de jornalistas e estamos escrevendo um livro sobre os profissionais que trabalham com a morte. Já falamos com coveiros, agentes funerários, peritos, e gostaríamos de conversar com a senhora também.

- Eu costumo cobrar por esse tipo de serviço.

- Cobrar para dar uma entrevista jornalística? – a repórter perguntou, um pouco incrédula com a informação. E curiosa.

- Quanto a senhora cobraria?

- Uma média de R\$ 200.

A jornalista ainda continuou argumentando por um tempo, mas decidiu que era melhor desistir da entrevista. Afinal, a atitude da carpideira não era uma surpresa tão grande assim: quem cobra para chorar também cobra para “prosear”.

VIVER DA MORTE

BIBLIOGRAFIA

Livros:

CHIAVENATO, Júlio José; A morte, uma abordagem sociocultural. São Paulo: Moderna (Coleção Polêmica), 1988

SARAMAGO, José; As Intermitências da Morte. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

SHERWOOD, Hugh C.; A entrevista jornalística. São Paulo: Mosaico, 1981

MELO NETO, João Cabral; Morte e vida Severina. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969

LISPECTOR, Clarice; Uma aprendizagem ou O Livro dos Prazeres. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio; Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005

ARIES, Philippe; O homem diante da morte. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990

ARIES, Philippe; História da Morte no Ocidente: da idade média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977

MARANHÃO, José Luiz de Souza; O que é morte. São Paulo: Brasiliense, 1985

LEPARGNEUR, Hubert; Lugar atual da morte: Antropologia, medicina e religião. São Paulo: Paulinas, 1986

HENNEZEL, Marie de; A arte de morrer: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade. Rio de Janeiro: Vozes, 2003

BECKER, Ernest; A negação da morte. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976

KUBLER-ROSS, Elizabeth; Sobre a morte e o morrer. São Paulo. EDART, 1977

BARBARIN, Georges; O livro da morte doce: como não temer mais o instante da morte. São Paulo: Paulus, 1997

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado; Metr pole da Morte, Necrópole da Vida: Um Estudo Geográfico do Cemitério de Vila Formosa. São Paulo: Carthago Editorial, 2004

MARTINS, Eduardo; O Estado de S.Paulo, Manual de Reda o e Estilo. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1990

Sites:

<http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/1696/atlas.html> - Atlas On Line de Medicina Legal

<http://www.sfcsp.com.br/index.html> - Serviço Funerário Central de São Paulo

http://portal.prefeitura.sp.gov.br/empresas_autarquias/servico_funerario/historia/0001 - História do Serviço Funerário do Município de São Paulo

http://portal.prefeitura.sp.gov.br/noticias/empresas_autarquias/servico_funerario/2004/08/0001 - Modelos de urnas e serviços funer is, custos e valores.

<http://www.ibge.gov.br/home> - Pesquisas relacionadas a expectativa de vida

<http://www.sincep.com.br> - Sindicato dos Cemitérios Particulares do Brasil

<http://www.funerariaonline.com.br> - FOL - Funerária Online

<http://www.petmemorial.com.br> - Crematório para animais Pet Memorial

Documentário:

Nós que aqui estamos por v s esperamos – Brasil, 1998 – Marcelo Negrão

Publicações:

Revista da Folha – revista dominical da Folha de S.Paulo – edição de julho/2006

A metodologia da história oral, ou história do tempo presente, como suporte para as técnicas de entrevista jornalística. Revista Ciências Humanas, Taubaté, SP, v. 6, n. 2, p.45-47, jul./dez. 2000

Artigos científicos:

PESCAROLO, Joyce Kelly; MORAES, Pedro Rodolfo Bode de; Morte e Contágio Moral. UFRGS, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007

WAIZBORT, Leopoldo; A vida humana e a maturidade no processo de civilização. USP, São Paulo, São Paulo, 1997